

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

JOCY MENESES DOS SANTOS JUNIOR

ARTE EM TRANSIÇÃO

Goiânia
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Jocy Meneses dos Santos Junior

Título do trabalho: Arte em transição

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Jocy Meneses Dos Santos Junior, Discente**, em 06/12/2025, às 10:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira, Professor do Magistério Superior**, em 06/12/2025, às 14:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kelly Christina Mendes Arantes, Professora do Magistério Superior**, em 24/02/2026, às 17:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5776004** e o código CRC **C07B2257**.

Referência: Processo nº 23070.058317/2025-73

SEI nº 5776004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

JOCY MENESES DOS SANTOS JUNIOR

ARTE EM TRANSIÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Artes Visuais – Licenciatura da Faculdade de
Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás,
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciade em Artes Visuais.

Orientação: Profa. Dra. Kelly Christina Mendes
Arantes

Coorientação: Prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira

Goiânia
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos Junior, Jocy Meneses dos
Arte em transição [manuscrito] / Jocy Meneses dos Santos Junior. -
2025.
105 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Kelly Christina Mendes Arantes; co
orientador Dr. Elinaldo da Silva Meira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2025.
Bibliografia. Anexos.

1. Gênero. 2. Trans. 3. Arte. 4. Educação. I. Arantes, Kelly
Christina Mendes, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dois dias do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Arte em transição”, de autoria de Jocy Meneses dos Santos Junior, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira - coorientador (FAV/UFG), neste ato representando a prof.ª Dr.ª Kelly Christina Mendes Arantes - orientadora (FAV/UFG) que está licenciada, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof.ª Dr.ª Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral (FAV/UFG) e Ms. Mavi Turíbio (membro externo). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final 10,0 (dez), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira, Professor do Magistério Superior**, em 03/12/2025, às 19:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mavi Turíbio registrado(a) civilmente como Marcus Vinícius Turíbio De Brito, Usuário Externo**, em 03/12/2025, às 19:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valeria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 04/12/2025, às 03:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5776017** e o código CRC **CAB4599A**.

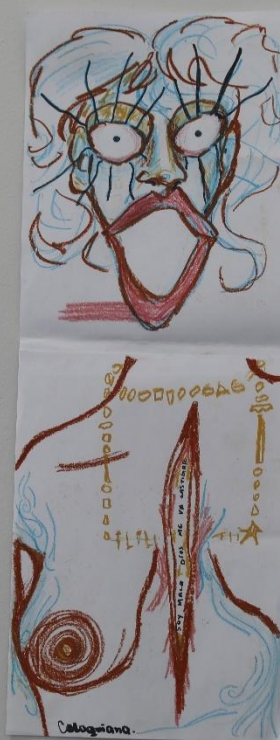
DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a Ana Luiza Torres Pereira, nossa eterna Coluquiana. Em 02 de julho de 2025, enquanto trabalhava nas primeiras escritas sobre a experiência no grupo para um relatório, recebi a triste notícia de sua trágica partida. Estava pensando em você. Tinha dúvidas para as quais jamais terei resposta. Pensei em te mandar mensagem. Deixei para outra hora. “Ainda teremos tempo para falar melhor sobre isso”, pensei. Algumas coisas se encerram de repente. E, depois desses finais, é como se nada mais fizesse sentido por um tempo. O que posso dizer é que sentimos falta. Da sua voz. Das suas ideias. Da sua arte. Do seu sorriso. Da sua presença contagiante. Não te esqueceremos! Ficará para sempre na minha memória nosso último encontro, no grupo, em que você fez o autorretrato e escreveu o texto reproduzidos adiante, em uma foto onde aparecem seus dedinhos. Te agradeço por ter abrihantado nossas vidas.



Na foto acima, Coluquiana estava lendo, por pura coincidência (se é que coincidências existem), o meu trecho favorito do livro “Dezessete”, de Beta Reis. O vídeo pode ser assistido em: <https://www.instagram.com/p/DLnL0Jru3Ps>.

Esses são alguns exercícios desenvolvidos por Ana em nossos encontros. Prova dos processos pessoais que ela estava vivendo. Prova de que ainda tinha muito a ser vivido. Prova de que perdemos uma grande artista.





“Esse desenho ao lado é meu e sou eu, agora é seu também, espero que se entendam. Tenho questionado tudo: a identidade, a língua e a lenda. O misticismo da verdade, e talvez seja da idade, do meu comprometimento em viver com gosto, um retorno pra frente. Sem muita vergonhice, medo ou constrangimento. Essa força toda eu tenho aprendido aqui também. A pintar com o pé e talhar com as mãos, agora, as minhas verdades. Eu sou muitas em uma só, o mato que mata: sente.”

Coloquiãna

AGRADECIMENTOS

Sei que é protocolar fazer um listão de pessoas que a gente ama nessa parte do trabalho. Peço licença para escapar do protocolo. Família, amizades e docentes que me orientaram e que integram a banca examinadora, eu tenho muita gratidão a vocês. Mas quero aproveitar dessas páginas iniciais para reproduzir parte do texto que li na abertura da exposição “transmutações”, culminância das atividades do Grupo de Estudos Arte em Transição. Para mim, faz mais sentido. Antes, no entanto, aproveito para agradecer a duas figuras que tornaram tudo isso possível: Nicolas Montefusco, que fez a ponte entre mim e a Escola de Artes Visuais, e Gabriel Neves, que nela me acolheu. Estava em estado de absoluta inércia, descrente de meu próprio potencial, quando vocês me colocaram em movimento. E que movimento! Mas enfim, disse que escaparia do protocolo, e já me vejo reproduzindo-o, rs. Segue o texto:

no último encontro do arte em transição, falamos um bocadinho sobre “auto gestação”. defendi o termo com certa paixão mas, eterna contradição que sou, ao parar depois para pensar, percebi que não sinto que me “auto gastei”. algumas pessoas muito preciosas para mim me gestaram. mamãe, primeiro. depois, meus amores não binários, os espelhos onde me vi e finalmente gostei do que via. mavi. marte. Or13nd4. sim, as decisões que tomei nesse parto foram minhas, mas nada disso existiria sem essas referências que me mostraram que é possível. elas me carregaram, não em seus ventres, mas em seus braços fortes, todas as vezes que esse mundo cruel tentou me derrubar por ser como elas. sei que é um clichêzão, mas eu definitivamente sou porque nós somos.

mas a transição só tem começo. eu continuo a transicionar, todo dia. o grupo de estudos arte em transição me transicionou. eu venho transicionando sem parar desde que tomei um café com gabriel na tia nair, em janeiro, para ele me apresentar seus planos para a escola de artes visuais e me convidar a fazer parte deles (e é na pessoa dele que eu agradeço toda a equipe da eav). eu transicionei rodando como carona com a motorista de aplicativo jeanne pelo campus samambaia

da ufg. eu transicionei andando por aí com a pasta cheia de adesivos de césar. eu transicionei bebendo três caipirinhas com bicho li na rua do lazer. eu transicionei toda vez que joão me chamou de vó. eu transicionei quando encontrei, desencontrei e reencontrei Orl3nda. eu transicionei ao receber aqui lari mundim, beta reis e o lab transcetrado. eu transicionei falando um milhão de vezes para nick essa semana que precisava de uma pausa (metafórica) para chorar enquanto montávamos essa exposição. eu transicionei enquanto fazia planos com arthur para transicionar a rua 8. eu transicionei abraçando vênus na sacada desse prédio. eu transicionei toda vez que, sem planejar, encontrei mikaela no ru e ela me contou do seu dia. eu transicionei lendo com encantamento todos os poemas que maju me mandou no whatsapp. eu transicionei quando ita me agregou em sua busca por um espelhinho na feira da marreta. eu transicionei quando o meu bem entrou na minha vida, há quatro meses. eu transicionei naquela conversa profunda que tive com marcos em um cantinho desse prédio. eu transicionei enquanto tentava lembrar de que bar vanessa me conhecia. eu transicionei enquanto nicté gritou por uma hora ininterrupta no meu ouvido voltando de carro de Brasília. eu transicionei toda vez que karine fez questão de passar por aqui antes de ir para o trabalho. eu transicionei pensando em ana e na falta que ela faz. eu transicionei, também, em contato com quem nos acompanhou em algum ponto dessa jornada, mas não fez parte dessa exposição: stéfani, noah, hannah, o outro marcos, kenia, sandra, marina, paulo, luiza e as convidadas de maju e arthur. há rastros da passagem dessas pessoas por aqui. e esses rastros também me transicionaram.

vocês me transicionaram. vocês me fizeram querer transicionar. vocês me encorajaram a transicionar. vocês me fortaleceram a transicionar. vocês me ampararam ao transicionar. vocês transicionaram comigo.

"Não tô entendendo nada, mas tô entendendo tudo.
É arte!"

— pessoa aleatória na rua, sobre o meu *look*
basiquinho para ir à terapia numa segunda-feira
qualquer

“Eu sou arte, seguirei fazendo arte e a minha arte
vai te educar, nem que seja no soco.”

— Lua Xeya, em “Mais um dia”

RESUMO

Quais deslocamentos pode promover o contato com as produções acadêmicas e artísticas de pessoas trans e travestis? Surge dessa pergunta o Grupo de Estudos Arte em Transição, que se reuniu, em dois ciclos, entre abril e outubro de 2025, na Escola de Artes Visuais da Secretaria de Estado da Cultura de Goiás (EAV/SECULT-GO). Em oito encontros, discutimos trabalhos teóricos e práticos desenvolvidos por pessoas trans e travestis em diversas linguagens artísticas e, a partir deles, produzimos respostas criativas. Esse processo culminou na organização da exposição “transmutações”. A fim de aprofundar as reflexões sobre a pergunta de pesquisa, convidamos um grupo de estudantes do Ensino Médio para conhecer a exposição e participar de uma oficina de desenho e escrita, intitulada “O que eu gostaria de transmutar?”, com integrantes do Grupo de Estudos Arte em Transição. Esse escrito, que é parte relato, parte experimento, se divide em dois momentos, cada um deles constituído por dois capítulos. No primeiro momento (composto pelos capítulos “Grupo” e “Encontros”), me dedico a mostrar **como esses deslocamentos foram promovidos**, através da proposição tanto do Grupo de Estudos Arte em Transição quanto do encontro dele com estudantes do Ensino Médio, e, no segundo (formado pelos capítulos “Manifesto” e “Deslocamentos”), me esforço para apresentar **quais deslocamentos foram esses**, apresentando falas que emergiram dos diálogos que tivemos nessas experiências e refletindo sobre elas.

Palavras-chave: Gênero; Trans; Arte; Educação.

ABSTRACT

What shifts can contact with the academic and artistic productions of transgender and travesti people promote? This question gave rise to the Art in Transition Study Group, which met in two cycles between April and October 2025 at the School of Visual Arts of the Goiás State Secretariat of Culture (EAV/SECULT-GO). Over eight meetings, we discussed theoretical and practical works developed by transgender and travesti people across various artistic languages and, based on these, produced creative responses. This process culminated in the organization of the exhibition “transmutations”. To deepen the reflections on the research question, we invited a group of high school students to visit the exhibition and participate in a drawing and writing workshop entitled “What Would I Like to Transmute?”, facilitated by members of the Art in Transition Study Group. This text, which is part report, part experiment, is divided into two sections, each consisting of two chapters. In the first part (comprising the chapters “Group” and “Encounters”), I focus on showing **how these shifts were promoted** through both the proposal of the Art in Transition Study Group and its encounter with the high school students. In the second part (comprising the chapters “Manifesto” and “Shifts”), I aim to demonstrate **what these shifts were**, presenting statements that emerged from the dialogues we had during these experiences and reflecting on them.

Keywords: Gender; Trans; Art; Education.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1 GRUPO | 17 |
| 2 ENCONTROS | 24 |
| 3 MANIFESTO | 61 |
| 4 DESLOCAMENTOS | 67 |
| CONSIDERAÇÕES | 83 |
| REFERÊNCIAS | 87 |
| ANEXO 1 – TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS | 89 |
| ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES DO GRUPO DE ESTUDOS | 90 |
| ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES DA OFICINA | 93 |
| ANEXO 4 – PLANOS DE AULA DO GRUPO DE ESTUDOS | 96 |
| ANEXO 5 – CADERNO DE LEITURAS DA EXPOSIÇÃO | 100 |
| ANEXO 6 – PLANO DE AULA DA OFICINA | 105 |

INTRODUÇÃO

A forma como pessoas trans e travestis muitas vezes foram e ainda são vistas a partir da cisgeneridade, por um olhar que as exotifica, outriza e subalterniza, ditou as representações comumente feitas destas, as quais, por sua vez, contribuíram para monstrificá-las e aliená-las do direito de serem vistas e tratadas como seres humanos. Estas representações servem de instrumentos pedagógicos que deformam percepções, em um ciclo vicioso ordenado de forma a negar possibilidades de vida a quem não se assujeita à cisnormatividade.

A arte, que tanto serviu aos projetos de marginalização de pessoas trans e travestis, vem sendo explorada por elas na contemporaneidade para confabular formas de existência, funcionando como vetor de transformação de realidades individuais e coletivas. Mas não só isso. Nossas proposições alargam as definições mesmas de arte, estabelecendo debates que não devem ficar circunscritos apenas à comunidade trans, porque contribuem para pensar e construir esse campo de saberes e fazeres.

Êda Figueiró de Oliveira (2021) percebe a arte, em uma sociedade transfóbica, como

ferramenta de transmutar as ofensas, a lama que nos jogam e modelar dela outra realidade outra dimensão onde os efeitos podem ser revertidos. Arte enquanto algo que nos dá essa força e nos encoraja a também de alguma forma agir. Nesses fazimentos renascemos promovendo curas, curando grandes traumas (e temos especial intimidade com processos de renascimento) (p. 144).

Entretanto, ela adverte que “apesar de ser o campo das artes um campo frutífero para nossas expressões transvestigeneres onde tem brotado tanta magia, é também ainda, para nossas corpos dissidentes, um campo de batalha” (p. 155).

Exemplo disso é a sistemática subestimação e invisibilização de nossos corpos, experiências e trabalhos. Vulcanica Pokaropa (2020, n.p.) relata “estar cansada de ouvir de bocas cisgêneras que nós não estamos produzindo, que nós não estamos qualificadas, e que não nos conhecem”. Renata Carvalho (2022) nos diz que

a cisgeneridade artística não vê pessoas trans/travestis como capacitadas para desenvolver produtos artísticos de qualidade ou como produtoras de intelectualidades, teorias ou conceitos no fazer artístico, pois os cisgêneros [...] se sentem superiores às pessoas trans/travestis e com isso, já partem do princípio que esses artistas não poderiam ter nada a ensinar ou propor, bloqueando a escuta (p. 76).

As maneiras de pensar e fazer arte estão sendo reelaboradas desde a reivindicação do campo artístico pela transgeneridade, ultrapassando os cânones e suas limitações e propondo novos olhares e caminhos. No entanto, algumas perguntas se impõem. Quantos textos de autorias trans/travestis você já incluiu nas ementas de suas disciplinas? Quantas obras de artistas trans/travestis você já trabalhou em sala de aula? Quantas pessoas trans/travestis você já trouxe para conversar com estudantes sobre arte? O ideal seria que a consideração, a apreciação e a discussão dessas ideias e produções se desse naturalmente, em conjunto com as que já são trabalhadas (por vezes, exaustivamente) em todos os contextos de ensino. Mas, como isso ainda está longe de se tornar realidade, é preciso criar espaços onde ela possa ocorrer.

É nesse sentido que surge a proposta do Grupo de Estudos Arte em Transição, com o objetivo geral de construir um local de acolhimento, partilha, discussão, problematização, experimentação e aprendizagem tendo como referência produções em e sobre arte desenvolvidas por pessoas trans e travestis. Esses trabalhos acadêmicos e artísticos foram explorados como motivações para momentos teórico-práticos em torno de questões que concernem à criação artística, identitária e comunitária. Moveu a proposição do grupo e os encontros realizados o seguinte questionamento: **quais deslocamentos pode promover o contato com as produções acadêmicas e artísticas de pessoas trans e travestis?**

O grupo não foi formado exclusivamente por pessoas trans e travestis, acolhendo também pessoas cisgêneras, justamente por acreditar que o contato com esses trabalhos pode oportunizar a elas aprender, refletir sobre as questões debatidas, e contribuir com as discussões coletivas a partir de suas perspectivas, de modo que as atividades do grupo ressoassem em suas próprias vivências pessoais e artísticas.

Os objetivos específicos do Grupo de Estudos Arte em Transição foram: (i) apresentar a produção de pessoas trans e travestis que produzem e/ou pesquisam no campo das artes; (ii) debater sobre as formas como esta produção dialoga com questões sociais, culturais e políticas, confabulando modos de fazer e pensar arte que transcendem às normativas e cânones; (iii) convidar as pessoas participantes a produzirem respostas criativas às discussões em grupo em palavras e/ou imagens; (iv) organizar uma exposição dos resultados; (v) analisar as discussões e produções

para verificar se e como as pessoas participantes do grupo se apropriaram dos temas abordados.

Foi desenvolvida, ainda, uma ação pedagógica com estudantes da educação básica, que teve como objetivo aprofundar as reflexões sobre a pergunta de pesquisa. 14 adolescentes visitaram a exposição realizada pelo Arte em Transição e puderam interagir com pessoas que dele participaram. Considerando que mais de 70% tanto do quantitativo de artistas que participaram da exposição “transmutações”, que foi visitada por esse público, quanto das pessoas que ministraram a oficina “O que eu gostaria de transmutar?”, da qual ele participou, é constituída por pessoas trans e travestis, essa ação pedagógica permitiu investigar que deslocamentos que esses contatos promoveram.

Em termos metodológicos, estiveram em minha cabeça ideias em torno da cultura visual e das pedagogias críticas que visam a autonomia e a emancipação, com as quais tive contato em meu processo formativo. Entretanto, não me reporto diretamente a elas porque o resultado culmina das apropriações que fiz, sem que alguma metodologia específica tenha servido de ponto de partida para as experiências aqui relatadas. Sinto que os textos aos quais tive acesso e as pessoas que me ensinaram nesse percurso me constituíram como alguém que experimenta entre a pesquisa e a docência, mas que foi preciso transicionar minhas referências para conseguir alcançar os objetivos aos quais me propus, porque o que vem pronto da cisgeneridade está longe de abarcar nossas experiências. Nesse processo, tomei emprestadas ideias, mas as tornei minhas. É um risco calculado. Fazer uma infinidade de citações a partir da literatura canônica certamente me traria mais segurança de que esse trabalho seria bem aceito academicamente. Mas acredito que o que experimentamos e conquistamos no grupo transcendeu tudo que eu conhecia. Poderia tentar enquadrar, para fins científicos, a abertura para viver essas experiências, para partilhar, para me deixar afetar e para construir conhecimento coletivamente que vivi no Arte em Transição em alguma metodologia pré-existente, mas me sentiria mentindo. Nada do que eu aprendi na universidade me preparou para algumas das coisas que vivi junto com as pessoas do Arte em Transição. Partilhamos muitos sorrisos, mas também outras situações que infelizmente lembram o quanto é dura a nossa realidade. E, no fim do dia, sabemos que só temos nós por nós. Por isso, desenvolvemos formas de aprender e ensinar que permitam a manutenção de nossas vidas, antes de mais nada. Mas queremos mais que sobreviver. Traçamos caminhos,

metodologias, rumo a uma vida plena, acreditando na importância da arte, da cultura visual e da educação para isso (Santos Junior; Turíbio, 2023). Arte em Transição foi uma experiência nesse sentido. O que vivemos ainda não tinha nome. E não nos preocupamos em nomear. Preferimos viver. E escrever projetos de vida, contra os projetos de morte escritos para nós.

No primeiro capítulo, abordo o histórico de criação do grupo, e reúno dados relevantes acerca das pessoas participantes. No segundo, trato especificamente dos encontros, mostrando o que foi planejado e o que foi executado, e apresento a exposição “transmutações”. No terceiro, realizo um experimento de colagem textual a partir das falas das pessoas participantes do grupo, que tomou o formato de um manifesto, no qual são expressados nossos ideais e posicionamentos acerca da arte, mas não só. No quarto, menciono os deslocamentos que percebi tanto a partir das conversas do grupo quanto da visita à exposição e da oficina “O que eu gostaria de transmutar?”, das quais participaram 14 estudantes do Ensino Médio.

1 GRUPO

No dia 24 de janeiro de 2025, recebi de Gabriel Neves, coordenador da Escola de Artes Visuais (EAV), o convite para lá ministrar uma atividade. Ele havia tomado conhecimento de uma oficina de colagem que eu realizei no mês anterior no Centro Cultural UFG, e propôs que eu desenvolvesse uma proposta nos mesmos moldes.

Nos encontramos no dia 29 de janeiro para discutir nossas ideias. Nesse encontro, Gabriel me apresentou o espaço da EAV. A partir de nossas conversas, mudamos os planos iniciais, optando por realizar uma atividade de caráter teórico-prático de longa duração, que abordasse a produção acadêmica e artística de pessoas trans e travestis, em diálogo com meus interesses pessoais e profissionais. Pensamos, inicialmente, que essa atividade poderia ser um ciclo de conversas.

No dia 11 de fevereiro, nos encontramos novamente e desenhamos conjuntamente mapas mentais. Essa estratégia viabilizou pensar, a partir de alguns eixos centrais, sobre a configuração que a atividade poderia ter. Ao colocar no papel todas as possibilidades que vislumbrávamos, gerando ideias, pudemos começar a tomar algumas decisões. Traçamos expectativas e objetivos, e começamos a delinear os públicos pretendidos e as metodologias a serem exploradas. Optamos pelo formato de Grupo de Estudos. Decidimos (com muita dificuldade) o nome: Arte em Transição.

Figura 1. Mapa mental



Foto: Gabriel Neves

No dia 17 de março, concebemos a identidade visual do grupo.

Figura 3. Identidade visual do Grupo de Estudos Arte em Transição

ARTE em
transição

Criação: Gabriel Neves

Em 18 de março, as primeiras peças de divulgação do Grupo de Estudos Arte em Transição foram veiculadas nas redes sociais do Centro Cultural Octo Marques¹ e no site da Secretaria de Estado da Cultura do Estado de Goiás². A divulgação foi replicada por diversos veículos de comunicação.

Figura 4. Peças de divulgação veiculadas nas redes sociais do Centro Cultural Octo Marques e do Grupo de Estudos Arte em Transição



Criação: Gabriel Neves

¹ <https://www.instagram.com/p/DHWSIDyxbz->

² <https://goias.gov.br/cultura/escola-de-artes-visuais-abre-inscricoes-gratuitas-para-o-grupo-de-estudos-arte-em-transicao/>

Figura 5. Matéria veiculada no site da Secretaria de Estado da Cultura de Goiás



Home > Notícias > Escola de Artes Visuais abre inscrições gratuitas para o grupo de estudos "Arte em Transição"

Escola de Artes Visuais abre inscrições gratuitas para o grupo de estudos "Arte em Transição"

Última Atualização em 18 de março de 2025
Categoria Notícias

Compartilhar



Encontros mensais serão realizados aos sábados, a partir do próximo dia 29 de março, sob coordenação do artista visual Jocy Junior

A Escola de Artes Visuais (EAV) abre, nesta terça-feira (18/3), inscrições gratuitas para o grupo de estudos "Arte em Transição", coordenado pelo artista visual Jocy Junior, especialista em pesquisa, prática e docência em artes. Com o tema central "Como pessoas trans e travestis têm dilatado o pensamento e a prática artísticas no Brasil?", serão oferecidas 20 vagas para encontros mensais.

As inscrições podem ser feitas até 28/3, e os interessados devem enviar para o e-mail ccom@goias.gov.br os seguintes dados: contendo nome completo, nome da atividade ("Grupo de Estudos Arte em Transição"), e-mail e telefone para contato.

O grupo se reunirá mensalmente, aos sábados, a partir do próximo dia 29 de março, das 9h às 12h. Os demais encontros estão previstos para os dias 26/04, 31/05 e 07/06. As reuniões têm como objetivo propor leituras, reflexões e discussões sobre as transições no pensamento e na prática artísticas no Brasil, seguidas por exercícios criativos que respondam a este momento teórico, transmutando as conversas em arte.

No ato da inscrição, é preciso descrever o assunto como "Inscrição grupo de estudos", e, no corpo do e-mail, nome completo, nome da atividade, e-mail e telefone para o contato. A seleção é feita por ordem de chegada dos e-mails.

Serão disponibilizados materiais básicos, mas os participantes podem trazer seus próprios materiais de uso artístico, tais como papel, lápis de desenho e de cor, giz de cera, tinta, pincel, marcador, tesoura, cola, entre outros.

A Escola Artes Visuais é uma unidade da Secretaria de Estado da Cultura (Seculti), e funciona no Centro Cultural Octo Marques, na Rua 4, 515, Centro (entrada pela Rua 7).

Fonte: Secretaria de Estado da Cultura de Goiás

Figura 6. Matéria veiculada no jornal Diário da Manhã



EAV abre inscrição para grupo de estudos

REDAÇÃO

A Escola de Artes Visuais (EAV) está com inscrições gratuitas para o grupo de estudos "Arte em Transição", coordenado pelo artista visual Jocy Junior, especialista em pesquisa, prática e docência em artes. Com o tema central "Como pessoas trans e travestis têm dilatado o pensamento e a prática artísticas no Brasil?", serão oferecidas 20 vagas para encontros mensais.

As inscrições podem ser feitas até o próximo dia 28, sexta da semana que vem, e os interessados devem enviar para o e-mail ccom@goias.gov.br os seguintes da-

dos: contendo nome completo, nome da atividade ("Grupo de Estudos Arte em Transição"), e-mail e telefone para contato.

O grupo se reunirá mensalmente, aos sábados, a partir do próximo dia 29 de março, das 9h às 12h. Os demais encontros estão previstos para os dias 26/04, 31/05 e 07/06. As reuniões têm como objetivo propor leituras, reflexões e discussões sobre as transições no pensamento e na prática artísticas no Brasil, seguidas por exercícios criativos que respondam a este momento teórico, transmutando as conversas em arte.

Fonte: Diário da Manhã

Em 19 de março, a professora Kelly Mendes, minha orientadora, me cadastrou como pessoa colaboradora em seu projeto de pesquisa em andamento, "Fragmentos de Memória: Construindo subjetividades docentes e discentes no trânsito entre o passado e o presente", estabelecendo diálogos entre minhas ideias iniciais e seus objetivos de pesquisa e respaldando em termos éticos a produção desse Trabalho de Conclusão de Curso (Anexos 1, 2 e 3).

No primeiro ciclo do Grupo de Estudos Arte em Transição, nos encontramos em 05³ e 26 de abril, 31 de maio e 14⁴ de junho. O planejamento inicial era de que fossem realizados apenas quatro encontros, mas a experiência foi tão exitosa que eu, a professora Kelly Mendes e a gestão da EAV pensamos em estender a experiência

³ O encontro originalmente aconteceria em 29 de março, entretanto, no dia 24 de março, a gestão da EAV nos notificou que o espaço passaria por uma dedetização nesta data, o que ocasionou o adiamento do início de nossas atividades.

⁴ O encontro originalmente aconteceria em 7 de junho, mas, por questões de ordem pessoal, no dia 19 de maio abri uma enquete em nosso grupo no aplicativo de mensagens WhatsApp com a proposta de adia-lo em uma semana, que foi acolhida.

por mais tempo. Fiz ao grupo, em junho, a proposta de que nos encontrássemos por mais quatro meses. A sugestão foi prontamente acatada. Combinamos que seriam abertas novas vagas, mas que quem já integrava o grupo não precisaria fazer nova inscrição. Os encontros do segundo ciclo aconteceram nos dias 12 de julho, 16 de agosto, 13 de setembro e 11 de outubro.

Em 7 de julho, foi feita uma divulgação das novas vagas nas redes sociais do Centro Cultural Octo Marques⁵.

Figura 7. Peças de divulgação veiculadas nas redes sociais do Centro Cultural Octo Marques



Criação: Gabriel Neves

Participaram do grupo, efetivamente, 25 pessoas: 19 no primeiro ciclo, 17 no segundo (sendo que 8 pessoas que estiveram no primeiro não participaram do segundo, enquanto 6 pessoas novas ingressaram). Acredito ser importante registrar seus nomes (com suas autorizações para tal): Arthur Nelson Clemonez de Abreu, bicho li vallejo t, Felipe César Pereira Costa, Gabriel Neves da Silva, Hannah Karolina V F G Fagundes, Itandehuy Castañeda Demesa, Jeanne Jardini da Silva, João Pedro Teles Pires, Karine Rodrigues Soares Santana, Kenia Estevam de Castro, Luiza Araújo Amélio, Maju Prado Desidério, Marcos Felipe Fidelis Araújo, Marcos Felipe Vieira de Oliveira, Marina de Jesus Gomes, Mikaela de Brito Pastana, Nick Faria

⁵ <https://www.instagram.com/p/DLz1wEyR2Ar>

Lopes, Noah Levi Vieira Mendonça, Orlando Gonçalves Martins de Moura, Paulo Roberto Milhomem de Brito, Sandra Oliveira Skowronski, Stéfani Rosalem Mendes, Vanessa Ferreira Marinho e Vênus Ishtar Santos Alves.

Dentre as pessoas que participaram do grupo, 5 são não binárias, 4 são mulheres trans / travestis / pessoas transfemininas, 2 são homens trans / pessoas transmasculinas, 1 é gênero fluido, 8 são mulheres cisgênero e 5 são homens cisgênero. Quanto à orientação sexual, 9 pessoas são bissexuais e/ou pansexuais, 8 são heterossexuais, 3 são homossexuais, 2 são demissexuais, 1 se autodenominou *queer*, 1 descreveu seus relacionamentos como transcetrados e 1 afirmou não se rotular. Em termos de raça/etnia, 21 se autodeclararam brancas, 3 negras e 1 indígena. No que tange à classe social, 2 pertencem à classe B, 9 à classe C e 14 às classes D/E. As idades variam entre 18 e 54 anos, tendo 19 pessoas entre 18 e 29 anos e 6 entre 30 e 54 anos. Fez parte do grupo uma pessoa com deficiência. Sobre a origem, tivemos duas pessoas oriundas de outros países, Honduras e México, duas de outro estado do Brasil, Bahia, e o restante do grupo foi composto por pessoas nascidas em diversas cidades de Goiás. Todas as pessoas residiam em cidades goianas, sendo 23 delas na capital, Goiânia, 1 em Senador Canedo e 1 em Aparecida de Goiânia. Seus relatos indicaram interesse nas mais diversas linguagens artísticas.

2 ENCONTROS

Nos encontros do Grupo de Estudos, foram propostas leituras, reflexões e discussões coletivas sobre as transições no pensamento e na prática artísticas no Brasil a partir das produções acadêmicas e artísticas de pessoas trans e travestis, seguidas por exercícios criativos que respondiam às nossas conversas.

Os encontros seguiram uma sistematização flexível⁶, que consistia em três momentos. No primeiro momento, fazíamos uma revisão do encontro anterior, eu apresentava o planejamento do encontro presente e organizávamos a dinâmica para o próximo; e depois tínhamos um momento poético, no qual realizávamos a leitura coletiva em voz alta de poesias de autorias trans. No segundo momento, duas duplas escolhidas no encontro anterior apresentavam dois textos previamente selecionados por mim, contendo dados sobre a autoria (ênfatisando biografia, currículo e outras produções) e a discussão das ideias centrais do texto, com destaque de passagens importantes⁷. No terceiro momento, trabalhávamos na produção de respostas criativas às leituras e discussões, que, a depender da proposta do dia, podiam ser feitas de forma individual ou coletiva. Cada participante ou grupo tinha a liberdade de escolher em que linguagem artística preferia desenvolver seus exercícios.

Entretanto, alguns planos mudaram. Certos encontros não tiveram momento poético. Um dos textos foi apresentado individualmente porque a outra pessoa da dupla não conseguiu comparecer naquela data. Para um dos encontros, planejei apenas uma leitura, mais extensa. Em outro, cancelei uma das leituras propostas, visto que seria apresentado por uma dupla que contava com Ana Luiza, cuja perda não permitia simples substituição. Nos dois últimos encontros tivemos leituras para casa – três e duas, respectivamente –, que não foram apresentadas por duplas. No caso do penúltimo encontro, porque recebemos uma convidada (o que não estava nos planos iniciais, mas foi uma ótima ruptura da rotina, como veremos adiante). Já no último, para nos dedicarmos à organização e montagem de nossa exposição.

Em adição, mantivemos também um diário, no qual as pessoas participantes podiam intervir a qualquer momento durante os encontros.

⁶ Os planos de aula podem ser conferidos no Anexo 4.

⁷ No planejamento inicial, o restante do grupo ficaria encarregado de também fazer a leitura em casa e trazer perguntas, comentários e outras referências – visuais, audiovisuais, sonoras e/ou textuais – que dialogassem com os textos apresentados. No entanto, apesar de reforçar esse ponto várias vezes, a adesão a essa proposta foi muito baixa. Infiro que isso tenha ocorrido em decorrência de dois fatores: a falta de tempo para ler previamente os textos em casa e/ou a comodidade de conhecer as leituras propostas apenas a partir da apresentação realizada pelas duplas durante os encontros.

Figura 8. Diário⁸

Foto: Jocy Junior

O formato de grupo de estudos foi escolhido por permitir que as pessoas pudessem efetivamente contatar os pensamentos que me interessava mobilizar. Não era a intenção preparar aulas e levá-las prontas para o grupo, mas despertar nele a postura ativa de buscar a construção de seu próprio conhecimento. Por entender, no entanto, que nem sempre todas as pessoas teriam condições de ler em casa, propor apresentações feitas por participantes contribuiu para que todas as pessoas pudessem acessar os pensamentos abordados. As leituras foram selecionadas de modo a privilegiar algumas autorias menos conhecidas, por acreditar que os trabalhos de certos nomes são mais fáceis de acessar por conta própria. Ainda assim, estudamos também a produção de algumas pessoas cujo pensamento circula mais, por reconhecer que seus textos são basilares. Transitamos por diversas linguagens artísticas: artes visuais, artes cênicas, música, dança, literatura.

Adiante, apresento breves relatos acerca dos encontros, enfatizando as leituras realizadas e as dinâmicas que se estabeleceram a partir delas. Incluo algumas fotografias e imagens produzidas para alimentar nosso perfil na rede social Instagram⁹, @artemtransicao.

⁸ O diário foi confeccionado por Anna Beatriz Ribeiro Cardoso, colega de turma na Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

⁹ A criação de nossa conta nessa rede social parte de uma ideia e de um desejo de Orlando, uma das integrantes do grupo.

Figura 9. Registro fotográfico do primeiro encontro



Foto: Gabriel Neves

No primeiro encontro do Grupo de Estudos, realizado em 5 de abril, discutimos, a partir de dois textos escritos por Vulcanica Pokaropa (2020; 2022), sobre a seguinte questão: “E pessoas trans e travestis fazem arte?”. Os textos foram apresentados em dois grupos, divididos por mim.

As palavras da autora foram valiosas para a compreensão de que sim, pessoas trans e travestis fazem arte. Fazem muita arte. Fazem arte de qualidade. Mas, infelizmente, essa produção enfrenta uma série de desafios, como a tentativa de confinamento a determinados assuntos, sobretudo aqueles atrelados à dor, ao sofrimento, à violência, “resumindo as nossas existências a essas temáticas e desejando que fiquemos nesse lugar de subalternidade, de precarização, de ter que implorar para nos manter vivos” (2022, p. 29).

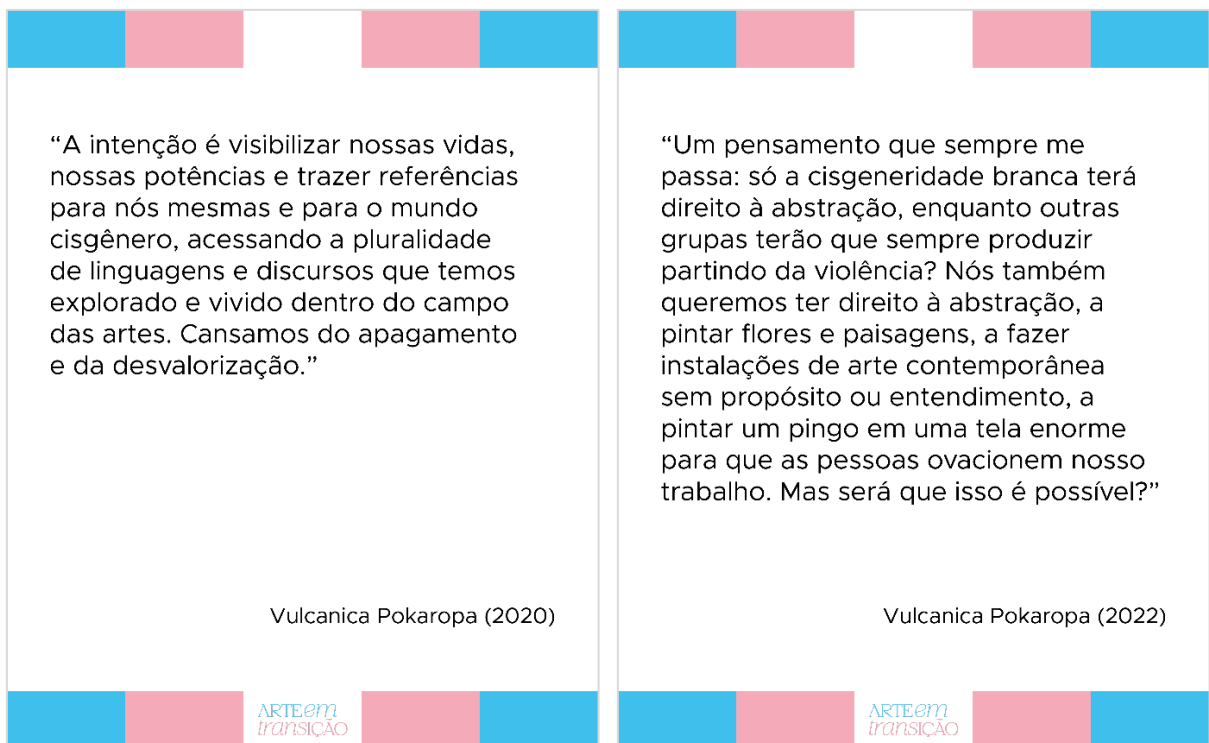
Problematizamos a ideia de que nós sofremos, como se esse sofrimento fosse natural ou, até mesmo, culpa nossa. Lembramos que esse sofrimento, na verdade, é imposto a nós pela transfobia. Frente a tudo isso, reivindicamos que não queremos meramente sobreviver, mas ter direito, também, à felicidade.

Além disso, a autora questiona a nossa exclusão do sistema da arte como um todo, tanto no que diz respeito à formação artística quanto à ocupação de espaços na dinâmica expositiva (seja como artistas, seja na curadoria, no educativo ou demais postos de trabalho em instituições de arte).

À revelia, seguimos “trilhando caminhos que até então a sociedade não quis e não quer que façamos” (2020, n.p.). A autora afirma que “temos que lembrar das potencialidades, criatividade e da excelência que nossa população tem trazido como contribuição à arte brasileira e do mundo” (2022, p. 25)

Em um de seus textos, Vulcanica Pokaropa comenta a necessidade de que pessoas trans possam se referenciar em outras pessoas trans, para que “possamos nos ver e criar pontes, identificações entre nós” (2020, n.p.). As falas de participantes apontam que o Arte em Transição oportunizou isso. Mas não somente. Uma reflexão potente que despontou nesse encontro foi de como ele era, também, uma oportunidade de convivência dentre as diferenças, e de aprendizado em meio a elas.

Figura 10. Imagens construídas para o perfil do Grupo de Estudos Arte em Transição no Instagram



Criação: Jocy Junior

Iniciamos, ainda, a construção de um mural a partir da pergunta: “Que artistas trans e travestis eu conheço?”, que seguiu sendo atualizado até o fim de nossos encontros, a partir dos nomes que as pessoas participantes conheceram e trouxeram nesse ínterim.

Figura 11. Registro fotográfico do segundo encontro



Foto: Paulo Roberto

No segundo encontro, realizado em 26 de abril, nós abordamos uma tríade de questões: “Arte? Artista? Trans?”. Nosso enfoque era pensar sobre o que estamos falando quando falamos sobre “arte” e “artista”, isoladamente e em conjugação com a palavra “trans”.

Com base em um texto de Agrippina Manhattan (2017), Noah e Mikaela apresentaram como os espaços artísticos e educativos excluem sistematicamente pessoas transvestigêneres, impondo obstáculos para sua formação e atuação como artistas. A autora é enfática: “as artes e a academia ainda não estão preparadas para que nossas questões sejam levantadas. Mas não há mais tempo de espera: as travestis chegaram para mostrar que, na verdade, aqui sempre estiveram” (p. 97).

Já bicho li e Orlando nos trouxeram, a partir de uma entrevista de Helena Vieira (2024), tensionamentos a respeito da ideia de existência de uma “arte trans”. Nas palavras de Helena,

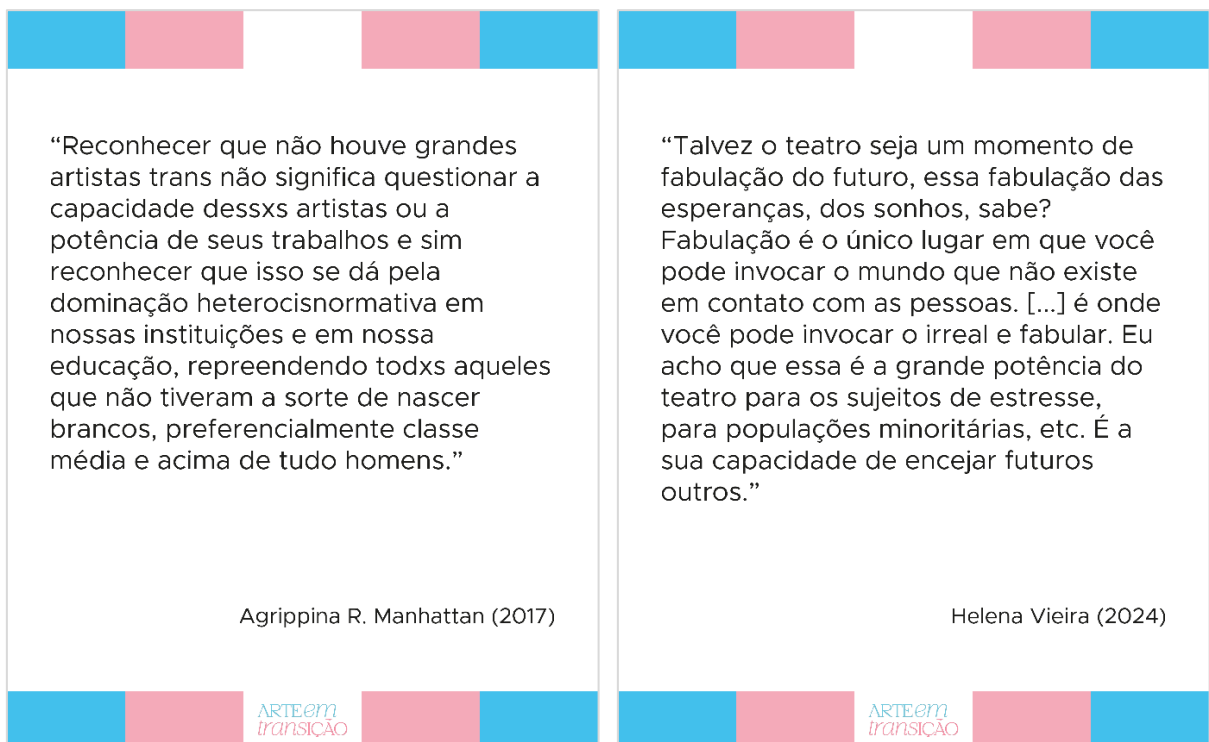
as identidades ensinam experiências, mas não ensinam as mesmas experiências, de modo que eu não posso encontrar nada entre as produções artísticas trans que eu possa chamar de uma arte trans, porque elas são tão diversas que não existe um elemento em comum capaz de construir uma categoria em específico. Pensar dessa forma reinstala uma dicotomia clássica, de que os homens e os brancos fazem a arte universal e a mulher faz a arte de mulher, a trans faz a arte trans. Estamos restritos ao mundo privado, ao mundo da particularidade, daquilo que nos é carnal. É como se os homens tivessem a transcendência e nós a carnalidade, somente (n.p.).

Na entrevista, ela nos convida a fazer a arte que nos dê prazer, problematiza a fixação redutiva nos relatos de experiências traumáticas e critica a burocracia que dificulta a captação de recursos e a falta de formação de público.

O conjunto dessas reflexões nos ajudou a aprofundar nosso entendimento das barreiras que pessoas trans e travestis enfrentam para se desenvolverem como artistas e serem reconhecidas e valorizadas como tal. Pensamos, em grupo, sobre as falhas da ideia de meritocracia, convergindo na ideia de que a falta de acesso a materiais e oportunidades é um obstáculo que precisa ser observado, bem como a transfobia que permeia as instituições.

Discutimos, ainda, que a arte em si, enquanto concepção ocidental e colonial, carece de problematizações, bem como a segregação sistemática das produções feitas por existências subalternizadas (“arte trans”, “arte feminina”, “arte negra”, “arte indígena”), em oposição àquela feita pelo suposto sujeito universal. Precisamos concentrar esforços para combater essas categorizações reducionistas, retirando o poder da nomeação externa. Uma obra de Rembrandt, Portinari ou Picasso é tratada como “arte cis”? Quais seriam as implicações disso?

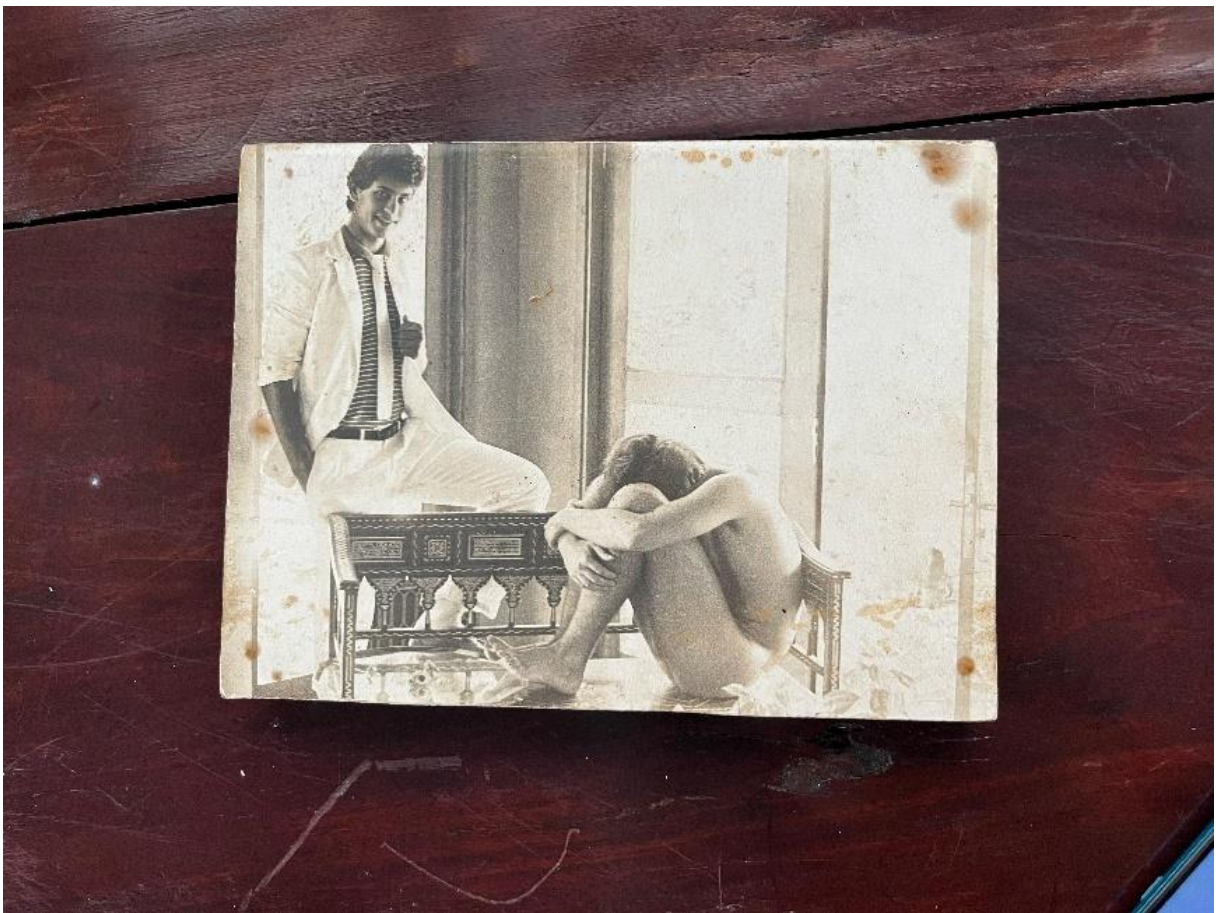
Figura 12. Imagens construídas para o perfil do Grupo de Estudos Arte em Transição no Instagram



Criação: Jocy Junior

No momento de produção criativa, levei um quadro que achei na rua, com a reprodução de uma imagem que considero representativa da violência de gênero, e sugeri que o grupo trabalhasse a partir dela. A proposta era problematizar as dicotomias de gênero, os papéis que esperam de nós e as relações violentas que se instauram a partir deles. Ainda que a maioria das pessoas tenha preferido fazer outras coisas, foi possível perceber também um bom engajamento com a proposta, inclusive com a intervenção direta no próprio quadro, o ressignificando.

Figura 13. Quadro levado para intervenção e/ou inspiração e produções de bicho li, João Pedro e Mikaela



Fotos: Noah Levi (acima) e Jocy Junior (abaixo)

Figura 14. Registro fotográfico do terceiro encontro



Foto: Paulo Roberto

O tema de nosso terceiro encontro, realizado em 31 de maio, foi “Performances artísticas? Performances de gênero?”. A partir da consideração dos múltiplos significados do verbo “performar”, buscamos compreender nossas próprias performances como atos estéticos e políticos.

Arthur e Ana apresentaram uma seleção de textos de Ian Habib (2022) que tratam sobre performatividade, transformação e identidade. Com esses textos, aprendemos o seguinte:

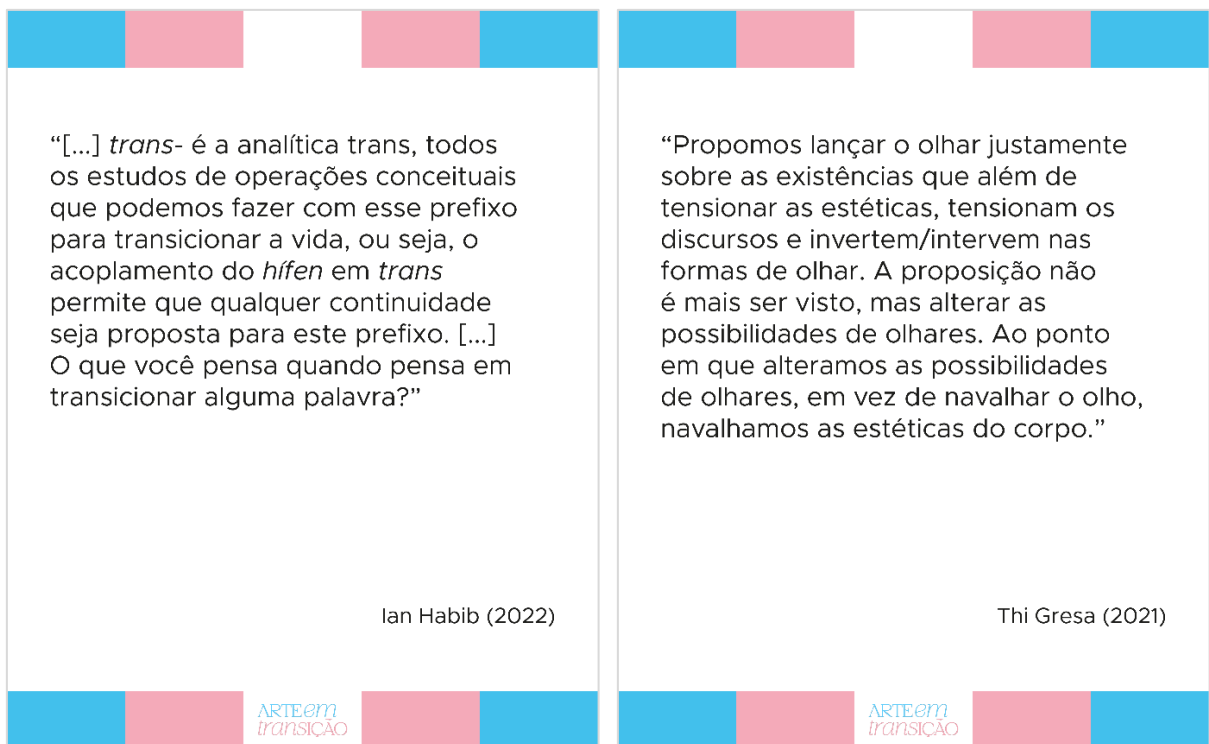
A performatividade de gênero são atos corporais generificados. A identidade é uma fabricação sustentada por signos produzidos por esses atos, ou seja, o modo de produção corporal de significados sociais e culturais através desses atos, reiterada e coletivamente. Performatividade de gênero cênica são atos corporais generificados cuja fabricação ocorra como acontecimento na performance, coincidindo ou não com a performatividade cotidiana (Habib, 2022, p. 62).

A outra dupla, composta por Maju e Karine, nos trouxe reflexões a partir de um texto de Thi Gresa (2021), no qual são abordadas “novas formas do fazer político e novas formas estéticas de ser e estar no mundo, ou seja, novas e inventivas formas de existência” (n.p.). Algumas palavras-chave do texto: indisciplina, dissidências,

tensionamentos, fricções, ruídos, rebeldia, desobediência, experimentações, subverter, incompletude, borrar, transitar, indefinição, falta, erro, desvio (do fim, do final, do completo), possibilidades impossíveis, *work in process*, corpos-colagens, risco, corpos nômades, desterrados, corpos da fissura.

Pensar sobre esses temas nos levou a questionar práticas de estereotipação e o modo como elas generalizam nossas imagens, nossos corpos e nossas vivências desde pontos de vista insuficientes e usualmente preconceituosos. Em meio a isso, se intensificou nossa percepção da importância de que pessoas trans e travestis tenham espaço para criar arte, alargando entendimentos (próprios e da sociedade) acerca de quem somos e do que podemos fazer.

Figura 15. Imagens construídas para o perfil do Grupo de Estudos Arte em Transição no Instagram



Criação: Jocy Junior

Nesse encontro, iniciamos a produção de autorretratos simbólicos. A proposta era de que as pessoas cisgêneras trabalhassem individualmente, e as pessoas trans em grupo. A regra para todes era a mesma: os autorretratos não poderiam mostrar rostos. Com isso, pretendia que as pessoas evidenciassem suas personalidades, seus eus interiores, não apenas suas aparências. Levei para o grupo de pessoas trans uma moldura de espelho que encontrei na rua, e a partir dela iniciamos a produção coletiva.

Figura 16. Registro fotográfico do quarto encontro



Foto: Paulo Roberto

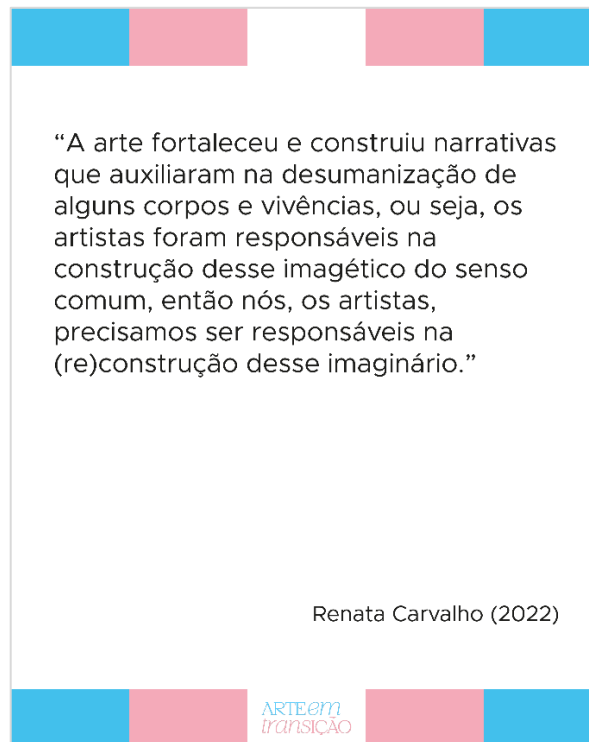
O quarto encontro do Grupo de Estudos, em 14 de junho, iniciou com o discurso da cantora Liniker em sua posse na Academia Brasileira de Cultura¹⁰. Ele foi movido pela questão “O que é representatividade?”. Muito se fala sobre a importância da visibilidade para comunidades subalternizadas, como é o caso das pessoas trans. Entretanto, nem toda visibilidade nos interessa. Isso porque as representações estereotipadas e caricatas reforçam nossa marginalização, o medo de nós e a violência contra nós. Servem, então, como estratégias de desumanização.

Já nas primeiras páginas do texto que discutimos, assinadas pela transpóloga Renata Carvalho (2022), ela afirma que representatividade na arte “significa se ver representado de forma positiva” (p. 67). Logo, não há representatividade nas imagens transfóbicas, que influenciam “a percepção de todas as pessoas, inclusive de pessoas trans/travestis sobre si [...] e/ou sua comunidade” (p. 71). Se impõe, então, um movimento duplo: pensar que discursos sobre as pessoas trans a arte faz circular, e que papéis elas têm desempenhado na construção mesma desses discursos, de modo a “ampliar as narrativas e histórias que rodeiam os corpos trans/travestis nas produções artísticas. e [...] os papéis destinados a artistas trans/travestis nessas produções” (p. 71). Isso não está circunscrito apenas à esfera das artes: “Quando artistas trans/travestis reivindicam representatividade trans/travesti nas artes, buscam também representatividade trans/travesti em todos os espaços sociais” (p. 70).

¹⁰ Pode ser conferido em: <https://www.youtube.com/watch?v=lcSkCqg5xsw>

Nossas conversas trataram da importância de ter cuidado com projetos cujo interesse em nossas participações seja meramente de utilizar nossas presenças para construir uma imagem de “inclusão”, “diversidade”. Em contraponto, quando o interesse em nós é genuíno, essas oportunidades contribuem para nosso desenvolvimento artístico, além de normalizar e humanizar nossa existência.

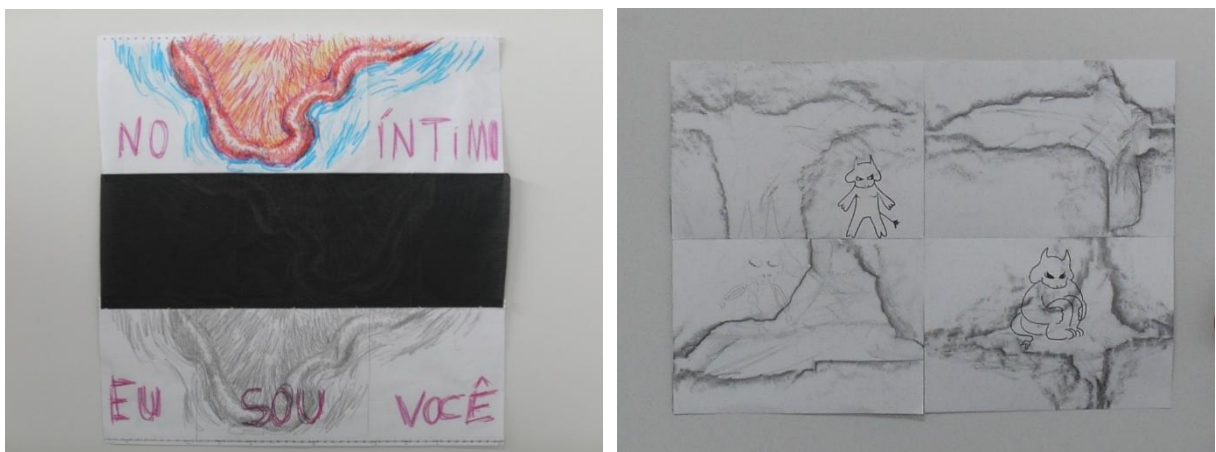
Figura 17. Imagem construída para o perfil do Grupo de Estudos Arte em Transição no Instagram



Criação: Jocy Junior

Nesse encontro, finalizamos, ainda, a produção dos autorretratos simbólicos.

Figura 18. Autorretratos de João Pedro e Marcos



Fotos: Jocy Junior (esquerda) e Luiza Domingos (direita)

Figura 19. nossos reflexos não cabem em molduras



Foto: Jocy Junior. Edição: Arthur Abreu.

Figura 20. Registro fotográfico do quinto encontro

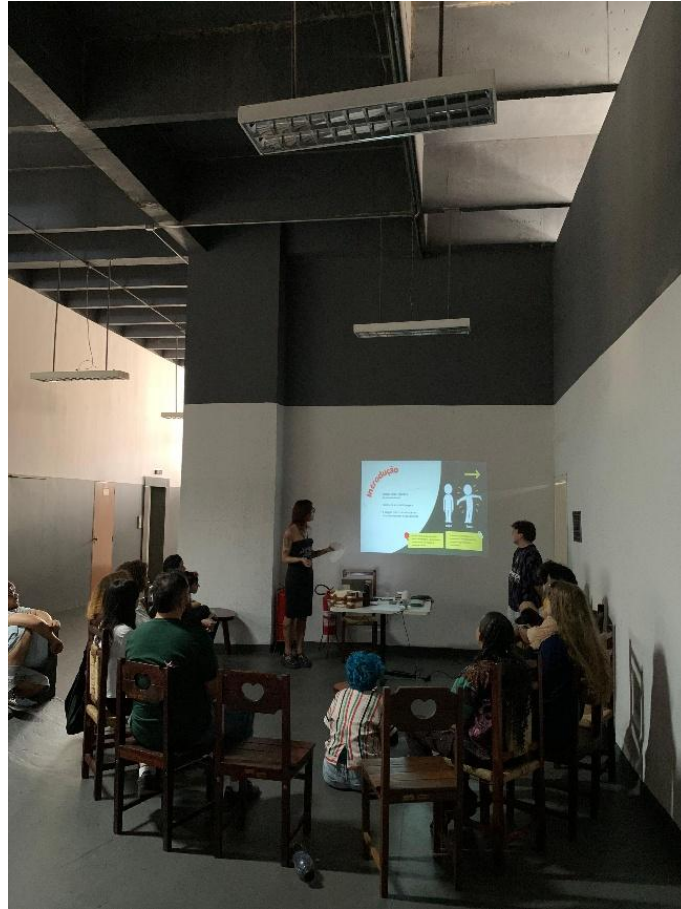


Foto: Gabriel Neves

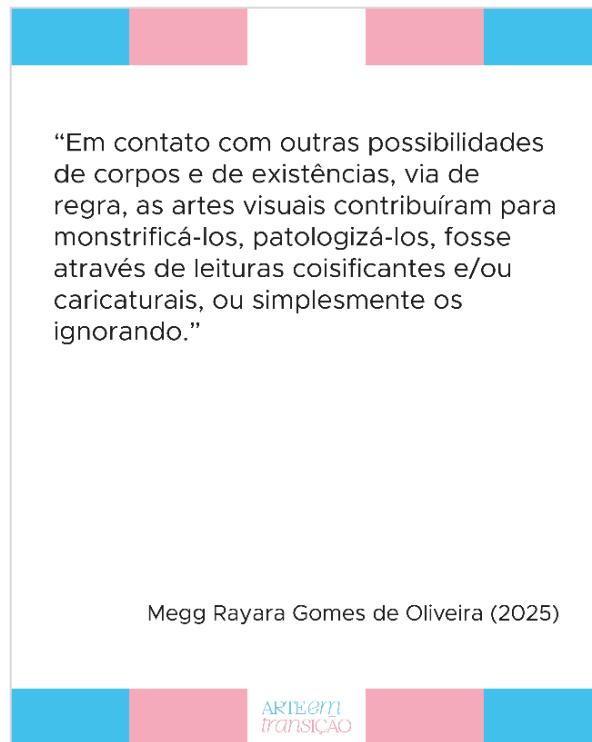
Em nosso quinto encontro, em 12 de julho, tivemos como tema “Por que pensar (contra) o cânone?”, buscando conhecer o cânone artístico que não nos representa ou nos representa mal para traçar caminhos que o confrontem ou escapem dele.

A partir de um texto de Megg Rayara Gomes de Oliveira (2025), Arthur e Mikaela apresentaram para nós reflexões sobre as formas como a arte mostrou – e, também, não mostrou – corpos transfemininos no curso da história. Se, em alguns períodos e culturas, elas eram construídas como “belas, sagradas e poderosas” (p. 31), em outros tiveram seus corpos “banidos, esquecidos e apagados” (p. 40) por meio de processos que os inscrevem “no campo da monstrificação, do patológico e principalmente do obscuro, do pecado, do exótico e da criminalidade” (p. 44). Megg nos lembra que as obras de arte que nos chegam passaram pelo crivo colonial, que pode ter obliterado as formas de perceber e representar os corpos que precederam a invasão e usurpação de territórios: “foi o homem branco europeu cisgênero heterossexual que decidiu o que deveria ser preservado, lembrado, celebrado” (p. 52).

Ela nos alerta, ainda, para “o poder normatizador, presente não apenas na produção artística do passado, mas, sobretudo nos estudos que as tematizam no presente” (p. 54).

As conversas no grupo propuseram repensar a ideia de corpo “universal”, representada pelo homem branco, cisgênero e heterossexual. Defendemos a existência de corpos diversos, e que nossos corpos não são “errados”, por mais que tentem nos fazer acreditar nisso. Houve falas no sentido de defesa da transição como movimento, mudança, frente a um mundo que pretende que os corpos e identidades sejam fixos, estáticos.

Figura 21. Imagem construída para o perfil do Grupo de Estudos Arte em Transição no Instagram

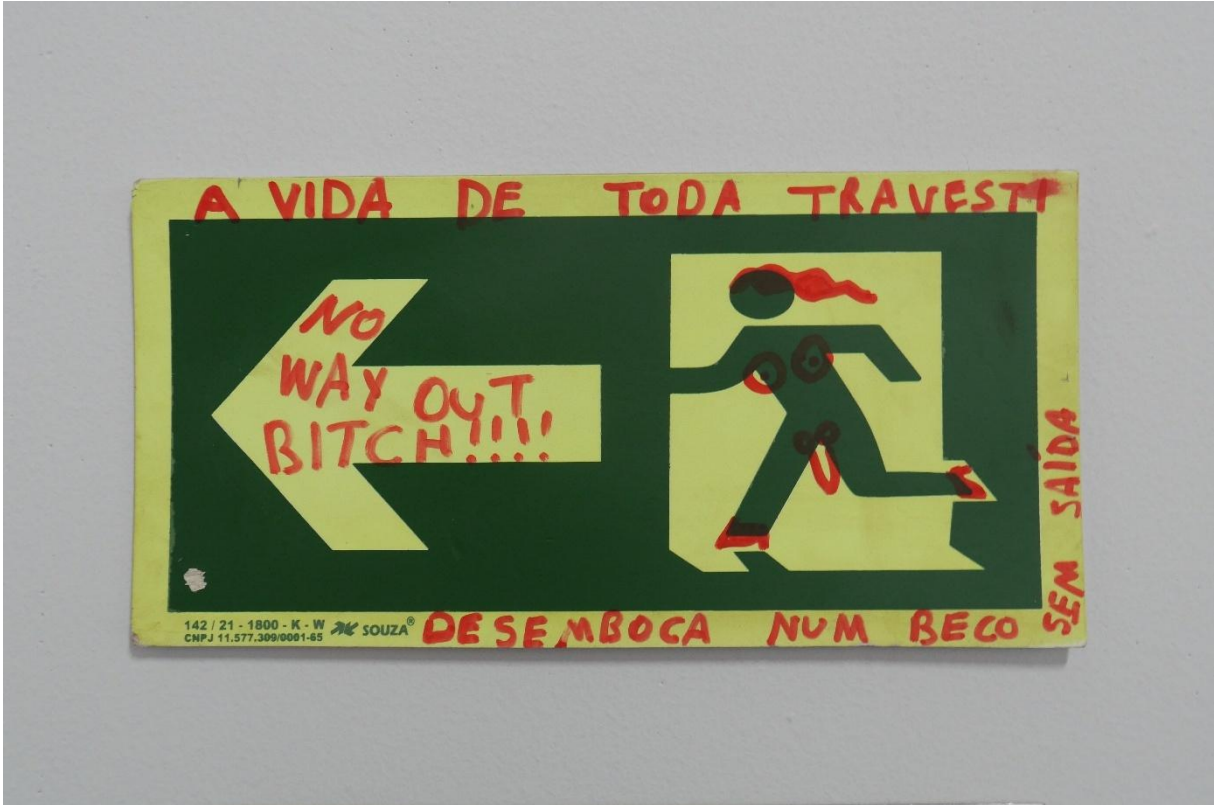


Criação: Jocy Junior

No início do encontro, realizamos a construção de um mural com palavras-chave referentes ao que lembrávamos das conversas que tivemos no primeiro semestre.

Para o exercício criativo, pensei que seria simbólico trabalhar com placas de sinalização, uma vez que elas se propõem a ordenar o mundo à nossa volta. Subvertê-las me pareceu uma boa forma de romper com a normatividade. Levei para o grupo placas que encontrei na rua, na Feira da Marreta e em outros locais que não posso confessar. Cada pessoa trabalhou individualmente nessa atividade.

Figura 22. Exercícios desenvolvidos por Mikaela, Itandehuy e Arthur



Fotos: Luiza Domingos

Figura 23. Registro fotográfico do sexto encontro



Foto: Karine Rodrigues

Em 16 de agosto, aconteceu nosso sexto encontro, no qual perseguimos respostas para a pergunta “Como podemos inventar outros futuros?”. O intuito foi fabular e confabular possibilidades de vida, no mais pleno sentido do termo. Nos acompanharam as palavras de Ventura Profana e Isadora Ravena.

O texto de Ventura Profana (2020), apresentado por bicho li e Stéfani, nos apresenta a arte como forma de profetizar vida, de “projetar vidas pretas travestis, vidas dissidentes num campo eterno” (p. 110). Reivindicar a arte é tática, “um posicionamento estratégico no meio de uma guerra” (p. 107). “A arte é o campo de batalha que eu escolhi” (p. 113), ela afirma. E, de forma muito bonita, sumariza estar em “uma disputa pela própria paz” (p. 113), colocando como seu “maior sonho” é “descansar” (p. 115), mesmo que não consiga vislumbrar o fim dessa guerra.

bicho li e Stéfani nos convidaram a um exercício coletivo, “Eu/Nos Profetizo”, onde escrevemos e lemos em voz alta nossas próprias profecias. “Liberdade de ser”. “Que possamos ter abundância em vida e dignidade”. “Que nossos corpos possam ser amados e respeitados como são”. “Que o medo vá embora e que saibamos que somos muitas”. “Que tenhamos muito aquí e axé”.

Figura 24. Eu/Nos Profetizo

EU/NOS PROFETIZO

que a mudança...!!!
E sou deus - e ante
TRANSICIONAR

Que será o tempo
não ser o tempo
linear e as coisas
lineares de agora
se tornadas sobre o
Eu e Danzaremos
o fim da ordem
por que, mistica
Através, trans,
mas

Que nós pessoas
trans, resta nos
ter abundância em
nossa

Que mecolha com
nos a totalidade
e ancestralidade

A PAZ!
Paz

que a fumaca
das plantas
limpie
nos

que todos
mt o que
e ate

Que nossos
corpos possam
ser amados e respeitados
como são!

Que o modo
de ver, entender
e que tenhamos
que nos
muitos

Que nossas irmãs
sejam salvas e
livres de covardia
e transobia do um
-puto covarde!

LIBERDADE
DE
SER!

A queda do capitalismo

Beleza

eu profetizo
viva sempre e
máxima e
feliz, cheia
de amor,
para mim
e para as
minhas!

que profetizo mesmo
implorando e mais
calma.

Você
nunca
está so!

Eu profetizo
JUSTIÇA A TODA
CRIATURA
QUE O SENHOR CRIAR
TOBE.

O FIM DO BARRACENDO

Foto: Gabriel Neves

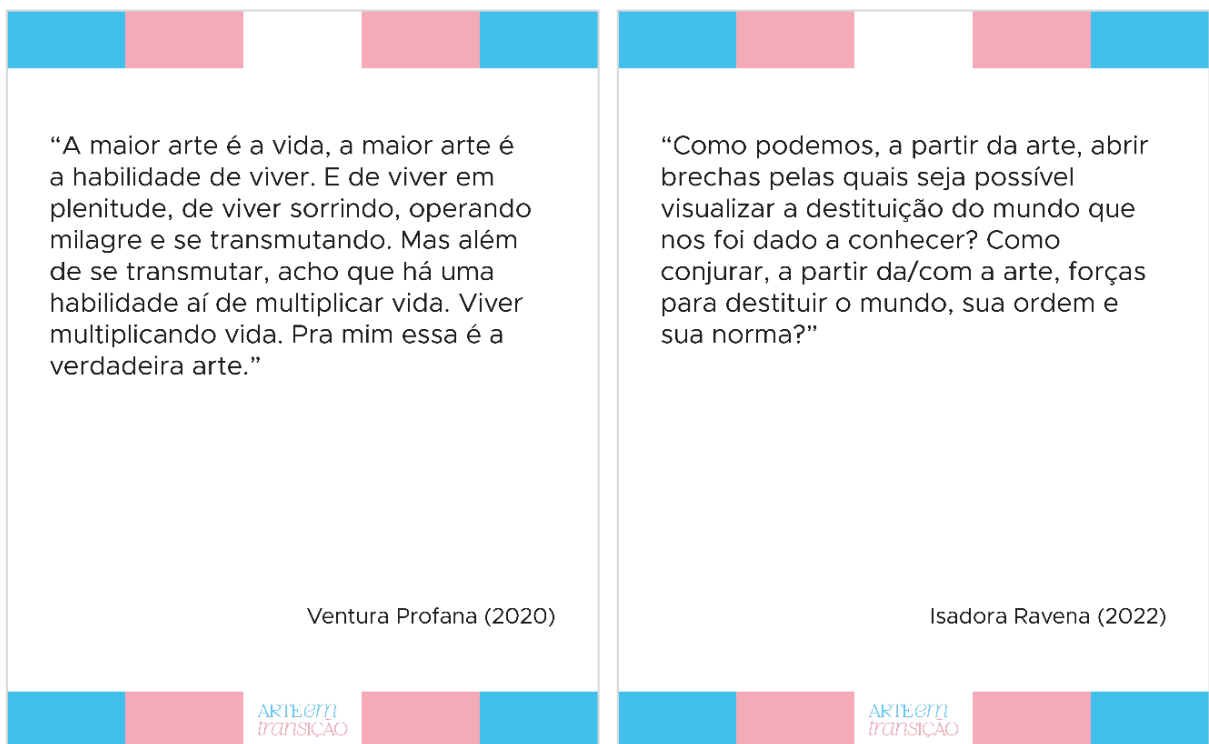
Já Isadora Ravena (2022) nos fala de travecametodologias de criação em arte, afirmando que “toda travecametodologia é ferida e é cura” (p. 98). Isadora compreende a transição como uma constante “inauguração de novas possibilidades” (p. 99). Isso reverberou em nós. Ela nos lembra:

foi a linguagem e sua tirania que nos ordenou sob as metafísicas transcendentais, sob a identidade, sob os clichês, sob as imagens despóticas e, fundamentalmente, sob todo e qualquer binarismo. [...] essa linguagem e o mundo que nos foi dado a conhecer a partir desta linguagem empenham-se em sequestrar a imaginação e sua força criativa (p. 98-99).

Mas, a partir da linguagem, diz ela, é também “possível fabricar mundos” (p. 99), e é por isso que se torna importante disputá-la, corrompê-la, destruí-la desde dentro, instaurar outras linguagens.

A partir dos textos, dialogamos sobre a guerra em curso contra a diferença, a diversidade. Uma das falas posicionou a educação como forma de transformar mundos. Houve, também, uma defesa da necessidade de manter certos saberes ocultos. A ideia de que tudo precisa ser explicado, revelado, foi problematizada como um processo desumanizador, porque os mistérios são parte do que nos faz seres humanos, e nossa humanidade é inegociável.

Figura 25. Imagens construídas para o perfil do Grupo de Estudos Arte em Transição no Instagram



Criação: Jocy Junior

Para o momento criativo, levei 13 espelhos e deixei a critério do grupo decidir se trabalharíamos individual ou coletivamente. A decisão foi pelo trabalho coletivo. Surgiu, então, a ideia de compor um mural, e algumas pessoas desenharam as outras. O que você vê de mim? O que eu vejo de você? O que isso diz de nós?

Figura 26. Mural realizado no sexto encontro



Fotos: Marina Gomes e Mikaela Pastana

Figura 27. Registro fotográfico do sétimo encontro



Foto: Gabriel Neves

No sétimo encontro, realizado em 13 de setembro, trabalhamos o tema “Que narrativas queremos construir?”, com o objetivo de exercitar nossa imaginação para criar as histórias que gostaríamos que existissem, negando os roteiros limitados e limitadores que não queremos interpretar. Participamos de uma oficina de escrita com Beta Reis, que propôs exercícios em diálogo com as leituras que fizemos.

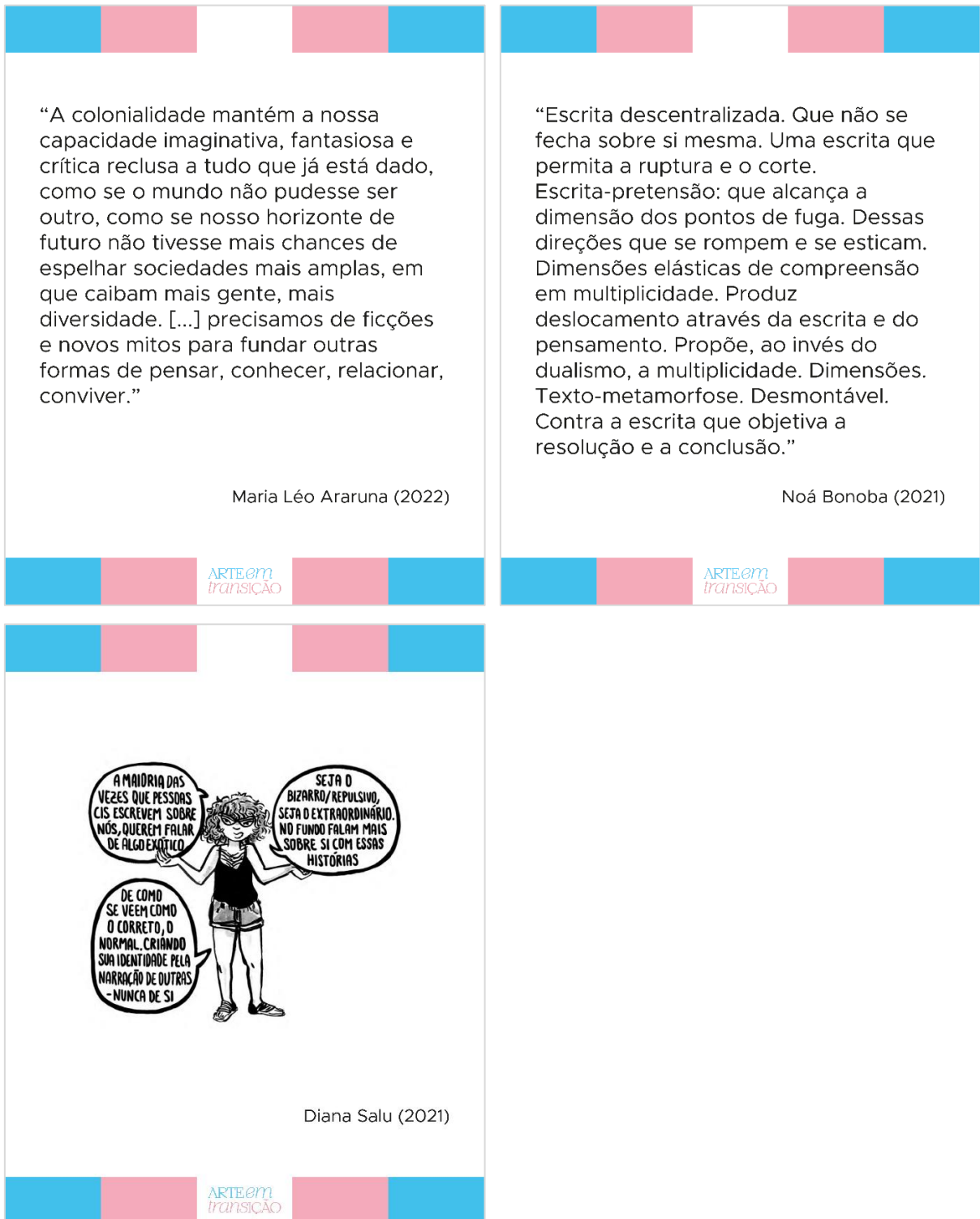
O primeiro texto, de Maria Léo Araruna (2022), nos apresenta a arte como “política de existência [...] capaz de produzir novos mundos e novos imaginários”, enfatizando a escrita como estratégia de “enfrentamento das histórias de violência que a colonização nos impôs, e a disseminação de outras narrativas sobre as relações sociais e as múltiplas vivências subjetivas da condição humana” (p. 104).

Na segunda leitura, Noá Bonoba (2021) realiza “experimentações textuais para dar conta de um trabalho de imaginação política em torno do debate do fim do mundo decretado desde a colonização”, nas quais pensa “como a arte pode vir a ser realizada em contexto de guerra e de ameaça. Como ela pode agir e reagir?” (p. 27).

Já a terceira escrita, de Diana Salu (2021), nos convoca a pensar sobre os perigos dos estereótipos construídos acerca de pessoas trans. Lista algumas narrativas hegemônicas, tais como: “nasceram no corpo errado”, “odeiam o próprio corpo”, “são carentes de afeto”, “são irresponsáveis”, “são enganadoras”, “são

egocêntricas”, “são vítimas/vitimistas”, “são violentas ou descontroladas”, “são hipersexuais”, “não são confiáveis”, “precisam ser salvas”, “são artificiais” e “não existem” (p. 16). Aderir a esses estereótipos (na arte e na vida) é desconsiderar que “pessoas trans são muitas, múltiplas, com diferentes vidas, desejos” (p. 21).

Figura 28. Imagens construídas para o perfil do Grupo de Estudos Arte em Transição no Instagram



Beta nos convidou a refletir: “Como eu posso falar de mim de um lugar que seja diferente dos lugares que sempre são ditos? Ou até mesmo do lugar que eu mesmo digo sobre mim com frequência?”. Para ela, é desse deslocamento do cotidiano em busca do extraordinário que nasce a poesia. E eu ousou acrescentar que a arte, também.

Ela conduziu o momento criativo a partir de três proposições: uma escrita sobre afetos, outra sobre a delícia de existir, e na terceira deveria haver algum corte, deslocamento, além de uma reflexão sobre a sonoridade. Trabalhamos individualmente. Lemos em voz alta. Alguns resultados:

VOCÊ NUNCA ME ESPERA VOLTAR!

Mikaela Pastana

Vejo você distante, mas não te alcanço
 Ando pra lá e pra cá
 Angustiada com essa ferida arregaçada no peito
 Ela dói
 Meus dentes se rangem de raiva
 E eu só consigo pensar em você
 Para aliviar as minhas dores e aquecer meu espírito
 Grito
 Canto
 Choro
 Anseio
 Desejo
 Critico
 Analiso
 E termino sozinha
 Cansada de lutar contra as armadilhas o que o destino deixou pra nós
 Um grande NADA!
 Vazio, frio, escuro.

Delícias de Existir

Orlando Moura

Aprender a dizer não
 Pés descalços na terra
 Banho de cachoeira
 Um baseado sozinha de manhã
 Um baseado só eu e você
 Não se basear apenas em fatos reais
 Não escrever só sobre o pressuposto
 Ser quem se é
 Pão de queijo molhado no café

Te ouvir falando sobre o que gosta
 Te ouvir espraguejar sobre aquilo que não gosta
 Ter me conhecido
 Ter te conhecido

Existir não é tão delicioso assim
 Tampouco ter que ressignificar as coisas
 Pra que elas fiquem mais suportáveis
 Mas ainda assim
 (quase sempre)
 Vale a(s) pena(s)

O Corpo

Vênus Ishtar

Um corpo só.
 Corpo, o meu corpo.
 Somente eu entendo.

Vivendo na multidão,
 com incertezas que não são minhas.
 A vida me fode,
 e é tão gostoso.

Sinto que não preciso do outro,
 mas o vazio ressurgue,
 me deixando angustiada
 por não ter um colo.

Quando estou aberto,
 as circunstâncias se fecham.
 Ficando só eu
 e minha companheira:
 a solidão.

Ao final do encontro, sugeri deixar nosso diário aberto sobre a mesa e formar uma roda. Ao chegar sua vez diante do diário, cada pessoa teria de escrever a primeira coisa que passasse em sua mente. Caso quisesse, poderia ler a frase escrita pela pessoa anterior, mas não mais que isso. Após algumas rodadas, Beta leu (ou tentou ler, no caso de certos garranchos) o resultado em voz alta.

Houve, ainda, uma tarefa para casa: a produção da obra a ser incorporada na exposição, em resposta criativa às seguintes perguntas sobre as experiências no grupo: O que vocês aprenderam? O que vocês desaprenderam? Como as leituras, as conversas e a convivência te moveram?

Figura 29. Registro fotográfico do oitavo encontro



Foto: Luiza Domingos

Nosso último encontro, em 11 de outubro, foi um momento dedicado a fechar ciclos e organizar a exposição de trabalhos de participantes do grupo. Discutimos brevemente duas leituras.

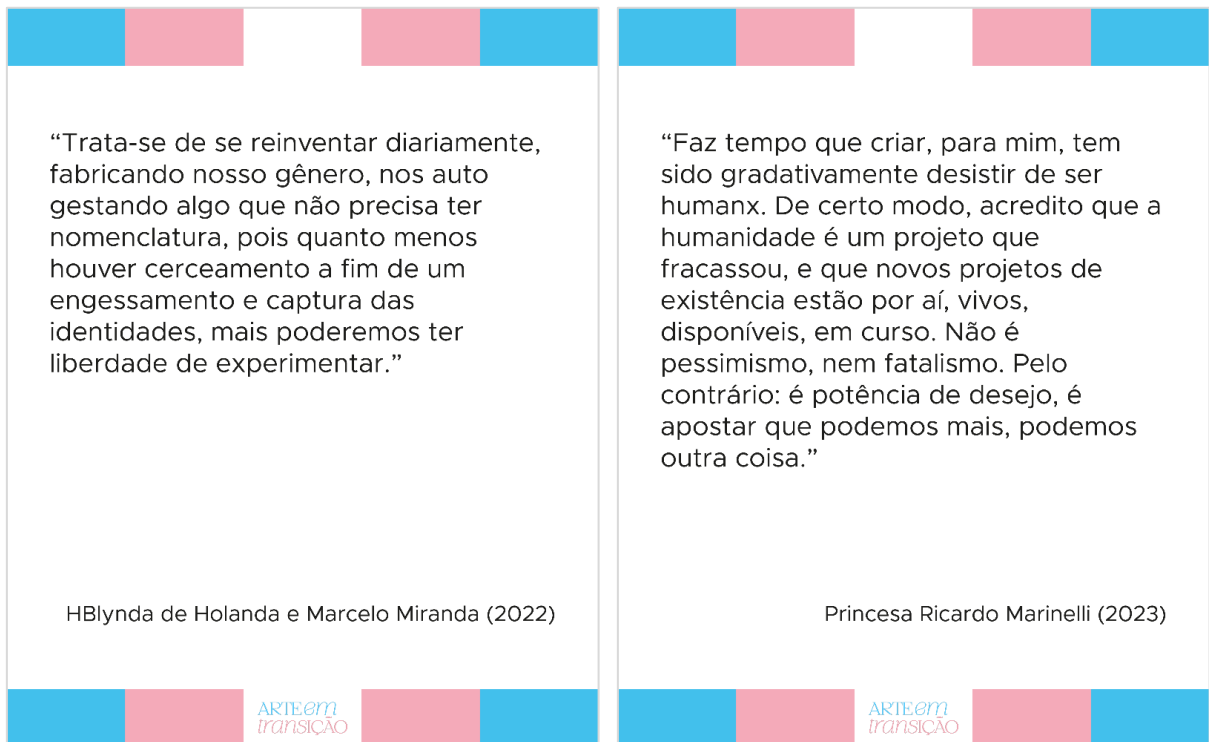
Em seu texto, Princesa Ricardo Marinelli (2023) partilha conosco seu entendimento da “experiência da transgeneridade não binária como uma experiência de liminaridade permanente”, vivida por “um corpo que se nega a identificar-se com uma estabilidade social fixa, buscando seu próprio movimento interno e outras possibilidades de relação com o mundo” (p. 101). Complementa que, para as pessoas não binárias, “a liminaridade permanente é uma conquista, não um fardo”, e aprofunda sua compreensão de que “a não-binariedade pode ser um manifesto poético e radical contra toda e qualquer forma de totalitarismo” (p. 102). Para ela, “criar é uma atitude diante da vida” (p. 106). Sobre a sua arte, nos diz: “se meu corpo é minha política, minha dança é minha bruxaria, minha poesia. É minha metralhadora e minha estranheza. É minha mais refinada estratégia de sobrevivência” (p. 108).

HBlynda Morais de Holanda e Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda (2024) também tecem algumas considerações sobre a não binariedade: “Somos corpa como ameaça. Aquela que carrega a desconfiança de si, do que se é; uma corpa desordenada, cuja ordem é forjada dentro de sua desordem” (p. 11077). Algumas palavras ecoam conversas que tivemos no grupo sobre o que significa estar em

transição: “A minha existência é criada, adaptada, [...] ela está a todo momento se (re)criando, se (des)fazendo” (p. 11082).

Esse devir constante, ininterrupto, sem destino, nos interessa. Nossa arte e nossa vida são reflexos desse fluxo, que abre margem para a experimentação com o que se é e o que se faz.

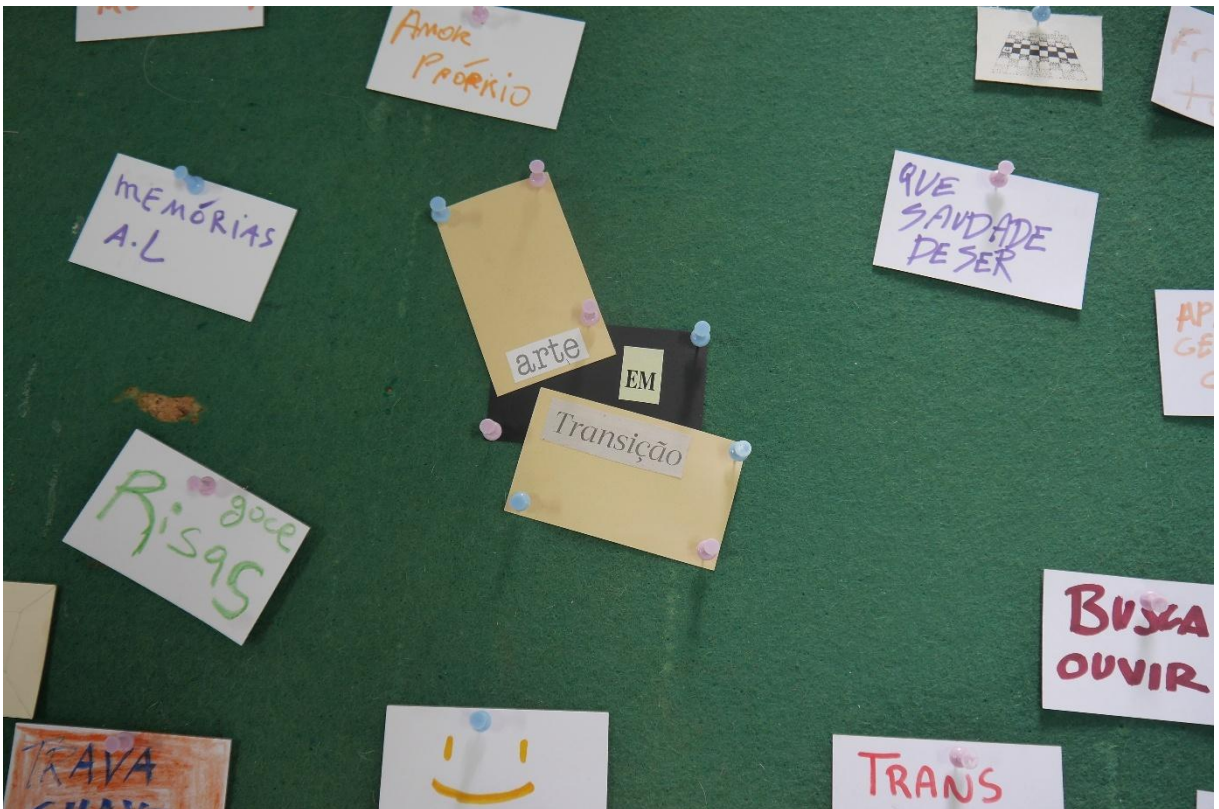
Figura 30. Imagens construídas para o perfil do Grupo de Estudos Arte em Transição no Instagram



Criação: Jocy Junior

Nessa ocasião, concluímos os murais com nomes de artistas trans e travestis, iniciado no primeiro encontro, e de palavras-chave acerca das nossas vivências em grupo, iniciado no quinto encontro.

Figura 31. Murais com nomes de artistas trans e travestis (acima) e palavras-chave (abaixo)



Fotos: Luiza Domingos

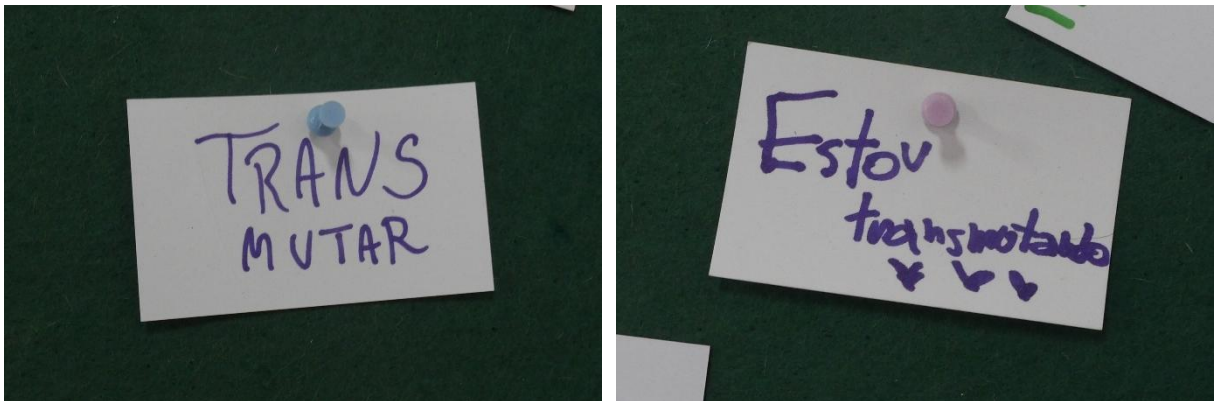
No que diz respeito à exposição, a proposta inicial era de que a curadoria, seu título e o texto curatorial fossem construídos coletivamente, bem como a proposta da

ação pedagógica que seria realizada com estudantes do Ensino Médio que convidaríamos a visitar a exposição. No entanto, o início da montagem da exposição demandou muito tempo e energia do grupo, e, em função disso, me ocupei individualmente dessas tarefas. Ainda assim, não conseguimos concluir no dia do encontro a organização da exposição.

Além do dia 11, também dedicamos os dias 15, 16 e 17 de outubro à montagem. Após bastante fita dupla face, algumas subidas inseguras em bancos, o tira-e-põe de coisas na parede, lidar com muitos cacos de vidro, o conserto de vários cavaletes para que ficassem mais seguros e muitas idas e vindas para comprar materiais que faltavam, foi possível finalizar a montagem.

O título escolhido foi “transmutações”. A palavra “transmutar” – e várias de suas derivações – apareceram em muitas de nossas conversas, sobretudo no último encontro. Estiveram, inclusive, em nosso mural de palavras-chave. Pensei, inicialmente, em usar “transmutação”, mas optei pelo uso no plural como forma de demonstrar que, mesmo dentro de um mesmo grupo, estamos vivendo processos diversos. “transmutações”.

Figura 32. Cartões no mural de palavras-chave que exploram a ideia de transmutação



Fotos: Luiza Domingos

Figura 33. Identidade visual da exposição “transmutações”

transMUTAÇÕES

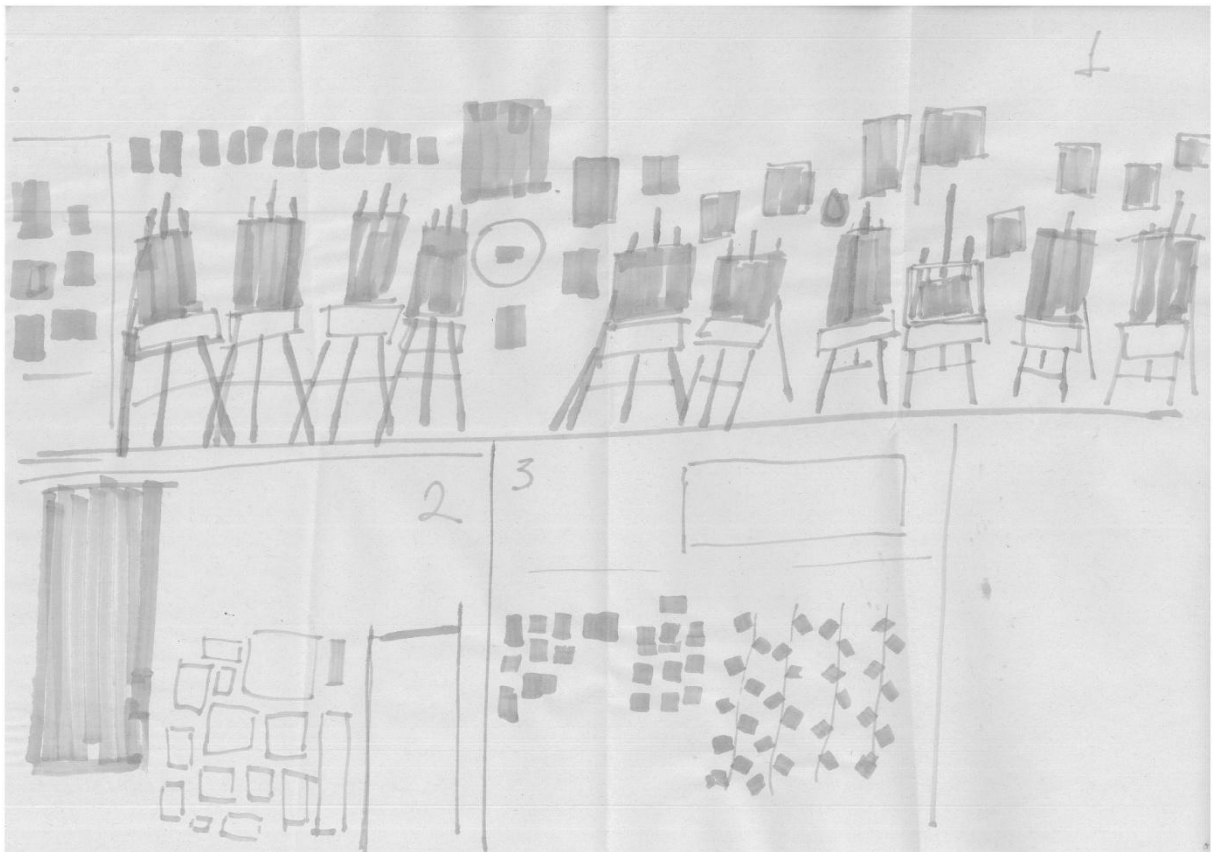
Criação: Gabriel Neves

Texto curatorial:

A exposição “transmutações” reúne obras de pessoas que fizeram parte do Grupo de Estudos Arte em Transição, apresentando os exercícios desenvolvidos ao longo do ano de 2025. Apresenta, desde perspectivas diversas, como a convivência no grupo gerou afetos e afetações em cada uma das pessoas que dele participou, com desdobramentos nas formas de pensar sobre si, a sociedade e a arte. “transmutações” é sobre o exercício diário de transicionar modos de ver, conhecer, fazer e viver, tomando como matéria prima este mundo para agir sobre ele, seja ao dar vazão aos nossos descontentamentos com as feridas que ele causa, seja ao inventar formas de curá-las.

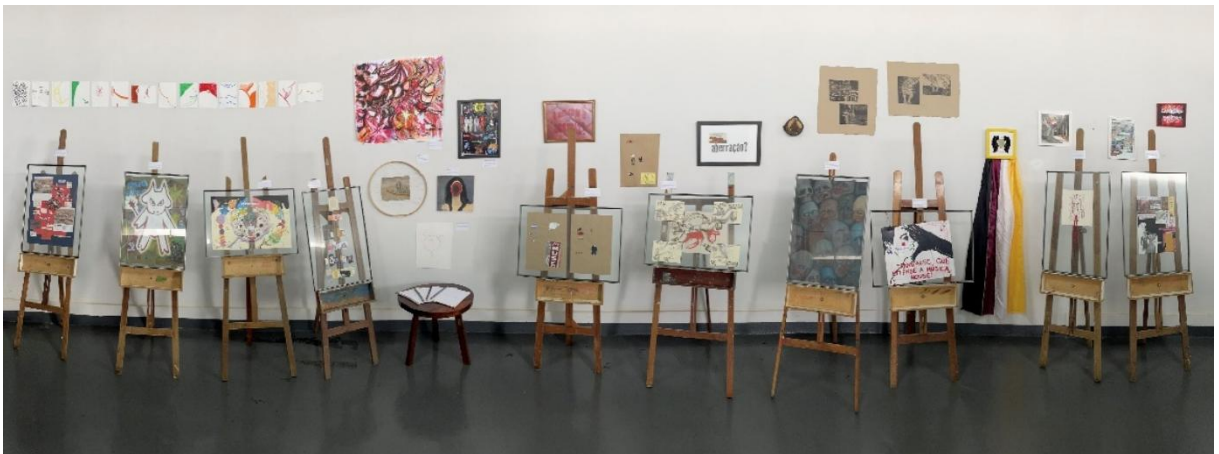
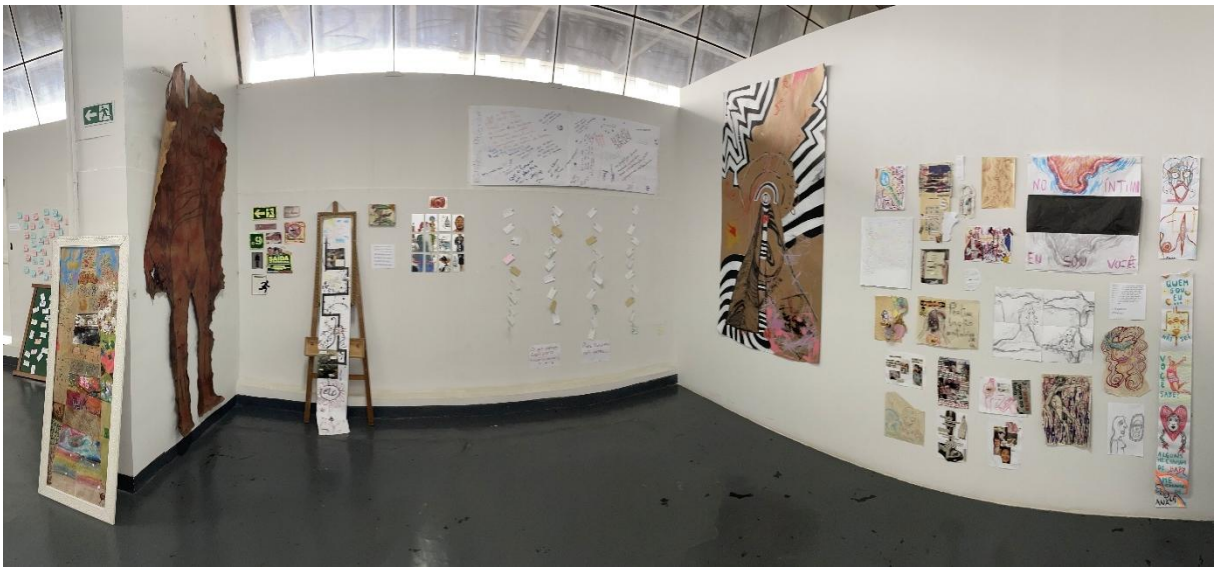
A curadoria foi assinada por mim. Integraram a exposição: Arthur Nelson Clemonex de Abreu, bicho li vallejo t, Felipe César Pereira Costa, Itandehuy Castañeda Demesa, Jeanne Jardini da Silva, João Pedro Teles Pires, Jocy Meneses dos Santos Junior, Karine Rodrigues Soares Santana, Maju Prado Desidério, Marcos Felipe Fidelis Araújo, Mikaela de Brito Pastana, Nick Faria Lopes, Orlando Gonçalves Martins de Moura, Vanessa Ferreira Marinho e Vênus Ishtar Santos Alves. Contribuíram com a expografia e a montagem bicho li e Nick.

Figura 34. Plano expográfico de “transmutações”, desenhado por Nick



Fonte: Acervo da pesquisa

Figura 35. Vistas panorâmicas da exposição “transmutações”



Fotos: Luiza Domingos

Nos planos iniciais, a exposição não contaria com todos os exercícios criativos desenvolvidos ao longo do ano. No entanto, ainda no primeiro semestre, começamos a ocupar as paredes da Escola de Artes Visuais com nossas produções. Foi uma estratégia para evitar danificá-las na armazenagem, perdê-las (ainda que isso, infelizmente, tenha acontecido em alguns casos) e, também, uma forma de ocupar,

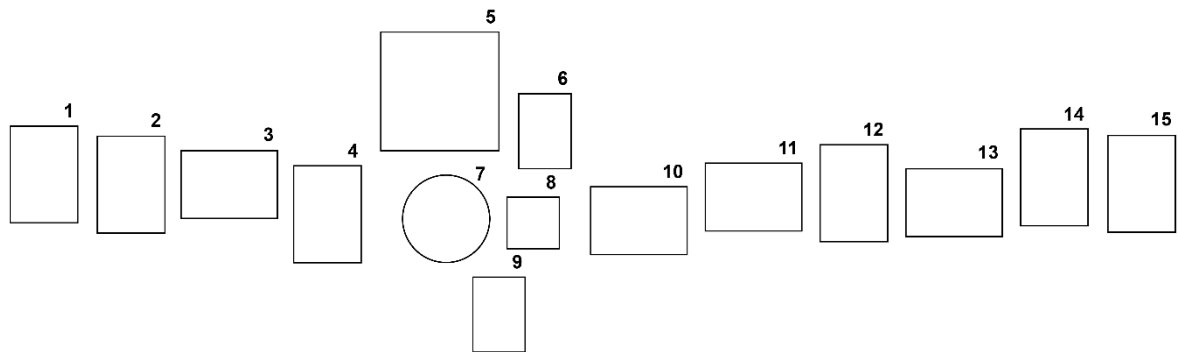
politicamente, a EAV. Mesmo em nossa ausência, havia sempre ali, à mostra, para qualquer visitante ver, aquilo que nós estávamos construindo. Considero isso uma transição no próprio espaço, viabilizada pela sua gestão, que acolheu a ideia de pronto, sem restrições.

As obras a serem produzidas especificamente para a exposição foram encomendadas, a partir de alguns direcionamentos temáticos e técnicos. A ideia era de, utilizando cavaletes e molduras disponíveis na Escola de Artes Visuais, criar uma unidade entre as obras que compunham a exposição. Entretanto, aconteceram algumas intercorrências. Desobediências, eu diria. Que já eram esperadas. Afinal, escapar às normatizações foi precisamente o tema de nossas discussões ao longo do ano. Houve quem concluísse, ou fizesse do zero, a obra no dia da entrega. Houve quem precisasse de mais alguns dias para entregá-la. Houve quem não aderiu às especificações solicitadas. Houve quem utilizasse obras que já estavam prontas antes da solicitação, mas que dialogavam com as temáticas propostas. E, francamente, acredito que tudo isso tenha enriquecido ainda mais a exposição. Todas as obras se unem em torno do tema proposto. Além disso, a adesão do grupo à exposição foi maior que a esperada, e não tínhamos cavaletes e molduras o suficiente para tantos trabalhos (o máximo disponível era de 10, mas 15 pessoas participaram). Foi uma surpresa muito positiva.

Essas 15 obras constituem o que eu denominei como núcleo central da exposição, e cada artista produziu um breve texto sobre suas ideias, culminando na produção de um Caderno de Leituras (Anexo 5), impresso e disponibilizado ao público no espaço expositivo.

A exposição “transmutações” conta ainda com outras produções das pessoas participantes, não necessariamente desenvolvidas no ano de 2025, ou em diálogo com as discussões do grupo, mas que contribuem para alargar a percepção de quem somos e do que fazemos. Foi uma forma, também, de ocupar ainda mais o espaço e dar a ver produções que, em sua grande maioria, nunca haviam sido expostas. Percebo isso como uma estratégia de empoderamento, que responde aos diálogos que tivemos, comprovando que nós existimos e fazemos arte, carecendo, muitas vezes, apenas de oportunidades para que nossas produções possam ser apreciadas.

Figura 36. Mapa do núcleo central da exposição “transmutações”



Criação: Jocy Junior

Lista de obras que compõem o núcleo central da exposição “transmutações”:

1
O sabor da própria carne
Orl3nd4

2
Falta sutileza?
Marcos Araújo

3
Renascimento
Vênus Ishtar

4
o que eu sou ainda não tem nome
jocy jr

5
Autorretrato
Nick

6
Certidão de Trans-Nascimento de Inteiro Teor
Arthur Abreu

7
Autofagia
bicho li

8
Espelho
Vanessa Gênese

9
Indestrutível
Karine Rodrigues

10
Memória I
Confabular a não binariedade
César

11
Assistencialismo Barato (de quatro pelo preço de uma)
Jeanne Jardini da Silva

12
As Solitudes II
Lixão Podre

13
Transmasc que entende a música house
machocídio

14
Corpos em transição
Itandehuy Castañeda Demesa

15
Salada Light
Maju Desiderio

Figura 37. Obras que compõem o núcleo central da exposição “transmutações”



Fotos: João Pedro

Houve divulgação da abertura da exposição nas redes sociais do Centro Cultural Octo Marques¹¹ e no site da Secretaria de Estado da Cultura do Estado de Goiás¹². Ela aconteceu em 18 de outubro, em conjunto com a da mostra “Da palavra à imagem”, composta pelos resultados da oficina de mesmo nome ministrada por Ana Caldas. Por ocasião da abertura, ministramos, eu e Ana, a oficina de colagem “Novos mundos: universos utópicos”.

Figura 38. Peças de divulgação veiculadas nas redes sociais do Centro Cultural Octo Marques e do Grupo de Estudos Arte em Transição



Criação: Gabriel Neves

¹¹ <https://www.instagram.com/p/DP66HtFkbnJ>

¹² <https://goias.gov.br/cultura/escola-de-artes-visuais-inaugura-exposicoes-e-promove-oficina-gratuita-de-colagem-neste-sabado-18-10/>

Figura 39. Matéria veiculada no site da Secretaria de Estado da Cultura de Goiás

GOIAS.GOV.BR A A A+ ALTO CONTRASTE ACESSIBILIDADE MAPA DO SITE

GOVERNADOR DE GOIÁS SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

O que você procura ...

INSTITUCIONAL CARTA DE SERVIÇOS ACESSO RÁPIDO GOVERNANÇA ACESSO À INFORMAÇÃO FALE CONOSCO

Home > Notícias > Escola de Artes Visuais inaugura exposições e promove oficina gratuita de colagem neste sábado (18/10)

Escola de Artes Visuais inaugura exposições e promove oficina gratuita de colagem neste sábado (18/10)

Compartilhar

Última Atualização em 17 de outubro de 2025

Categoria Notícias



Mostras "Transmutações" e "Da Palavra à Imagem" revelam processos criativos e afetivos desenvolvidos ao longo de 2025; público poderá participar da oficina "Universos Utópicos", sem necessidade de inscrição

A Escola de Artes Visuais (EAV), unidade da Secretaria de Estado da Cultura de Goiás (Secult), abre as exposições "Transmutações" e "Da Palavra à Imagem", neste sábado (18/10). As mostras coletivas apresentam os resultados dos ciclos formativos realizados ao longo de 2025, com curadoria de Jocy Júnior e coordenação de Ana Caldas, e ficam em cartaz até o dia 7 de novembro. A entrada é gratuita.

Durante a abertura, das 9h às 12h, os visitantes poderão participar da oficina de colagem "Universos Utópicos", conduzida pelos grupos envolvidos nos processos expositivos. A atividade é gratuita, aberta ao público e não requer inscrição prévia. Os materiais serão fornecidos no local — papel, canetas, lápis de cor e folhas para escrita. Interessados em participar devem levar suas próprias tesouras.

A exposição "Transmutações" reúne obras desenvolvidas por integrantes do Grupo de Estudos Arte em Transição, que teve oito encontros mensais entre abril e outubro de 2025. Os trabalhos refletem os afetos e desdobramentos gerados pela convivência entre pessoas trans e travestis, explorando modos de ver, conhecer, fazer e viver a partir da arte como ferramenta de cura e transformação. A curadoria é de Jocy Júnior, com expografia assinada por Jocy Júnior, Nick e Bicho Li.

Já a mostra "Da Palavra à Imagem" apresenta os resultados da oficina ministrada por Ana Caldas, onde a colagem manual foi utilizada como ferramenta de planejamento e criação em produção cultural. Os participantes desenvolveram composições visuais inspiradas no FICA – Festival Internacional de Cinema Ambiental e em seus próprios projetos, explorando narrativas que articulam sustentabilidade, repertório e linguagem artística.

Serviço

Abertura das exposições e oficina "Universos Utópicos"

Data: Sábado (18/10)

Horário: Das 9h às 12h

Local: Escola de Artes Visuais – Centro Cultural Octo Marques

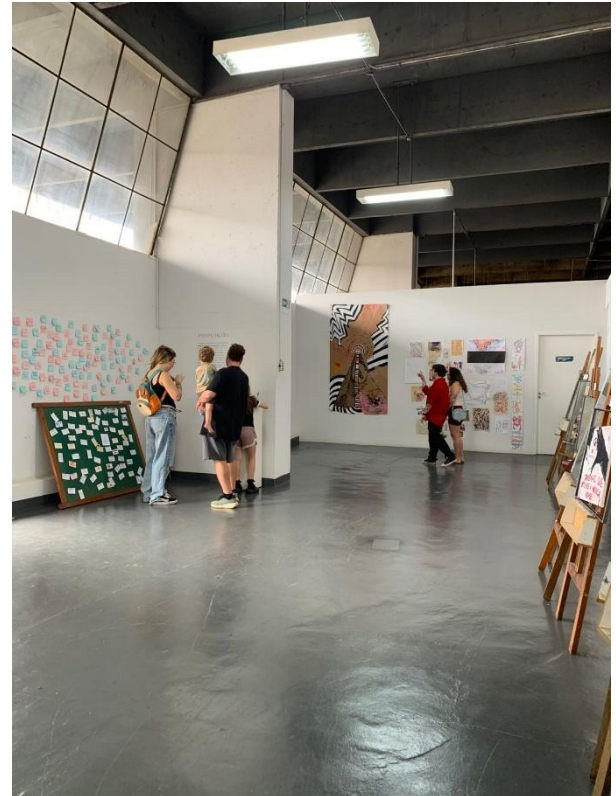
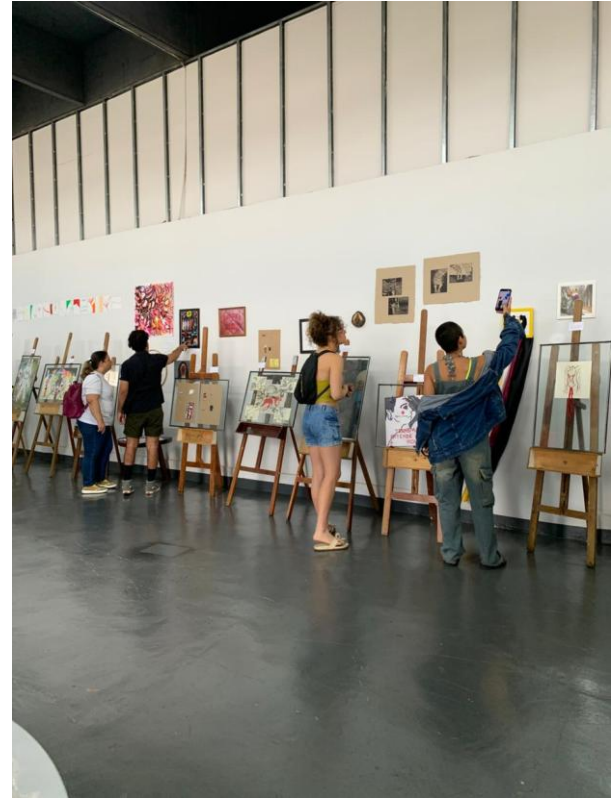
Endereço: Edifício Parthenon Center, nº 515, entrada pela Rua 7, Setor Central, Goiânia – GO

Entrada: Gratuita

Visitação das exposições: Até 7 de novembro

Fonte: Secretaria de Estado da Cultura de Goiás

Figura 40. Registros fotográficos da abertura da exposição “transmutações”



Fotos: Gabriel Neves

Figura 41. Registro fotográfico da abertura da exposição “transmutações”



Foto: Karine Rodrigues

Figura 42. Registro no diário do grupo feito por Marcos na abertura da exposição “transmutações”



Fonte: Acervo da pesquisa

Acredito que seja importante assinalar que, das 25 pessoas que integraram o grupo, 14 estiveram conosco na exposição que foi culminância de nossos encontros. À parte a integrante que faleceu em um trágico acidente, 10 pessoas não permaneceram conosco até o “fim” do Arte em Transição. Delas, 8 são cis e 2 são trans. Ainda que, proporcionalmente, a maioria das pessoas que passou pelo grupo tenha sido cisgênero (13), a maior permanência de pessoas trans pode indicar que, para elas, as atividades desenvolvidas foram mais significativas. Entretanto, houve interesse genuíno da grande maioria das pessoas cisgêneras em participar das discussões nos momentos em que estiveram presentes, e algumas falas indicam que a convivência destas no grupo geraram, sim, transformações em suas formas de pensar não apenas sobre as pessoas trans e a arte que elas produzem, mas também sobre si mesmas, suas relações e as estruturas sociais e culturais.

Para aprofundar as reflexões sobre os deslocamentos causados pelo contato com a produção de pessoas trans e travestis, considerando que estas constituem 73% das participantes em “transmutações”, planejamos a visita de um grupo de 14 estudantes do Ensino Médio. Esta visita se constituiu em um momento em que puderam conhecer a exposição, dialogar com artistas e participar de uma oficina de desenho e escrita com tema “O que eu gostaria de transmutar?”¹³. Ministraram a oficina comigo bicho li, Jeanne, João, Marcos, Mikaela e Nick. Durante a oficina, foi produzida uma obra coletivamente, que passou a integrar a exposição. Os deslocamentos percebidos a partir dessa experiência serão discutidos no capítulo 4.

¹³ O plano de aula pode ser conferido no Anexo 6.

3 MANIFESTO

Esse capítulo é uma colagem textual realizada a partir das falas de participantes do Grupo de Estudos Arte em Transição, seja nas transcrições dos áudios dos encontros, seja nas páginas de nosso diário, seja em seus exercícios e obras. Imagino esse texto como um encaminhamento polifônico do grupo como um todo. O que não significa que tenhamos concordado entre nós sempre, nem mesmo que uma pessoa concorde consigo mesma o tempo todo. Espero fazer saltar, também, essas contradições. Para isso, solicito a quem se aventurar nessas palavras atenção às nuances do texto. Ainda que pareça uma síntese uníssona, há, adiante, pistas dos conflitos que configuram nosso pensamento. Mas não interessa, aqui, entregar tudo pronto para ser “digerido”. Para aprender com o que dizemos, é preciso assumir uma postura ativa. Há muitas portas a serem abertas pelas linhas a seguir. Nós fornecemos algumas chaves, mas quem irá fazer os movimentos necessários para abri-las é você que lê. Ademais, também é possível que imagine portas as quais nós sequer concebemos. Por isso, te encorajo a quebrar as paredes onde parecer necessário, e ver por si onde isso vai dar.

Me parece valer a pena o exercício de imaginar um texto costurado por mim, mas construído em conjunto, pelo corpo coletivo que se constituiu no Arte em Transição. Pode parecer, aos moldes acadêmicos, uma forma inusitada de apresentar o que aprendemos tanto com os pensamentos quanto com as pessoas que contatamos. Entretanto, em minha concepção, demonstra como nos apropriamos dos conhecimentos que acessamos, e os tornamos nossos.

Procederei com esse experimento da seguinte forma: reproduzirei o que foi dito e escrito no contexto dos encontros do grupo, adaptando às necessidades desse texto (como, por exemplo, uniformizando o uso da primeira pessoa do plural, e propondo alguns pequenos ajustes em termos de forma), mas fazendo um esforço para respeitar ao máximo o teor do que foi dito. Mesmo quando um trecho for coeso o suficiente para parecer oriundo de uma fala só, certamente é proveniente de várias, proferidas por bocas diferentes, em tempos diferentes, em contextos diferentes. O tom de manifesto surgiu espontaneamente, e me parece fazer jus às experiências vividas.

Produzimos arte porque não damos conta. Transbordamos. Arte como forma de transbordamento. Transborda porque não cabe. É

maior que o espaço designado para estar. É sempre um transbordar. Pôr para fora.

Fazemos arte para viver, para demonstrar o que sentimos, para mostrar como vemos o mundo. Expressão. Autoconhecimento. Identidade. Reinvenção. Renascimento. Autorrepresentação. Afirmção. Humanização. Orgulho. Protagonismo. Emancipação. Decolonização. Diálogo. Pertencimento. Comunidade. Política. Revolta. Luta. Insubordinação. Estranhamento. Subversão. Cura. Salvação. Triunfo. Prazer. Tudo isso – e muito mais – nos move.

Poder criar, poder entender que a nossa criação é uma possibilidade, já é uma desestabilização do sistema. A arte que fazemos é uma arte que só nós podemos fazer por nós. Reimaginamos as nossas vivências de um ponto de vista nosso. Negamos as narrativas que são colocadas em cima dos nossos corpos. A arte é um campo de representação, de imaginários, e quando ocupamos esse campo de batalha para propor novas visões sobre nossos corpos, é um processo de luta, de reafirmação da nossa identidade a partir da nossa visão, e não da visão de fora.

Fazemos uso da potência da imaginação. Resignificamos tudo em nossa volta. Nada precisa ser estático. Profetizamos novas possibilidades de vida e existência para nós nesse mundo que só quer nos matar. Nós profetizamos o fim de tudo e o recomeço.

Não queremos construir nada que já existe. Isso não nos serve. Cansamos disso. Nossa arte destoa daquilo que já foi visto, independente de qual assunto ela toque. Queremos falar sobre as coisas que não são ditas normalmente e de maneiras que as outras pessoas evitam. Usar outras linguagens. Gerar estranhamentos, dúvidas, reflexões.

A experiência de vida nos dá uma perspectiva de olhar. Às vezes ter uma perspectiva diferente da maioria é a melhor mágica de todas. Querendo ou não, quando não nos conformamos, quando somos diferentes, em algum aspecto, da normatividade, nós vemos as coisas diferente, e o que produzimos é consequência disso. Somos artistas, independente da nossa identidade, mas contando com a nossa identidade, porque sem ela nós não conseguiríamos produzir de tal forma.

As nossas identidades proporcionam modos de ver, de pensar e de produzir, mas não dá pra reduzir tudo que é feito, tão múltiplo, tão diferente entre si, em uma categoria fechada. Não somos só trans. Nossa identidade não se resume a isso. Nós somos pessoas antes de sermos trans. Ainda precisamos nos enunciar trans porque querem nos apagar. Mas nós temos outras narrativas. Não somos só aquilo que vocês esperam de nós. Não vamos falar só daquilo que vocês esperam. Vamos romper com os lugares atribuídos a nós pelo imaginário hegemônico. Vamos fazer o que quisermos fazer.

Não é como se não existíssemos. Existimos! Às vezes, sem permissão. Mas existimos. E isso é coragem. E também não é como se não estivéssemos fazendo arte. Não nos falta capacidade. Nos colocaram em um lugar de desvantagem na sociedade. Enfrentamos desafios. Faltam oportunidades, materiais, dinheiro, acessos, tempo. Invisibilizam nossas produções. Há um apagamento epistemológico, ontológico de nossas existências. Dificultam nossa inserção e permanência. É uma competição desleal. Não temos como competir com outras pessoas se elas estão no conforto de seus privilégios.

Quando não há mais oportunidades, nós acabamos criando lugares possíveis. Construimos espaços nossos, onde exaltamos nossas produções, nossas identidades. Tentamos entender o lugar que ocupamos e o que podemos fazer desde esse lugar, não só por nós, mas também pelas demais pessoas. A união faz a força.

Mas, ao mesmo tempo que nós temos muita potência quando nos juntamos, sabemos que podemos morrer a qualquer momento. Nos chutam por todos os lados. Quem vai nos ajudar? Nós vamos nos ajudar. E como nós vamos nos ajudar? Falando por nós. Advogando por nós.

Nos fazemos presentes em todos os espaços que nos interessam. Por mais que doa. Provocamos, criamos tensões, enfrentamos instituições que controlam nossos corpos e tentam dizer o que podemos fazer ou não, como devemos nos portar ou não, aonde podemos ir ou não... Nossos corpos não costumam acessar esses espaços porque o homem branco cisgênero hétero é a base, o molde, o padrão da sociedade, e a história é escrita sob o ponto de vista dele. E, quando acessamos, em algum momento nos deparamos com adaptações que temos que fazer na nossa estética, na nossa personalidade, para que nos aceitem. Engolimos muito sapo para conquistar o mínimo de reconhecimento, validação, respeito.

A história como nos ensinaram é de imagens manipuladas e personalidades esquecidas. O que restou foi uma narrativa falsa, construída para hipervalorizar um grupo específico. Os códigos visuais foram construídos para nos atacar, segregar, reforçar estigmas. Muitas das narrativas que são propagadas sobre nós são narrativas de violência. Nossos corpos são vistos a partir dessas narrativas, que não são tão positivas, e elas reforçam esse lugar de negatividade. Nos imaginam sempre em desafios, em problemas. Fetichizam o nosso sofrimento. Parece que, para nós, só ficam reservados esses locais específicos: dor, sofrimento, vulnerabilidade. Cansamos de falar que sofremos. É cansativo repetir. A cisgeneridade costuma nos retratar desde esse lugar de dor, de infelicidade, de perda. Nós, não. Não queremos isso fixado na memória viva. Nos reimaginamos construindo e transformando a realidade. Nossa arte fala sim de dor, fala sim de sofrimento, fala sim do trauma que essa sociedade impõe, mas ela não está confinada a isso. Ela quer ser

outras coisas e ela pode ser outras coisas. Mas, quando nós quisermos falar de dor, nós vamos falar. Nossa arte vai sangrar.

Não é que sejamos diferentes demais. No íntimo, nós parecemos muito mais do que imaginamos. Nós só estamos rejeitando as normas que foram colocadas. Estamos tomando de volta o que nos foi tirado: o direito de existirmos sem que nos rotulem. Acessamos um mundo de coisas que sempre disseram que não existiam.

Queremos nos inspirar em outras pessoas trans. Para nós, consumir produções de outras pessoas trans é algo muito mágico. Elas dão um panorama de que não estamos sós na vida. Acreditamos que nossa arte pode inspirar outros seres, assim como nós nos inspiramos em quem veio antes. E, no futuro, outras pessoas poderão saber que nós existimos.

Nós não temos que mudar como somos. É como vocês estruturaram a realidade que bagunça a nossa cabeça, a nossa vida, o nosso bem-estar. É o apagamento identitário, nos negarem, tentarem nos privar de ser quem nós somos, que nos adocece. Disforia é muito mais sobre os outros que sobre nós. Não é como se nos olhássemos no espelho e não gostássemos do que vemos.

Nossos corpos são muito subversivos. Nossa beleza e nossas vidas são super revolucionárias. Tão frágeis. Tão fortes. É muito belo quando conseguimos viver em uma realidade em que tudo que está posto para nós é contrário, é para nos violentar, é para nos parar, é para fazer que não caminhemos, não tenhamos liberdade de crescimento.

Sentimos que as mãos dos outros estão constantemente em nós. Tirem as mãos de nós! Nos deixem em paz! Direcionamos a raiva, a angústia, o medo, as dores. Aprendemos a devolver o desconforto. Não vamos ficar com esse peso que a sociedade joga em cima de nós e espera que carreguemos. Que engasguem no próprio veneno.

Como devolvemos a violência de uma maneira estratégica? Como combater o sistema de uma forma saudável para nós? Autopreservação, em primeiro lugar. É necessário ter saúde mental, também.

Nós somos o futuro do mundo. Vocês não perceberam isso ainda. É por isso que nos temem. Vocês nos veem como ameaças. Mas nós não somos pessoas ameaçadoras. Se ameaçamos algo, são seus privilégios. Produzimos outras realidades, que as outras pessoas nem sempre estão preparadas para encarar, porque destrói o conforto do que seria “normal” para elas. Desestabiliza.

Refletir sobre transicionar, sobre transmutar, é principalmente entender que nós não precisamos ser uma coisa ou outra. Podemos criar. Podemos recriar. Através das nossas vivências, podemos perceber outras possibilidades. Não há só o que vocês decidiram para vocês que é certo. Não nos imponham algo que é de vocês. Não queremos interpretar um roteiro que está pronto.

A transição não é definitiva. Não tem fim. Estamos em transição o tempo todo. Estamos transmutando. Constantemente transmutando. Constantemente em processo de mudança. Tivemos, sim, uma construção inicial, como vocês, mas nos propomos a desconstruí-la e reconstruí-la quantas vezes for necessário. Vamos passando por mortes e renascimentos. Desaprendendo para aprender. E nossa arte está transicionando conosco.

O universo é enorme e misterioso. E nós também.

4 DESLOCAMENTOS

Quais deslocamentos pode promover o contato com as produções acadêmicas e artísticas de pessoas trans e travestis? Essa é a pergunta para a qual perseguia respostas no início do ano de 2025.

Quanto às pessoas que participaram do Grupo de Estudos Arte em Transição, todas as conversas que tivemos demonstram que nos deslocamos. Não porque saímos de um lugar, rumo a outro. Mas porque nos movemos coletivamente. Transitamos entre saberes e fazeres. Experimentamos. Algumas coisas deram certo. Outras não. Mas traçamos e trilhamos os caminhos que nos interessavam. Nos apoiamos na partilha do que conhecíamos. Aprendendo com o que lemos e vivemos. O ponto de chegada, ainda que não interesse tanto, demonstra que definitivamente nos movemos. Intercalo nesse capítulo falas de integrantes do grupo e minhas análises, a fim de demonstrar esses deslocamentos.

A predominância de pessoas cisgêneras no grupo não passou despercebida. Por que as pessoas trans e travestis eram minoria em um grupo que discutia suas produções? Há uma infinidade de respostas possíveis. Nos encontrávamos no sábado de manhã, e várias foram as mensagens que recebi de participantes se desculpando por não conseguirem ir por terem trabalhado na sexta à noite. Também há outra questão: quem acessa mais facilmente os espaços de arte e cultura? Evidentemente, não somos nós. Às vezes, falta o dinheiro da passagem, ou o que comer antes de sair de casa¹⁴. Não são, infelizmente, relatos exagerados. São muitas as barreiras. E a transposição delas não é fácil. Não depende só da força de vontade. A meritocracia é uma falácia.

“Eu ia ficar muito mais feliz de ver mais pessoas trans aqui, mais pessoas trans contribuindo, mais pessoas trans aparecendo. E mais pessoas trans racializadas. A arte, infelizmente, é um local extremamente classista, branco, e que exclui muito a gente. E, quando a gente acessa esse local, em suma maioria somos pessoas brancas. E, ainda assim, é dolorido para a gente.”

¹⁴ Pensando nisso, todos os nossos encontros tiveram um café organizado coletivamente. Quem tinha o que partilhar, levava. É assim que nós construímos abundância.

No entanto, as pessoas trans do grupo apreciaram a presença e participação ativa de pessoas cis. Sentiram-se acolhidas, valorizadas, humanizadas, respeitadas.

“Não é ruim estar em uma sala onde a maioria das pessoas é cisgênera, porque pelo menos tem pessoas cisgêneras interessadas em ouvir o que a gente tem para dizer.”

“Tivemos muitas pessoas cisgêneras aqui [...]. É interessante ver que há pessoas que se interessam pela nossa realidade, pela nossa existência, pela nossa vivência. E que respeitam as nossas subjetividades, as nossas formas de ser. Então, conviver aqui foi curativo, enriquecedor.”

E as pessoas cis demonstraram real interesse em aprender. Por terem pessoas trans em seu convívio, dentre suas amigas, ou como colegas de trabalho, havia uma vontade de acolher, ainda que de forma às vezes desajeitada. Mas o desejo de compreender nossos pontos de vista e experiências era evidente. O que mais me surpreendeu, positivamente, foi a participação de mães tentando criar entendimentos que oportunizem às pessoas que gestaram a possibilidade de ser. Foi muito tocante notar esse comprometimento genuíno com o respeito às nossas identidades. E, ao mesmo tempo, havia também a vontade de compreender e construir a própria identidade. Acompanhei movimentos de reflexão e desconstrução acontecendo.

“Eu estou aqui para escutar, aprender, entender.”

“Como faz para se desconstruir? As discussões que a gente fez colocaram em xeque muitas das coisas que eu achava que eu sabia.”

“Me veio como lição do Grupo de Estudos uma inspiração para viver. [...] Eu fiquei inspirado e me senti encorajado a explorar outras formas de ser.”

E as pessoas cis não foram as únicas a se desconstruírem. Esta foi outra surpresa. Foi inesperado ver as próprias pessoas trans transicionando. Consolidou

minha percepção de que a transição não tem fim. De que a nossa maneira de pensar nossos corpos, nossas vivências, nossas identidades permitem que continuemos transicionando.

“Eu sinto que no meu processo de transição eu dou outras transicionadas, por isso eu acho que a transição não é uma coisa definitiva. Às vezes, eu sinto que eu passo por umas autoatualizações internas com o meu gênero, mesmo não mudando muito fisicamente. [...] Eu queria falar isso pra alguém, eu queria que as pessoas pudessem saber que eu ainda tô transicionando.”

“Eu já estava nesse processo de transmutar a energia. [...] Eu estava aprofundada na energia feminina, e acreditando que eu só podia ser essa forma feminina como ela é projetada pela sociedade. Eu chego aqui e descubro que eu sou uma pessoa de gênero fluido.”

“A gente falou muito da questão da binariedade, não só na questão cis, mas a binariedade da nossa própria transição e como a gente arrasta isso pro nosso processo, e como é difícil desvincular disso. [...] Eu não tinha aberto os olhos ainda para essa parte da minha transição, [...] onde eu estava performando apenas um homem trans. Depois eu abri os olhos para essa coisa de ‘não precisa ser binário, não precisa estar dentro do espectro’, [...] e isso foi deixando a minha vida mais confortável depois dessa conversa. Sem pressão de estar atendendo às expectativas da sociedade com relação à minha transição, e [pensando] como parar que essa seja minha expectativa também. Deixou tudo mais leve. [...] Eu vou viver! Independente de performance, independente de gênero.”

“Eu aprendi muito com as vivências do grupo a reconhecer o olhar binário que eu tenho, que preciso desconstruir.”

A arte foi o motor de todas essas conversas. Nunca a perdemos de vista. Foi ela quem nos proporcionou refletir sobre todos esses atravessamentos entre quem somos, quem queremos ser, a sociedade onde vivemos e onde queremos viver. O

potencial da arte de promover deslocamentos, para mim, pode ser verificado em nossas experiências. Deslocamento para o orgulho, o pertencimento, o acolhimento. Para o que tentam nos negar diariamente. Nos juntamos para discutir arte, para fazer arte, foi o que possibilitou experienciar tudo isso.

“Arte em Transição é justamente entender que a gente precisa assumir esse lugar de fazer o que só nós podemos fazer por nós, seja o acolhimento, seja o pertencimento, seja a produção, tanto de pesquisas, quanto de arte. [...] Se a gente entende que a arte é o que a gente tem à disposição para curas pessoais e coletivas, é isso que a gente precisa continuar fazendo.”

“O grupo me proporcionou uma volta para a minha personalidade artística, para conseguir produzir de novo, para ter orgulho de quem eu sou ao encontrar pessoas semelhantes e diferentes ao mesmo tempo.”

“Depois que eu tive mais contato com produções artísticas e com outras pessoas trans, eu comecei a ter muito mais orgulho de ser que eu sou por dentro também, e não só por fora.”

“A gente não tá só refletindo sobre como transmutar ou transformar a arte, mas nós enquanto pessoas. [...] Não tem como chegar no encontro [...] e não sair transformado de alguma forma, e se perceber de outra forma [...] através dessas reflexões.”

Foi construído um local de aprendizagem não só sobre arte, apesar de eu ter podido observar, com alegria, as pessoas trocando entre elas sobre técnicas e referências – coisas que nem eu sabia e que jamais teria como ensinar. Intercâmbios. Aprendemos sobre a viabilidade da criação de espaços seguros para falar de nossas dores, nossos sonhos, nossos corpos, nossas identidades. A comunidade como possibilidade. Uma comunidade de pessoas que não são iguais a nós, mas parecem conosco. Que não pensam sempre igual a nós, mas tem disposição a nos escutar e tentar nos entender. E, acima de tudo, que nos acolhem.

“Somos pessoas diferentes, com perspectivas diferentes, mas falando sobre o mesmo assunto [...], no mesmo lugar. [...] Eu, sendo uma pessoa trans, acesso esse espaço, com essas outras pessoas, e eu não estou mais [...] só vendo elas de mãos dadas, abraçadas. [...] Elas me recebem.”

“O convívio no grupo me proporcionou perceber que eu não estou sozinha no mundo, que tem outras pessoas que, apesar de eu ter uma vista individual do mundo, também possuem uma visão que complementa o que eu vejo.”

“Todo mundo sai daqui aprendendo que dá sim para construir redes de apoio leves, seguras, onde a gente pode não só ser quem é, mas também falar abertamente sobre isso, aprender a ouvir o outro e, através da vivência do outro, se sentir pertencente ao próprio corpo, à própria cidade, à própria comunidade que a gente busca criar.”

Arthur escreveu em nosso mural a palavra “gênero” ao contrário e de cabeça para baixo. Sinto que isso sintetiza, de certa forma, o que vivemos no grupo. Viramos do avesso, na teoria e na prática, esse conceito – e sempre de forma criativa!

Figura 43. Intervenção de Arthur em nosso mural de palavras-chave

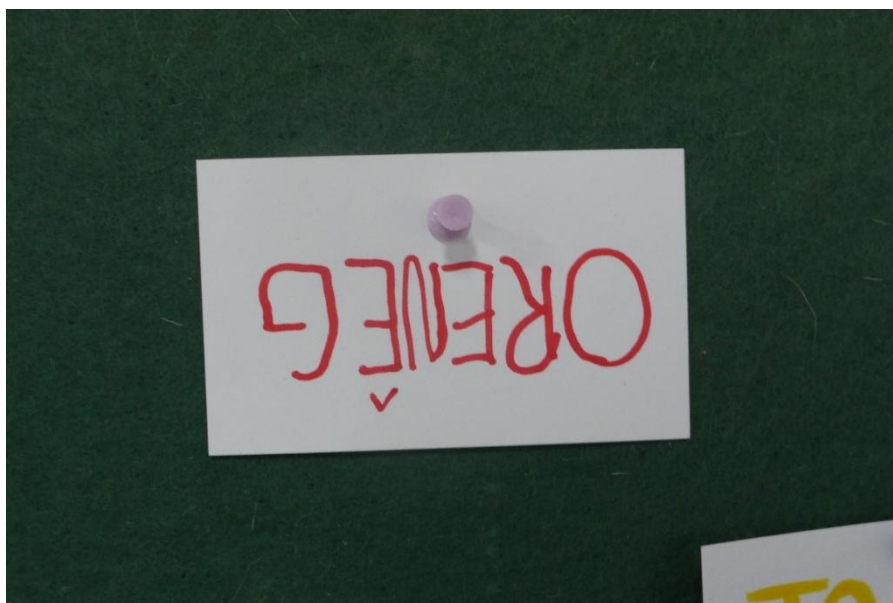


Foto: Luiza Domingos

Para além da investigação dos deslocamentos que o contato com o pensamento em e sobre arte de pessoas trans e travestis gerou junto ao Grupo de Estudos Arte em Transição, surgiu, ainda no início da pesquisa, por parte da professora Kelly Mendes, a ideia de transpor essa mesma pergunta a um outro contexto educativo, por meio da realização de uma ação pedagógica com estudantes da Educação Básica. Prontamente acolhi a ideia. Desde os primeiros encontros, partilhei com o grupo que as experimentações que estávamos construindo precisavam considerar, também, o que queríamos falar e mostrar para adolescentes que visitariam nossa exposição. Entretanto, isso não teve como intenção cercear a liberdade de criação, ainda que algumas vezes tenham me perguntado o que poderia ou não poderia ser feito, considerando que receberíamos a visita de menores de idade. Apostei que, inserida em uma proposta de diálogo franco com esse público, a produção, ainda que gerasse algumas desestabilizações (ou, talvez, precisamente por isso), deveria ser acessada. Pisar em ovos seria covardia.

Figura 44. Estudante do Ensino Médio durante a visita à exposição “transmutações”



Foto: Kelly Mendes

Nos visitaram 14 estudantes do Ensino Médio de uma escola local. A ação pedagógica desenvolvida, considerando esse público, teve duas partes. A primeira consistiu na visita à exposição “transmutações”, seguida de uma roda de conversa com integrantes do Grupo de Estudos Arte em Transição. A segunda, em

uma oficina de desenho e escrita, com tema “O que eu gostaria de transmutar?”, dividida em uma etapa individual, e outra coletiva. Apresento, a seguir, em palavras e imagens, o que resultou desse momento de trocas e diálogos.

Para a roda de conversa que sucedeu a visitação livre na exposição, sentamos em roda no chão, com as obras nos cercando, e eu falei brevemente sobre o Grupo de Estudos Arte em Transição e a proposta curatorial de “transmutações”. Em seguida, questionei o que as pessoas presentes haviam sentido, se havia dúvidas ou comentários e quais obras haviam chamado a atenção delas. Algumas falas são emblemáticas para a percepção de que houve, sim, conexões estabelecidas entre estudantes e artistas, mediadas pelas obras expostas.

“Eu não paro de olhar para ele [o quadro “Falta Sutileza?”, de Marcos Araújo]. Eu não sei... Eu me sinto um pouco representada.”

“Tem um quadro específico [“Espelho”, de Vanessa Gênese] que tá me encarando, e eu tô encarando ele, tentando entender ele...”

Aproveitei da presença de artistas participantes para que pudessem dialogar com as pessoas interessadas em suas obras, não no sentido de explicá-las, mas de compartilhar quais ideias estavam em suas cabeças no momento da produção. Cada artista partilhou brevemente seu processo e, nessas conversas, até eu descobri coisas que, apesar de tantos meses de convivência, ainda não sabia. O interesse das pessoas que nos visitavam, jovens em formação cidadã, nas produções do grupo, foi estimulante. Ouvir cada artista falar para aquele público de seus sonhos, suas revoltas, suas dores, e partilhar sobre como sua arte é resultado de tudo isso, também.

“Normalmente, são sensações, é uma mistura, que a gente não consegue, mesmo se esforçando, transmitir para as outras pessoas de maneira fácil. Então, através da arte, das produções, é como se a gente não precisasse nem fazer esforço, como se naturalmente uma parte da gente fosse desenhada, e pintada, e escrita de uma maneira que realmente faz com que a gente se sinta confortável de se expressar.”

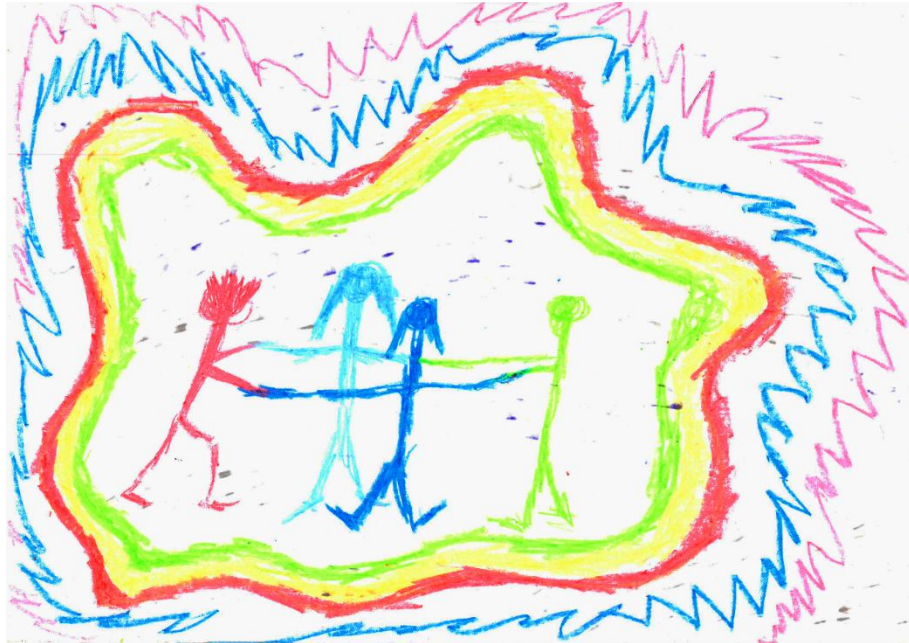
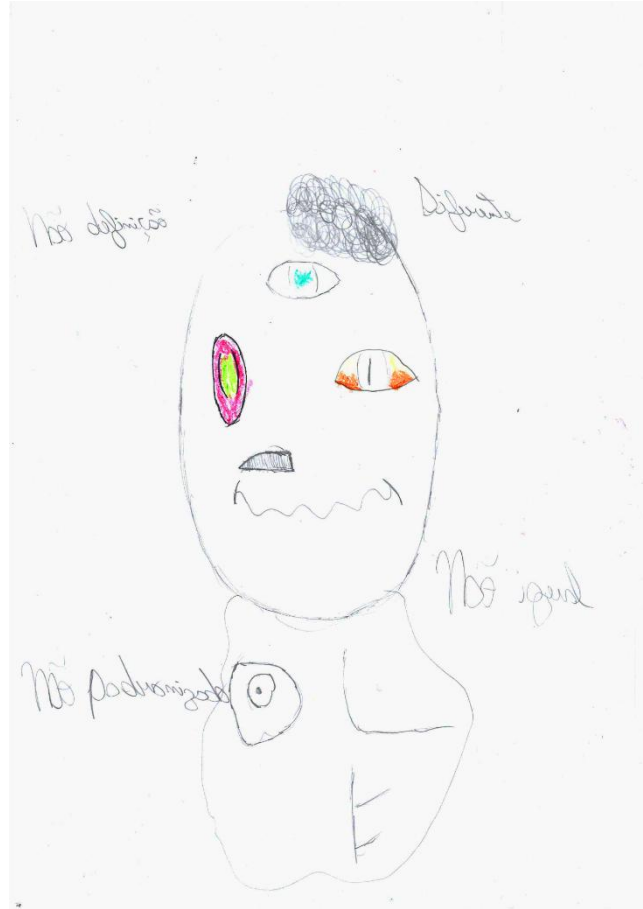
“Eu achei superinteressante que cada artista, cada pessoa que trabalhou nessas obras, conseguiu transmitir um pouco da essência deles em si. É uma coisa muito bonita de presenciar e é superinteressante ver como que cada um consegue contar um pouco da sua história, ou de como se sente, ou da sua perspectiva do mundo em um trabalho que é tão lindo de ver. É algo realmente muito incrível.”

Em nossa conversa, a arte foi abordada como forma de transmutar o que vivemos cotidianamente, de canalizar nossas experiências, de processar traumas, de pôr para fora o que está apertando o peito. Antes do Arte em Transição, confesso que acreditava ser balela esse papo de que a arte cura, mas, com o grupo, percebi que não. Para muitas, senão todas as pessoas artistas expondo ali não apenas suas obras, mas a si, a arte foi uma forma encontrada para lidar com feridas, as próprias e as do mundo, de encará-las e buscar formas de sará-las. Ainda que saibamos o quanto o sistema da arte é, ele mesmo, adoecido, e que não acreditemos que a nossa salvação virá dele, os nossos próprios fazeres, de alguma forma, nos curam e, como a convivência no grupo mostrou, também ajudam a curar outras pessoas cujas vivências são similares às nossas. Com inspiração em tudo isso, fechei a roda de conversa convidando quem nos visitava a buscar uma linguagem, a sua própria linguagem, para fazer arte e se deixar transmutar através dela.

Em seguida, procedemos à oficina, inspirada e adaptada a partir da "Oficina de Embaralhamento" proposta por Maria Léo Araruna (2022).

Na etapa individual, ouvimos duas músicas, “Flua”, de Majur (2021), e “Você não existe”, de Potyguara Bardo (2018), enquanto as pessoas participantes rabiscavam em uma folha de papel A3, se deixando levar por letra e melodia. Depois, no verso do papel, elas deveriam escrever todas as palavras que viessem à cabeça.

Figura 45. Desenhos resultantes da oficina “O que eu gostaria de transmutar?”



Fonte: Acervo da pesquisa

Figura 46. Escritas resultantes da oficina “O que eu gostaria de transmutar?”



Fonte: Acervo da pesquisa

Os desenhos tomaram um rumo mais abstrato, esperado, uma vez que a proposta era que as pessoas participantes fossem embaladas pelas músicas, deixando o corpo responder a elas livremente. Alguns dos desenhos abordam, com inspiração nas letras, ideias sobre diversidade.

No que tange às palavras escritas durante esse momento da oficina, surgiram algumas como “imaginação”, “poesia”, arte”, que demonstram o acionamento da criatividade pela proposta. Outras palavras, como “liberdade”, “inovação”, “nova invenção”, “nova era”, “não definição”, “não padronizado”, “diferente”, “não igual”, a

meu ver revelam os deslocamentos produzidos pelo contato conosco, com nossas obras e com as próprias músicas, apresentando possibilidades de ser que escapam daquelas normalizadas e prescritas. “Confusão” apareceu mais de uma vez. Para mim, ela não tem um teor necessariamente negativo. Tudo bem sentir confusão diante do que desestabiliza os pressupostos, desde que haja abertura para compreender e respeitar as diferenças. Mas algumas outras palavras acendem um sinal de alerta: “ódio”, “brigas”, “dificuldades”, “encaixar”, “preso”, “âncora”, “penitência”, “socorro”. Sobretudo em conjunção com outras palavras como “pais”, “igreja”, “cidade”, elas fazem pensar sobre como as instituições que arregimentam expectativas sobre os corpos impõem um peso sobre as vivências de jovens. É triste constatar isso nos discursos que emergiram, mas, ao mesmo tempo, também é esperado. Nós sabemos bem como isso acontece. Nós vivemos isso na pele, todos os dias. Alguém escreveu duas frases comoventes: “choro para sorrir” e “quero decidir / mas não decida por mim / mesmo que eu não escolha”. As vivências na contramão da cisheteronormatividade, infelizmente, nos fazem partilhar desses sentimentos. Como seria bom se não fosse assim. Mas é. Resta tentar entender o que podemos fazer para transformar esse cenário, para acolher nossas juventudes, para que elas não se sintam castradas, sozinhas, desamparadas, perdidas e tristes. Esse é um exercício imperativo para nós, docentes.

Uma das jovens desenhou e escreveu o seguinte:

Figura 47. Desenho resultante da oficina “O que eu gostaria de transmutar?”



Fonte: Acervo da pesquisa

João 3:16

Porque Deus veio ao mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito para que todos que Nele cre [sic] não pereça [sic] mas tenha [sic] a vida eterna.

Me surpreendeu tamanho desvio da atividade proposta. Mas, como parte da dinâmica, cada pessoa mostrou seu desenho e falou uma das palavras escritas para o grupo. E essa jovem falou: “vida”. Isso me surpreende e animou, afinal toda profecia de vida para nós é bem-vinda. Não sou uma pessoa religiosa, mas digo amém!

Não! Não! Eu não vou morrer! Eu não vou morrer! Eu não vou morrer! Eu não vou morrer! Não! Não! Não! Não! Não! Não! Não! Viva! Viva! Viva! (Viva!). Viva em pleno mar morto! (Viva! Viva!). Viva! (Viva!) Viva! (Viva!). Viva em pleno mar morto! Em pleno mar morto! [...] Para que não pereça. Para que não pereça. Mas tenha vida eterna! Para que não pereça. Para que não pereça. Para que não pereça! Mas tenha vida eterna! [...] Videira! Videira! Videira! Videira! Videira! Videira! Videira! (Vida!). Videira! (Vida!). Videira! (Vida!). Videira! (Vida!). Videira! (Vida!). Videira! (Vida!). Viver a vida! (Ventura Profana; Podeserdesligado, 2020).

Encontrar uma palavra em uma daquelas 14 folhas de papel A3 me deixou especialmente feliz. “Esperança”. Que bom que o contato conosco fez alguém ali sair do Parthenon Center e entrar no ônibus escolar com um pouquinho mais de esperança. E que essa esperança seja o motor de transmutações, em si e à sua volta.

No momento coletivo, o plano era desenvolver um desenho, na dimensão 150x50cm, sobre as transmutações que o grupo desejava. Parte da proposta era de que as ideias fossem discutidas e negociadas pelo grupo, que decidiria conjuntamente o que fazer, antes que as pessoas começassem a desenhar. Propus isso tendo em vista que algo que o processo que o Arte em Transição me ensinou foi que estar e pensar em grupo nos fortalece rumo às transformações que queremos fazer. Dar ideias, exercitar a escuta e tomar decisões são partes importantes de qualquer ação pedagógica grupal que busque a emancipação, sem perder de vista as individualidades e a noção de que os esforços de cada pessoa são importantes para a realização do plano traçado conjuntamente. Comprometer-se verdadeiramente com o outro muda o mundo.

Foi um exercício um tanto difícil para o grupo:

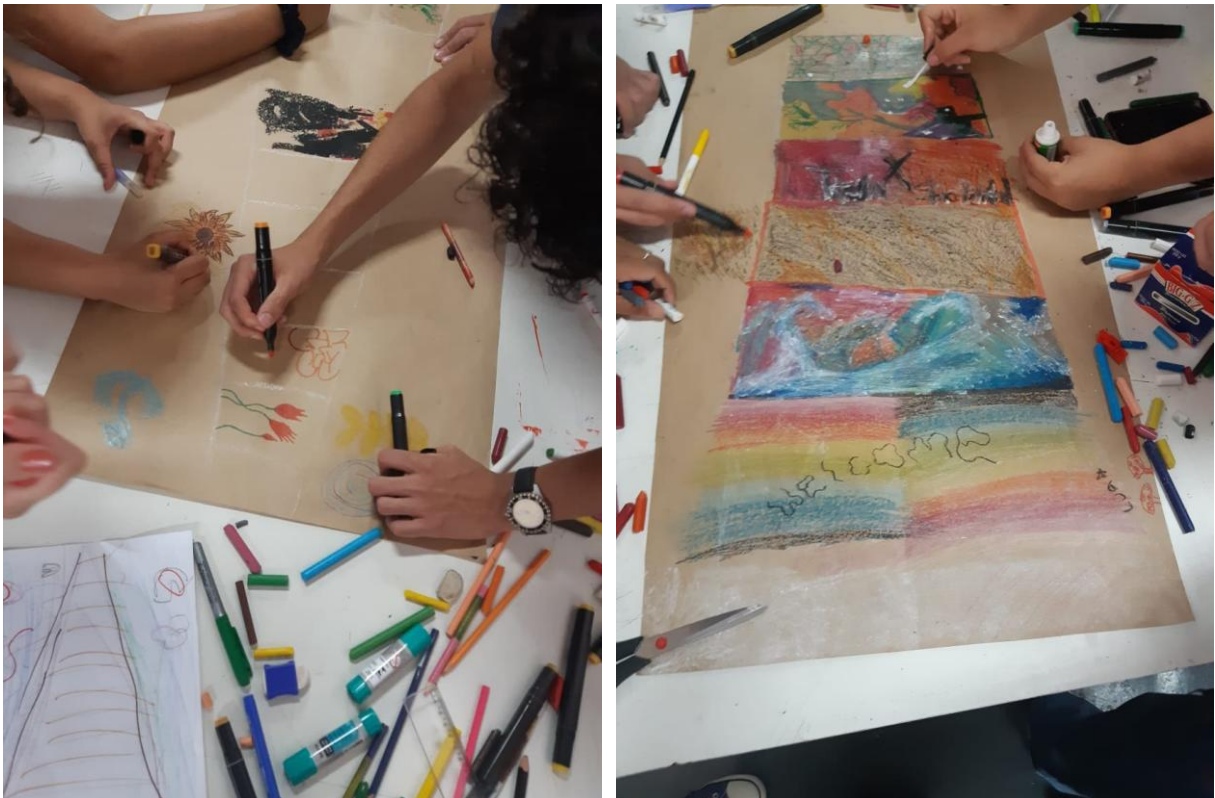
“A gente tem cada vez menos vivido em um mundo coletivo, a gente tem trabalhado muito menos a ideia da coletividade.”

Mas logo começaram a surgir ideias. Um jardim. Um lago. Uma escada. Cada pessoa que propôs algo explicou sua ideia. O grupo ouviu e, ao final, fez uma votação. Mas sempre há descontentes na democracia. Sobretudo em votações acirradas. O grupo começou a se dividir, e o espírito da atividade não era esse. Precisávamos do engajamento coletivo. Por um instante, senti medo de que o grupo se dispersasse, de que quem perdeu no voto não contribuísse no desenvolvimento da proposta vencedora. Mas rapidamente João, do Arte em Transição, sugeriu ao grupo desenvolver as duas propostas ao mesmo tempo. Quem perdeu voltou a se animar. Quem venceu não se opôs. Decidiram fazer uma escada em perspectiva, com 14 degraus, margeada por um jardim e um lago. Cada pessoa ficaria responsável pelo desenho em um degrau, e o restante seria feito apenas por quem tivesse vontade. Uma estudante descreveu assim a proposta:

“Uma mistura bem harmônica, mas nem tanto, porque é uma mistura de cada individualidade.”

Com esse espírito em mente, era hora de pôr as mãos na massa!

Figura 48. Trabalho na obra coletiva durante a oficina “O que eu gostaria de transmutar?”



Fotos: Mikaela Pastana

Foi uma grata surpresa observar a empolgação do grupo. A energia no ar era palpável. Todas as pessoas ao redor de uma mesa, trabalhando em seu pedacinho, fazendo o que lhe cabia para tornar o plano do grupo realidade.

Das 14 pessoas, apenas 3 estavam menos engajadas. Engraçado pensar na cumplicidade entre aqueles rapazes, que se evidenciava um pouquinho mais a cada ato. No momento de apresentar os desenhos e palavras feitos individualmente, levantaram-se e o fizeram em trio. Agora, haviam decidido que fariam um só degrau. Por coincidência do destino, o grupo errou a contagem dos degraus e, em vez de 14, saíram 15. Assim, o que o trio havia feito acabou ocupando o degrau que sobrava, e insisti que fizessem também um cada. Ainda que relutantes, aceitaram. Já o restante do grupo de estudantes trabalhava bastante empolgado. Conversava bastante, entre si e com integrantes do Arte em Transição que estavam ali presentes e orientavam a produção do desenho, ao mesmo tempo em que ocupavam suas margens, contribuindo para dar forma ao jardim e ao lago. Um diálogo entre uma estudante e uma das artistas, Mikaela, sobre o desenho, chamou minha atenção:

“– Tô me arrependendo de não saber o que eu tô fazendo.”

“– Tenta descobrir no meio desse processo. Talvez você descubra.

Só vai fazendo.”

Tem coisa mais bonita que ver uma pessoa trans ensinar uma adolescente? Ainda mais com uma fala assim, espontânea, que reconhece a importância do ato de deslocar-se? É sobre arte, mas é sobre vida também. Tudo é experimento. Contornar as expectativas, rumo ao inesperado. Um eterno devir.

Figura 49. Obra coletiva resultante da oficina “O que eu gostaria de transmutar?”



Foto: Luiza Domingos

O resultado do desenho incorpora uma multiplicidade de assuntos. Pode até parecer que não responde à pergunta inicial, “O que eu gostaria de transmutar?”, como alguém disse durante a oficina, mas, ao menos para mim, não é bem assim.

Podemos, por exemplo, ver duas bandeiras do Brasil. Há algo mais urgente que transmutar esse país, tão marcado por violências? Alguém escreveu “UFG”. Outro espaço que carece de transmutação.

Entre rabiscos e respingos de tinta, há algumas assinaturas e tags. Marcas de que estiveram presentes. Também desenharam uma infinidade de carinhas. A linguagem de uma geração que provavelmente cresceu com celulares nas mãos. Uma dessas carinhas, inclusive, está triste. Queremos e vamos transmutar a tristeza!

Um tema recorrente foi a natureza (água, arco-íris, flores, animais, estrelas, universo). Ela nos ensina que transmutar é parte de tudo. Ao mesmo tempo, precisamos transmutar nossa relação com ela, torná-la menos predatória. Há dois desenhos com formas complementares de energia de transmutação: de um lado, o mar revolto, e do outro, a queimada no cerrado. Essa energia, contida em cada um daqueles corpos, notável durante o processo de feitura do desenho, transbordou para o papel.

Por falar em corpo, ele apareceu bastante. A diversidade de órgãos genitais e de peitos, assim como a inclusão de palavras que fazem referência direta ao sexo, permitem vislumbrar as curiosidades com as quais adolescentes convivem. As menções a drogas, também. São assuntos com os quais se deparam em seus cotidianos, e que carecem ser debatidas sem rodeios, para que possam fazer escolhas informadas.

Ao contrário do que aparentemente espera a ala mais reacionária da cisgeneridade, nossa interação não fez com que qualquer estudante transicionasse de gênero. Mas o medo que essas pessoas têm de deixar jovens conviverem com temas relacionados à diversidade e com pessoas como nós talvez venha de outro lugar, não desse. É que nós temos sede de transmutações. Queremos transmutar o mundo cruel, desigual, injusto que sustenta seus privilégios. Sabemos que é possível. E vamos trabalhar para isso. Nesse sentido, realmente somos um perigo para essa ordem perigosa. E nos orgulhamos disso.

CONSIDERAÇÕES

No pré-projeto de pesquisa que veio a se tornar esse trabalho, escrevi que esperava, a partir da promoção do contato com os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos por pessoas trans e travestis nos campos da pesquisa e da prática artísticas, despertar reflexões sobre os papéis mesmos que a arte desempenha nas construções identitárias e nos arranjos da vida em sociedade (e vice-versa), desde o gênero, mas também para além dele.

As experiências tidas nos encontros indicam que esse objetivo foi alcançado. É marcante a percepção de que reivindicar a arte é reivindicar formas de agir em si e no mundo, transformando ambos. Os diálogos demonstram, ainda, tanto a percepção de que o gênero é um importante marcador social nas vidas de pessoas trans e travestis e, por isso, sua abordagem em seus trabalhos acaba sendo comum, quanto que elas não se conformam em ser confinadas em uma caixinha que as obrigue a tratar exclusivamente sobre ele, como se só conhecessem esse assunto, porque podem e querem cultivar outros interesses que reverberem na arte que fazem.

No grupo de estudos, investigamos e problematizamos as relações entre gênero e arte. Queremos mais espaços e oportunidades para que pessoas trans façam arte. Mas não queremos fazer “arte trans”. Valorizamos nossas identidades, mas não aceitamos que nos reduzam somente a elas. Nos achamos pessoas extraordinárias e queremos ser ordinárias, ao mesmo tempo. Nossas diferenças fazem parte da nossa humanidade. Nos propomos a questionar tudo o que é dado, já vem pronto. Talvez fosse mais fácil seguir a multidão. Mas não haveria graça alguma. O que nos move é o desejo pulsante, incontrolável, de construir algo outro para ser, viver, fazer. Isso transborda em nosso manifesto, que, a partir de uma costura das palavras proferidas pelas pessoas participantes, apresenta nossas visões, nossos anseios e nossas contradições. O manifesto foi tecido por mim, mas com fios cujas cores, texturas e dimensões tem procedência nas vozes de cada integrante do grupo.

Já a atividade com estudantes do Ensino Médio mostrou que há anseios nas cabeças jovens. Desejo de entender. Desejo de experimentar. Desejo de descobrir. Entretanto, há também muito medo. Vivências castradoras, limitantes. Como podemos transmutar isso? Partilhei essa inquietação com Vênus, falando com bastante desânimo que três horas com esse público não me pareciam o suficiente para promover mudanças significativas, mas ela disse algo que só quem vive transmutando

situações adversas poderia sugerir: que alguma sementinha deve ter sido plantada e que algum processo pode ter começado ali, naquele encontro.

O que significou ocupar por tantos meses as paredes da Escola de Artes Visuais, um aparelho cultural do Governo do Estado de Goiás, com um mural com nomes de artistas trans e travestis e as demais produções de um grupo que estava refletindo em torno de questões de gênero? Quais impactos gerou a montagem e ampla divulgação de uma exposição com quase 75% de artistas trans em um estado reconhecidamente conservador, que alcançou mais de uma centena de assinaturas no livro de visitas? Os deslocamentos gerados por esses atos eu não consigo mensurar com precisão. Mas espero que tenham sido muitos.

Uma última questão se impõe: Que deslocamentos todos esses contatos promoveram em mim, tanto pessoalmente quanto profissionalmente? Arte em Transição me salvou. Antes dele, nada parecia fazer muito sentido na vida. As violências que permearam minha formação docente, em um período que coincide com o início de minha transição, ocasionaram muita descrença. Na educação. Em mim. Morreram sonhos. Morreu a vontade de sonhar. Morri eu. Mas me vejo, agora, nas palavras que Orlando proferiu em nosso último encontro: “Toda vez que eu morro, eu crio alguma coisa, e através dessa arte eu me sinto viva novamente”. É realmente algo que a gente aprende, na marra, a fazer. Transmutar morte em vida. Transmutar morte em arte. Nesse sentido, Arte em Transição talvez tenha sido minha obra prima.

Hoje, eu acredito um pouco mais no poder transformador da minha docência. Que me afirmar docente é uma forma de transicionar, um pouquinho que seja, a educação. E isso me anima. Porque a educação, definitivamente, precisa ser transicionada. Não vou aceitar com resignação que “as coisas sejam como são”. Acreditar em transições me permite acreditar que elas possam ser diferentes. E me encoraja a trabalhar para tornar reais as mudanças que desejo ver.

Saio dessa experiência com a certeza de que as pedagogias que desenvolvemos tem muito a ensinar. E que as pessoas educadoras precisam se abrir para aprender com elas. Os currículos têm muito a ganhar ao integrar nossas perspectivas. Aqui, tracei um caminho possível, desde um contexto não formal de ensino, mas espero que essa proposta inspire outras ações, inclusive dentro dos espaços escolares e universitários. Sugiro algumas leituras possíveis, mas há ainda muitas outras a serem exploradas. Que docentes se aventurem entre nossos saberes, e se preparem para acolher a diversidade em sala de aula. Que discentes tenham a

oportunidade de ter contato e se deixar deslocar, transmutar, pelo que temos a dizer, mostrar, propor.

No encerramento desse ciclo, sinto que há mais transmutações por vir. Duas participantes demonstraram interesse em dar continuidade ao projeto. Lá no início, jamais imaginaria que ele se tornaria tão importante para as outras pessoas. Hoje, não sei o que virá no futuro, mas sonho junto com Jeanne:

“Eu espero que [o Arte em Transição] não morra, eu espero que a gente possa continuar buscando respostas para essas perguntas. [...] Nunca é sobre chegar numa conclusão. É sempre sobre como continuar costurando novos saberes, novos entendimentos.”

Figura 50. Jeanne profetizando no último encontro do Grupo de Estudos Arte em Transição

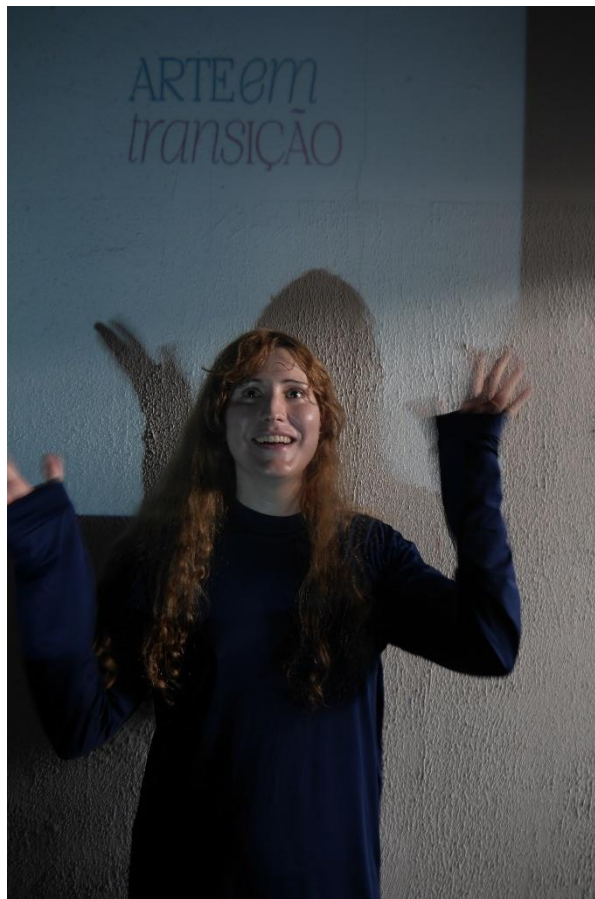


Foto: Luiza Domingos

Talvez este escrito pareça, em forma sobretudo, pouco comum diante dos moldes acadêmicos. Não caber nos moldes parece o único caminho possível. Ressalto que, em sua construção, minha maior preocupação era encontrar formas de

retribuir, sobretudo, à Escola de Artes Visuais e ao Grupo de Estudos Arte em Transição pelo acolhimento não só às minhas ideias e propostas, mas também a mim, no ano de 2025. Dessa forma, o público prioritário desse relato de experiências não é o universitário, ainda que esteja sendo apresentado nesse formato. Mas, mesmo assim, espero que esse texto possa, de alguma forma, contribuir com pesquisas futuras. Que o contato com ele siga promovendo deslocamentos!

REFERÊNCIAS

- ARARUNA, Maria Léo. **Bricolagem travesti**. Brasília: Padê Editorial, 2019. (Cole-Sã Escrevivências, v. 31).
- ARARUNA, Maria Léo. Escrita e dramaturgia pós-gênero. *In*: PINTO, Viviane; ARGENTA, Milena (org.). **Ciclo Cultura e Sociedade**. São Paulo: Bendita Prosa, 2022. p. 104-114.
- BARDO, Potygyuara. Você não existe. *In*: BARDO, Potygyuara. **Simulacre**. Natal: DoSol, 2018.
- BONOBA, Noá. Introdução. *In*: BONOBA, Noá. **Escritos de uma guerra planetária**. Fortaleza: Quitanda Soluções Criativas, 2021. p. 23-37.
- CARVALHO, Renata. A arte e a representatividade. *In*: GERALDI, Silvia *et al.* (org.). **Artes da cena e direitos humanos em tempos de pandemia e pós-pandemia**. Rio Branco: Stricto Sensu, 2022. p. 67-91.
- HABIB, Ian. Performatividade. Transformação como categoria analítica. Poéticas Performativas. *In*: HABIB, Ian. **Teatro e performance**. Salvador: UFBA, 2022. p. 59-65. p. 110-113. p. 121-125.
- HOLANDA, HBlynda Moraes de; MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de. Confabulando o agora para mirar no amanhã: a não binariedade como outra inteligibilidade. **Fórum Linguístico**, v. 21, n. 4, p.11072-11087, 2024.
- GRESA, Thi. De que corpos falamos quando falamos de performance? *In*: GUARITA, Marília (ed.). **(Des)fazenda: o fim do mundo como conhecemos**. Santos: Instituto Procomum, 2021. n.p.
- LHULLIER, Luciana. (org.). **Transcritos**. Passo Fundo: Editora Desdêmona, 2025.
- MACHADO, Safira Lopes. **Penso, logo nada sei**. São Paulo: Edição do autor, 2024.
- MAJUR. Flua. *In*: MAJUR. **Ojunifé**. Salvador: Majur, 2021.
- PROFANA, Ventura; PODESERDESLIGADO. Eu não vou morrer. *In*: PROFANA, Ventura. **Traquejos Pentecostais para Matar o Senhor**. Belo Horizonte: Ventura Profana, Podeserdesligado, 2020.
- MANHATTAN, Agrippina. Por que não houve grandes artistas travestis? **Revista Desvio**, v. 2, n. 3, p. 94-98, nov. 2017.
- MARINELLI, Princesa Ricardo. Escritos sobre improvisar na vidança (de uma não-binária em permanente transição espiralar). **Revista O Mosaico**, v. 17, n. 1, p. 99-111, 2023.
- OLIVEIRA, Iêda Figueiró de. **Do íntimo ao coletivo: figueira infinita em busca da plenitude ontológica**. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. De santa a perigosa: representações e apagamentos de corpos trans femininos nas artes visuais até o século XIX. *In*: OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Entre silêncios, sussurros e gritos: transgressões de gênero, raça e sexualidade**. Salvador: Devires, 2025. p. 29-57.

POKAROPA, Vulcanica. Pessoas transexuais, travestis e não binárias no mundo das artes. *In*: REDE NAMI (org.). **Hackeando o poder: táticas de guerrilha para artistas do sul global**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022. p. 25-29.

POKAROPA, Vulcanica. Pessoas transexuais, travestis e não binárias na performance e teatro: não dá mais para fingir que não produzimos. **Desacato**, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://desacato.info/ocupacao-vulcanica-lancamento-do-23o-episodio-desaquenda-e-da-publicacao-hay-para-ler/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

PROFANA, Ventura. Evangelho do fim. [Entrevista concedida a GG Albuquerque]. **Outros críticos**, v. 5, n. 16, p. 104-126, 2020.

RAVENA, Isadora. Prototese para travecametodologias de criação em arte contemporânea. **Revista Poiésis**, v. 23, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2022.

REBOUÇAS, Brisa. Todo mundo é gente. *In*: ANJOS NETO, João Dantas dos; SANTOS JUNIOR, Jocy Meneses dos; JESUS, Samuel José Gilbert de; SILVA, Suzilayne Rodrigues da (org.). **Corpo território**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2025. (no prelo).

REIS, Beta. **Dezessete**. Goiânia: NegaLilu Editora, 2020.

SALU, Diana. **Então você quer escrever personagens trans?** Uma conversa para ficcionistas cis (héteros e LGBs). Brasília: Diana Augusto Salustiano Botelho, 2021.

SANTOS JUNIOR, Jocy Meneses dos; TURÍBIO, Mavi. Como romper com a sistematização do olhar promovida pela cisheteronormatividade, rumo a uma vida mais vivível? *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, 6., 2023, Montevideu. **Anais [...]**. Montevideu: UDELAR, 2023. p. 300-308.

VIEIRA, Helena. “Arte trans” é, portanto, arte. [Entrevista concedida a Cecília França]. **Rede Lume**, 5 out. 2024. Disponível em: <https://redelume.com.br/2024/10/05/arte-trans-e-portanto-arte>. Acesso em: 12 mar. 2025.

ANEXO 1 – TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS



TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, ANTUNIS DE ARAÚJO ARANTES, CPF: [REDACTED], Coordenador da Escola de Artes Visuais (SECULT Goiás), estou de acordo e ciente de que a pesquisa “*Arte em Transição*”, conduzida por JOCY MENESES DOS SANTOS JUNIOR, CPF: [REDACTED], Estudante no curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás, sob supervisão de GABRIEL NEVES DA SILVA, CPF: [REDACTED], Artista Visual, é parte das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto de Pesquisa: “*Fragments de Memória: Construindo subjetividades docentes e discentes no trânsito entre o passado e o presente*” (código: PI03783-2019), coordenado por KELLY CHRISTINA MENDES ARANTES, Professora Associada do curso de Licenciatura em Artes Visuais e orientadora da pesquisa “*Arte em Transição*”, e que as produções das pessoas participantes e as experiências registradas em fotografia, áudio e vídeo poderão servir de dados para a pesquisa, desde que os termos de Consentimento e Assentimento de Livre Esclarecimento, para uso das produções, fotografias, textos, áudios e vídeos estejam assinados pela discente e pela docente responsáveis pela condução da pesquisa e pelas pessoas participantes do grupo de pesquisa.

Goiânia, ____ de _____ de _____.

ANTUNIS DE ARAÚJO ARANTES

ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES DO GRUPO DE ESTUDOS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a/o) a participar, como voluntária (a/o), da pesquisa intitulada **“Arte em Transição”**. Meu nome é Jocy Meneses dos Santos Junior e minha área de atuação é Arte e Cultura Visual. Eu sou responsável pela pesquisa **“Arte em Transição”**, que é parte das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto de Pesquisa **“Fragmento de Memória: Construindo subjetividades docentes e discentes no trânsito entre o passado e o presente”**, coordenado pela Professora Doutora Kelly Christina Mendes Arantes (FAV/UFG), minha orientadora.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a/o) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, via e-mail jocyjunior@discente.ufg.br ou através do número (98) 98740-1709, e pela Professora Kelly, via e-mail kellymendes@ufg.br ou através do número (62) 98222-5040. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62) 3521 1215, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) foi criado para proteger o bem-estar de participantes de pesquisas, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

O projeto de pesquisa **“Fragmento de Memória: Construindo subjetividades docentes e discentes no trânsito entre o passado e o presente”** tem como objetivo geral usar, posteriormente, registros fotográficos e depoimentos de ações pedagógicas para despertar reflexões futuras que deem sentidos aos fragmentos de memória daqueles momentos vividos, evocar lembranças e construir narrativas sobre o ensino da arte e da cultura visual e, com isso, reinventar práticas e metodologias que contribuam para a autonomia de estudantes e docentes de arte.

A pesquisa **“Arte em Transição”**, desenvolvida no âmbito deste projeto e que culminará em meu Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Artes Visuais, será conduzida a partir de duas ações extensionistas. A primeira delas consistirá nos encontros com o Grupo de Estudos **“Arte em Transição”**, realizados na Escola de Artes Visuais – SECULT/GO. O segundo momento se dará a partir de uma ação pedagógica que oportunizará a fruição das produções do grupo junto a estudantes da educação básica. Você será fotografado (a/o) durante o período de realização das atividades da pesquisa e as suas observações escritas ou poderão ser gravadas ou anotadas. A sua participação se dará somente enquanto durarem as ações da pesquisa, sem gastos financeiros para você.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.



Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. Se você permitir que seu nome seja divulgado, garantimos que ele aparecerá junto com as informações desta pesquisa apenas em eventos ou publicações científicas. Toda a pesquisa pode oferecer riscos e nesta você pode sentir cansaço para executar as atividades propostas, constrangimento e riscos emocionais como vergonha de compartilhar sua produção com outros participantes, mas a proposta destas atividades é também contribuir para que todos e todas aprendam a respeitar as diferenças, a diversidade de formas de se expressar no contexto das Artes Visuais e, para isso, nós, responsáveis pela pesquisa, estaremos atentos para evitar qualquer tipo de constrangimento que possa ocorrer durante as atividades.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, seu nome como pessoa autora dos trabalhos desenvolvidos pode ser mantido em sigilo, a não ser que você permita divulgá-lo. Todo material ficará sob nossa guarda por um período mínimo de cinco anos. Faça um “√” entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito que a minha produção artística tenha o meu nome como pessoa autora.
- Não permito que a minha produção artística tenha o meu nome como pessoa autora.

Para condução da entrevista, é necessário o seu consentimento para utilização de um gravador. As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Faça um “√” entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito a utilização de gravador durante a entrevista.
- Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça um “√” entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Autorizo o uso de minha voz em publicações.
- Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações. Faça um “√” entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
- Não permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações. Faça um “√” entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
- Não permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.



Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com um “√” entre os parênteses abaixo:

- () Permito utilizar esses dados para pesquisas futuras.
 () Não permito utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, _____, abaixo assinade (a/o), concordo em participar da pesquisa **“Arte em Transição”**, conduzida por Jocy Meneses dos Santos Junior, sob a orientação da Professora Doutora Kelly Christina Mendes Arantes (FAV/UFG) e realizada como parte das ações desenvolvidas no âmbito de seu Projeto de Pesquisa, intitulado **“Fragmento de Memória: Construindo subjetividades docentes e discentes no trânsito entre o passado e o presente”**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a/o) e esclarecido (a/o) pela responsável pela pesquisa **“Arte em Transição”** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação na pesquisa acima descrita.

Goiânia, ____ de _____ de _____.

 Assinatura por extenso da pessoa participante

 Assinatura por extenso da responsável pela pesquisa “Arte em Transição”

 Assinatura por extenso da responsável pelo projeto de pesquisa “Fragmento de Memória: Construindo subjetividades docentes e discentes no trânsito entre o passado e o presente”

ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES DA OFICINA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) Para Pais e/ou Responsáveis

Você, na qualidade de responsável por....., está sendo convidado(a) a **autorizar a participação** do(a) menor na **Oficina Arte em Transição: “O que eu gostaria de transmutar?”** que ocorrerá na escola de Arte do Centro Cultural Octo Marquês localizado Edifício Parthenon Center, na rua 4, número 515, no Centro, que acontecerá no dia 20/10/2025 das 14hs às 17hs. E que o seu deslocamento ao local da oficina se dará pelo **veículo oficial da UFG** e que haverá acompanhamento durante todo o percurso por profissional [REDACTED]

A exposição reúne obras de pessoas que fizeram parte do Grupo de Estudos Arte em Transição, apresentando os exercícios desenvolvidos ao longo do ano de 2025. Apresenta, desde perspectivas diversas, como a convivência no grupo gerou afetos e afetações em cada uma das pessoas que dele participou, com desdobramentos nas formas de pensar sobre si, a sociedade e a arte. “Transmutações” é sobre o exercício diário de transicionar modos de ver, conhecer, fazer e viver, tomando como matéria prima este mundo para agir sobre ele, seja ao dar vazão aos nossos descontentamentos com as feridas que ele causa, seja ao inventar formas de curá-las. A proposta toma inspiração e é uma adaptação da “Oficina de Embaralhamento” proposta por Maria Léo Araruna (2022). Dividida em quatro momentos:

- 1: Escute as músicas** “Flua”, de Majur, e “Você não existe”, de Potyguara Bardo, enquanto rabisca uma folha de papel A3.
- 2: Quando a música parar**, corra para a folha rabiscada, vire-a do avesso — para a parte toda em branco — e comece a escrever todas as palavras que vierem à sua cabeça.
- 3: Pense se e como o rabisco e o rascunho se relacionam** com as obras que você viu na exposição “Transmutações”.
- 4: Vamos desenhar e escrever**, coletivamente, no papel 150x50cm, as transmutações que desejamos?

Essa oficina será realizada com base em uma abordagem pedagógica crítica, em diálogo com os estudos das **artes visuais** e da **cultura visual**. O objetivo é relacionar a produção artística dos estudantes com suas experiências no cotidiano e na sociedade em que vivem marcadas por relações sociais nem sempre preocupadas com a educação em direitos humanos. Acreditamos que discutir temas relevantes para a comunidade escolar, como os direitos humanos, ajuda a construir uma sociedade mais justa, democrática, sem preconceitos e com respeito à diversidade de gênero, classe social, etnia, religião etc. A arte, nesse contexto, é uma forma de compreender a si mesmo e aos outros.

A oficina integra a *Pesquisa* intitulada: **“Fragmento de Memória: Construindo subjetividades docentes e discentes no trânsito entre o passado e o presente”** (código: PI03783-2019) desenvolvida dentro do *Projeto de Extensão*: **“Ensino-aprendizagem em artes: Abrindo diálogos entre a universidade e a escola”** (código: PJ046-2023), vinculado ao



Programa “UFG com a ESCOLA” (código: PG018-2019), todos eles pertencentes à Universidade Federal de Goiás (UFG).

A responsável por esta pesquisa e pelo projeto é a professora **Kelly Christina Mendes Arantes**, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Caso autorize a participação do(a) menor, pedimos que assine este documento em três vias — uma ficará com você, a outra com a pesquisadora e a terceira com a pesquisadora responsável pela Oficina de arte. A participação é **voluntária** e, em caso de recusa ou desistência, não haverá qualquer penalidade.

Se houver dúvidas, você pode entrar em contato com a pesquisadora: e-mail: kellymendes@ufg.br ou cel: (62) 98222-5040. Também é possível buscar informações junto ao **Comitê de Ética em Pesquisa da UFG (CEP/UFG)**, pelo telefone (62) 3521-1215, de segunda a sexta-feira, no turno da manhã. O CEP existe para garantir a proteção, o respeito e a dignidade dos participantes de pesquisas.

SOBRE A PESQUISA

O objetivo é utilizar fotos dos trabalhos produzidos pelos participantes durante a oficina e seus relatos sobre a experiência para lembrar momentos vividos e refletir sobre o ensino de arte e cultura visual no contexto das Artes Visuais. Pretende-se, com isso, desenvolver práticas pedagógicas que fortaleçam a autonomia dos participantes que contribuam para a conscientização dos Direitos Humanos e o fortalecimento da democracia.

A participação do(a) menor é muito importante, mas ele(a) poderá se recusar ou desistir de participar a qualquer momento, **sem nenhuma penalização**. Os riscos que podem ocorrer se relacionam ao constrangimento e vergonha ao se comunicarem diante ao grupo, mas estamos atentos para não deixar que situações desse tipo ocorram. A participação é **gratuita e voluntária**, sem custos para os participantes. Em caso de qualquer dano, a legislação assegura o direito de buscar reparação. **O sigilo e o anonimato da criança ou adolescente serão garantidos.**

Eu,.....,abaixo assinado autorizo.....a participar da Oficina Arte em Transição que ocorrerá na Escola de Arte do Centro Cultural Octo Marquês vinculada ao Projeto de Extensão “Ensino-aprendizagem em artes: Abrindo diálogos entre a universidade e a escola” (código: PJ046-2023) e parte da pesquisa “Fragmento de Memória: Construindo subjetividades docentes e discentes no trânsito entre o passado e o presente”.

Além disso, **AUTORIZO** a gravação de áudio, vídeo ou registro das imagens dos trabalhos produzidos, assim como, dos depoimentos do(a) menor supracitado(a) durante o período de realização do evento no dia 20/10/2025, bem como a veiculação da imagem de seus trabalhos e depoimentos em contextos acadêmicos (Aulas, Seminários, Congressos, Comunicações) para fins didáticos, de pesquisa e divulgação sem quaisquer ônus e restrições.

Declaro que:

- Tenho mais de 18 anos de idade;
- Fui devidamente informado(a) sobre os objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa;
- A participação do(a) menor é **voluntária** e pode ser interrompida a qualquer momento, **sem prejuízo algum.**



Autorizo a participação do(a) menor sob minha responsabilidade no projeto de extensão e pesquisa acima descrita.

Goiânia, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) **responsável**

Assinatura do(a) **adolescente**

Kelly Christina Mendes Arantes/ Assinatura da **pesquisadora** responsável

Jocy Meneses dos Santos Júnior/ Assinatura da **pesquisadora** responsável da Oficina

ANEXO 4 – PLANOS DE AULA DO GRUPO DE ESTUDOS

| Primeiro encontro: 05/04/25 | |
|-----------------------------|---|
| Tema: | E pessoas trans e travestis fazem arte? |
| Objetivo: | Refletir sobre a presença de pessoas trans e travestis no sistema artístico, considerando desafios e possibilidades |
| Metodologia: | Início da construção do mural “Que artistas trans e travestis eu conheço?” e das intervenções no diário do grupo (a serem continuadas durante os encontros). Leitura em sala. Divisão em subgrupos para leitura e discussão dos textos, seguida de apresentações criativas. Roda de conversa sobre as produções criativas. |
| Recursos didáticos: | Apresentação de slides. Post-its. Diário. Textos em formato .pdf, distribuídos via grupo no aplicativo WhatsApp. Materiais variados para escrita, desenho e colagem. |
| Avaliação: | Análise posterior de falas, escritas e artefatos visuais produzidos. |
| Referências: | Vulcanica Pokaropa (2020; 2022). |
| Segundo encontro: 26/04/25 | |
| Tema: | Arte? Artista? Trans? |
| Objetivo: | Pensar sobre o que estamos falando quando falamos sobre “arte” e “artista”, isoladamente e em conjugação com a palavra “trans”. |
| Metodologia: | Leitura em casa. Momento poético: leitura coletiva de trechos do livro “Dezessete”, de Beta Reis (2020). Apresentação em duplas dos textos (contendo breve apresentação da autoria enfatizando biografia, currículo e outras produções, ideias centrais do texto e passagens importantes). Produção criativa individual, a partir de fotografia. Roda de conversa sobre as produções criativas. |
| Recursos didáticos: | Post-its. Diário. Textos em formato .pdf, distribuídos via grupo no aplicativo WhatsApp. Ficarà a critério de cada dupla/participante definir os recursos a serem utilizados na apresentação dos textos. Materiais variados para escrita, desenho e colagem. |
| Avaliação: | Análise posterior de falas, escritas e artefatos visuais produzidos. |
| Referências: | Helena Vieira (2024) e Agrippina Manhattan (2017). |

| Terceiro encontro: 31/05/25 | |
|------------------------------------|---|
| Tema: | Performances artísticas? Performatividade de gênero? |
| Objetivo: | Considerar os múltiplos significados do verbo “performar”, buscando compreender nossas próprias performances como atos estéticos e políticos. |
| Metodologia: | Leitura em casa. Momento poético: leitura coletiva da coletânea “Todo mundo é gente”, de Brisa Rebouças / Poetrava (2025, no prelo). Apresentação em duplas dos textos (contendo breve apresentação da autoria enfatizando biografia, currículo e outras produções, ideias centrais do texto e passagens importantes). Produção criativa: autorretratos (individual para pessoas cis, coletivo para pessoas trans). Roda de conversa sobre as produções criativas. |
| Recursos didáticos: | Post-its. Diário. Textos em formato .pdf, distribuídos via grupo no aplicativo WhatsApp. Ficará a critério de cada dupla/participante definir os recursos a serem utilizados na apresentação dos textos. Materiais variados para escrita, desenho e colagem. |
| Avaliação: | Análise posterior de falas, escritas e artefatos visuais produzidos. |
| Referências: | Ian Habib (2022) e Thi Gresa (2021). |
| Quarto encontro: 14/06/25 | |
| Tema: | O que é representatividade? |
| Objetivo: | Questionar formas de representação, considerando quem as faz e como são feitas, tomando esse como um caminho para desvencilhar a arte da perpetuação de estereótipos. |
| Metodologia: | Leitura em casa. Momento poético: leitura coletiva de trechos da coletânea “Transcritos”, de autorias diversas, organizada por Luciana Lhullier (2025). Apresentação em duplas dos textos (contendo breve apresentação da autoria enfatizando biografia, currículo e outras produções, ideias centrais do texto e passagens importantes). Produção criativa: autorretratos (individual para pessoas cis, coletivo para pessoas trans). Roda de conversa sobre as produções criativas. |
| Recursos didáticos: | Post-its. Diário. Textos em formato .pdf, distribuídos via grupo no aplicativo WhatsApp. Ficará a critério de cada dupla/participante definir os recursos a serem utilizados na apresentação dos textos. Materiais variados para escrita, desenho e colagem. |
| Avaliação: | Análise posterior de falas, escritas e artefatos visuais produzidos. |

| | |
|----------------------------------|--|
| Referência: | Renata Carvalho (2022). |
| Quinto encontro: 12/07/25 | |
| Tema: | Por que pensar (contra) o cânone? |
| Objetivo: | Traçar caminhos que confrontem ou escapem de um cânone artístico que não nos representa ou nos representa mal. |
| Metodologia: | Leitura em casa. Momento poético: leitura coletiva de trechos do livro “Bricolagem Travesti”, de Maria Léo Araruna (2019). Construção de mural com palavras-chave referentes às aprendizagens no primeiro ciclo. Apresentação em duplas dos textos (contendo breve apresentação da autoria enfatizando biografia, currículo e outras produções, ideias centrais do texto e passagens importantes). Produção criativa individual, a partir de placas de sinalização. Roda de conversa sobre as produções criativas. |
| Recursos didáticos: | Post-its. Diário. Painel, cartões e alfinetes para construção do mural de palavras-chave. Textos em formato .pdf, distribuídos via grupo no aplicativo WhatsApp. Ficar a critério de cada dupla/participante definir os recursos a serem utilizados na apresentação dos textos. Placas de sinalização. Materiais variados para escrita, desenho e colagem. |
| Avaliação: | Análise posterior de falas, escritas e artefatos visuais produzidos. |
| Referência: | Megg Rayara Gomes de Oliveira (2025). |
| Sexto encontro: 16/08/25 | |
| Tema: | Como podemos inventar outros futuros? |
| Objetivo: | Fabular e confabular possibilidades de vida, no mais pleno sentido do termo. |
| Metodologia: | Leitura em casa. Momento poético: leitura coletiva do livro “Penso, logo nada sei”, de Safira Machado (2024). Apresentação em duplas dos textos (contendo breve apresentação da autoria enfatizando biografia, currículo e outras produções, ideias centrais do texto e passagens importantes). Produção criativa coletiva, a partir de espelhos. Roda de conversa sobre a produção criativa. |
| Recursos didáticos: | Post-its. Diário. Textos em formato .pdf, distribuídos via grupo no aplicativo WhatsApp. Ficar a critério de cada dupla/participante definir os recursos a serem utilizados na apresentação dos textos. Espelhos. Materiais variados para desenho e pintura. |
| Avaliação: | Análise posterior de falas, escritas e artefatos visuais produzidos. |

| | |
|----------------------------------|--|
| Referências: | Ventura Profana (2020) e Isadora Ravena (2022). |
| Sétimo encontro: 13/09/25 | |
| Tema: | Que narrativas queremos construir? |
| Objetivo: | Exercitar nossa imaginação para criar as histórias que gostaríamos que existissem, negando os roteiros limitados e limitadores que não queremos interpretar. |
| Metodologia: | Leitura em casa. Roda de conversa sobre os textos. Oficina de escrita criativa com a autora Beta Reis. Produções criativas individuais e coletiva. Roda de conversa sobre as produções criativas. Atividade para casa: produção em casa de uma obra bidimensional, entre as dimensões A3 (29,7 cm x 42 cm) e A2 (42 cm x 59,4 cm), e escrita de um texto curto, de até 300 palavras, relacionados às vivências no grupo. |
| Recursos didáticos: | Post-its. Diário. Textos em formato .pdf, distribuídos via grupo no aplicativo WhatsApp. Materiais variados para escrita. |
| Avaliação: | Análise posterior de falas, escritas e artefatos visuais produzidos. |
| Referências: | Maria Léo Araruna (2022), Noá Bonoba (2021) e Diana Salu (2021). |
| Oitavo encontro: 11/10/25 | |
| Tema: | Transmutações |
| Objetivo: | Organizar a exposição com trabalhos desenvolvidos dentro e a partir dos encontros do grupo. |
| Metodologia: | Roda de conversa sobre as experiências no grupo. Retomada da construção do mural com palavras-chave incluindo aquelas referentes às aprendizagens e desaprendizagens no segundo ciclo. Finalização do mural “Que artistas trans e travestis eu conheço?” e das intervenções no diário. Início da montagem da exposição. Montagem da exposição. |
| Recursos didáticos: | Post-its. Diário. Painel, cartões e alfinetes para construção do mural de palavras-chave. Textos em formato .pdf, distribuídos via grupo no aplicativo WhatsApp. Espaço físico e materiais para a montagem da exposição. |
| Avaliação: | Análise posterior das falas e dos artefatos visuais produzidos. Autoavaliação. |
| Referências: | Princesa Ricardo Marinelli (2023) e HBlynda Morais de Holanda e Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda (2024). |

ANEXO 5 – CADERNO DE LEITURAS DA EXPOSIÇÃO

1

O sabor da própria carne

Orl3nd4

Colagem com recortes da revista “Superinteressante”, 1997

Recorto o ano em que nasci para provar o gosto do tempo.
Entre petróleo e serpentes, o mundo mastiga a si mesmo — faminto de futuro, cego de desejo.
Cada palavra arrancada da revista é uma ferida antiga que reaprendo a lamber.
O corpo e a Terra, feitos da mesma fome, continuam vivos porque ainda se devoram.
Na arte, talvez, o beco tenha saída: uma digestão lenta do que fomos, um recomeço entre ruínas.

2

Falta sutileza?

Marcos Araújo

Busco na representação de formas lúdicas o reencanto por histórias de dor e sujeição, como possibilidade de pensar criticamente a conformação dos corpos às linhas duras que regem os sistemas que ordenam o mundo. Perceber as estruturas que conformam meu corpo me faz buscar por transformação, tendo a autodeterminação como processo de libertação do meu destino sócio-histórico como sujeito, visando superar uma condição de adoecimento. A imagem bovina representa um período de condicionamento e adestramento: a infância. O corpo bovino se projeta como uma sombra do passado que emerge em sonhos ao mesmo tempo em que assombra o destino colonial e agroextrativista do país. Do diabo ao boi nomeio-os “chifrudos”, figuras despersonalizadas que carregam o peso da generalização, seres intrinsecamente coletivizados, que vivem em grupos, e agora buscam se sobressair e determinar seu próprio destino. Os chifres são a reivindicação de um poder pessoal que é renegado à imagem desses corpos tidos como dóceis ou subalternos.

3

Renascimento

Vênus Ishtar

Durante a nossa passagem na terra, é tirada de nós a nossa essência.
Desde pequenos, somos ensinados a ser menino ou menina, limitando o eu.
Crescemos sem saber ao certo o que somos.
Sendo pessoas robotizadas, abraçamos o que foi imposto sobre nós e começamos a viver dessa forma.
Em algum momento, cansamos — restando apenas a fuga.
Mas é impossível fugir de nós mesmos.

Por muito tempo, me perguntei: quem sou eu?
Incansavelmente, fiz essa pergunta a mim mesma.
A resposta foi um vazio — totalmente escuro, um abismo.
E, por um tempo, tive medo da escuridão.

Mas quer saber de uma coisa?
Irei me aprofundar nesse abismo até me conhecer.
Sou mais do que um gênero, mais do que uma cor.
Na escuridão, criei raízes.
Das raízes, nasceram galhos.
Dos galhos, flores.

E, entre flores, encontrei um portal — um novo mundo, uma nova forma de ver.

Renasci, enraizei, floresci e voei.

Dou boas-vindas a Vênus Ishtar, vivendo sem lei.

4

o que eu sou ainda não tem nome

jocy jr

antes que eu pudesse entender quem eu sou, o mundo me nomeou. e eu acreditei. me ressinto do mundo. me ressinto de mim. eu lembro que, criança, eu não entendia por que as pessoas falavam que eu era algo que eu ainda nem sabia o que era. eu nem sabia quem eu era. mas todo mundo aparentemente sabia. as palavras ditas sobre mim, com um humor odioso, eram proferidas como xingamentos. lembro que, mesmo sem entender, elas me geravam uma confusão triste. eu nem sabia quem eu era. mas eu não queria ser aquilo que me nomeavam. parecia sujo. parecia errado. ia deixar minha família triste. mesmo assim, eu não tinha forças para recusar. o nome que me deram parecia um fato consumado. uma maldição. com resignação, eu aceitei o rótulo. vivi com ele. no automático. um bom tempo depois, o abracei. fiz as pazes com ele. fiz as pazes comigo. apesar de serem ditas como algo odioso, não havia nada de errado em ser o que aquelas palavras nomeavam, afinal. mas, para a minha surpresa, eu comecei a descobrir outros nomes. outras possibilidades de ser. desde então, me tornei experimento. meu próprio experimento. tomei as rédeas da minha nomeação. vou me nomear como eu quiser. vou viver coisas que nem nome tem. e não vão mais me importar os nomes que me derem. o que eu sou ainda não tem nome. ou talvez tenha. o meu nome.

5

Autorretrato

Nick

Esse desenho, que também é pintura, foi feito sobre um papel rasgado, com todo tipo de material que considere adequado para me registrar, registrar o que penso, como me sinto, como me apresento. Me entendo nesse lugar onde todas as coisas que não foram feitas para se misturarem podem fazer sentido juntas.

Escolho a imagem dos ossos que dançam e estalam como suporte para os diálogos entre as cores, sempre vibrantes e intensas, e os efeitos diferentes que cada material permite. Cada linha traz uma sensação, uma ideia, um gesto, distintos e complementares, compondo um mapa de todas as possibilidades do eu.

Participar do grupo e poder compartilhar das vivências e perspectivas me deu segurança para pensar na minha própria identidade, em como e com quem eu quero compartilhá-la.

6

Certidão de Trans-Nascimento de Inteiro Teor

Arthur Abreu

Esses dias, enquanto organizava umas coisas em casa, encontrei um quadro encostado no chão, com a face voltada para a parede, como se a moldura sentisse vergonha do próprio reflexo. Quando virei, dei de cara com um presente que ganhei da minha digníssima bem no início do namoro, daquelas artes encomendadas que mostram o mapa do céu no momento do meu nascimento: constelações, data, hora, coordenadas. Uma espécie de certidão celeste de quando eu cheguei ao mundo.

A moldura já estava encostada há um tempo, por um bom motivo: ao centro dessa cartografia astral estava escrito um nome que já não me pertencia mais. Um nome pelo qual tive sempre muito orgulho de responder, mas que hoje não faz jus ao meu processo transitório.

Foi então que decidi reaproveitar o presente. Não para apagar o passado, mas para ressignificar e traduzir para quem sou hoje. Sobrepus camadas, texturas, fragmentos de corpo e de cosmos e fui reconstruindo quem hoje me habita.

Hoje, esse quadro não mostra mais apenas o céu que me viu nascer, mas também os universos que nasceram dentro de mim.

7

Autofagia

bicho li

No processo de aprender a habitar meu corpo monstrans, as miradas são balas no peito.

Às vezes doem, me paralisam, outras não me abalam, lembro que são balas de plástico.

Um espírito me visita todos os dias, me fala para alimentar um lago. A seu pedido, todos os dias acordo e me ordenho, *las tetas pesan muchísimo más en días secos*.

No lago tem muitos girinos, que viram possibilidades de ser, *de mi misma*, em outras dimensões-tempos-espacos. Viram pássaro, viram cachorro, viram nuvem, chovem, choram, viram cogumelos, se comem e voam. Também viram masculinidade, viram feminilidade, viram o limiar sem forma, sem jeito. No limiar, começam os sonhos, nos sonhos me vejo *hermoso*.

Eu gosto da possibilidade de não ser algo fixo, gosto de fantasiar com modificar *mi cuerpo*, para fazê-lo por fim meu, roubá-lo e descolonizá-lo, curá-lo de todos eles. Fantasio com cortá-los e deixar de alimentar o lago de incertezas, inseguranças. Quero abrir um caminho livre e plano em meu torso para as línguas deslizarem sem obstáculos até alcançarem minhas múltiplas *genitales* biomórficas. Até o desejo nos foi implantado, encharcado em agrotóxicos, por isso precisa de terra nova, fértil, para fazê-lo florescer, um desejo político mais gentil, mais frutífero, mas simbiótico entre todas as coisas e eu e entre eu você nós e todas as não coisas.

8

Espelho

Vanessa Gênese

Arte em Transição me ensinou a olhar para dentro. Nesta obra, eu me vejo num buraco sem fundo, uma ferida aberta, e não sei se é melhor deixá-la cicatrizar ou rasgar ainda mais. E algo que ainda tento entender é se lá dentro sou ou o que quero ser ou o que esperam de mim.

9

Indestrutível

Karine Rodrigues

A importância do Grupo de Estudos Artes em Transição para mim reside no fato de que, por meio dele, pude conhecer o trabalho de artistas trans e artigos escritos por pessoas transgênero. Para a minha obra, escolhi o símbolo transgênero e um trecho da música Indestrutível de Pablo Vittar: “Essas feridas vão se curar”. Essa escolha se justifica porque a arte de pessoas trans também pode falar sobre a cura e o lado positivo de ser uma pessoa transgênero.

10

Memória I**Confabular a não binariedade****César**

“Memória I” e “Memória II” tratam da minha experiência com o grupo de estudos que, durante 4 meses de convívio com as pessoas que fizeram parte desse coletivo, não poderia ter menos relevância na produção de minhas obras. Logo, dediquei duas às recordações dos nossos encontros: os sapatos amarelos da Jocy, o seu cachorro Meu Bem, os *fumo break* que fiz algumas vezes com a Mikaela e outros eventos que ocorreram nas delimitações do Edifício Parthenon e fora dele. “Confabular a não binariedade” é o trabalho que foge um pouco dessa coisa mais voltada à subjetividade provocada pela memória. A pintura toma como embasamento o texto “Confabulando o agora para mirar no amanhã: a não binariedade como outra inteligibilidade”, da HBlynda Moraes de Holanda, mais especificamente um trecho em que ela denota a não binariedade como algo não exclusivamente masculino e não exclusivamente feminino, mas a experiência com o gênero, tomando-o como algo fluido e individual. Partindo dessa observação quis experimentar com os meus próprios conhecimentos de gênero, num processo criativo como o de Caetano em “Anjos Tronchos”. Decidi pintar e escrever sem me aprofundar muito mais do que eu já sabia sobre o tema, sendo eu mesmo uma pessoa não binária, esperando que essa experimentação me ensinasse ao longo do processo.

11

Assistencialismo Barato (de quatro pelo preço de uma)**Jeanne Jardini da Silva**

Em 2023, produzo a nossa “Hecatônquia”, a junção do corpo de duas amantes em forma mitológica de cem membros emendadas em uma. Viver, amar, e ser, tudo o mesmo processo, complexo e misterioso, é assim que vem chegando o embotamento afetivo. Viva (eu pareço), amada (eles[nós] tentam/os), e vir sendo boneca não é fácil, assim surge “Embonecamento” em 2024. E, de quatro, eu entendo, falta mais um pé, não quero ser tripé, quero ser quadripé, mesa, não? Viva, amada, **sou**, mais uma coisa... Repartido na superfície das minhas costas, o transitório. Isso aqui logo vai passar, cada um pega a parte que quiser, porque em 2025 tem “Assistencialismo Barato (de quatro pelo preço de uma)”. Ano que vem, eu vou sentir muitas saudades do grupo Arte em Transição, aqui é minha casa meu povo, eu sou feliz por ser quem eu sou, com quem eu estou, não se deixe enganar não! Eu me amo!! Eu nos amo!!! Eu te amo!!!!

*Quando escrevi esse texto, pensei que “Embonecamento” estava guardada, em algum lugar, segura. Pra travesti não tem lugar seguro, dentro da minha própria casa... me jogaram fora, da mesma forma que escrevem a frio aço quente na minha pele “Jesus”. Imaginem, um papel sujo de terra vermelha, nele talhado a navalha a imagem de uma garota, a boca costurada por grampos. Essa é a boneca, ela tá aí, em algum lugar, e eu vou vagar nesse plano terreno desgraçado até encontrá-la.

12

As Solitudes II**Lixão Podre**

tenho pensado sobre o quão sozinhos nos sentimos, mesmo tão juntas, tão unidas e tão amigas. mas no fim sempre falam – e se abre uma outra teia – o quão fódidos estamos, o quão tristes estamos. decidi colocar esses sentimentos pra conversar, e agora, na tela, vejo o quão diferentes eles são entre si, mas também o quão próximos e apertados eles ficam. não tem nada tão ruim que não possa ser tocado. não tem infecção tão mortal, não tem ferida tão profunda que me impede de ver quem está agonizando do meu lado. a diferença entre dor e sofrimento é essa. sua dor é sua, mas o sofrimento é nosso. por mais difícil que seja reconhecer, estamos todos tristes e fódidos, mas não sozinhos. algum

dia, vamos todes pintar flores e sorrisos, mas agora não, ainda dói estar aqui, mas quando nos encontramos, é bom sofrermos juntas.

13

Transmasc que entende a música house **machocídio**

Essa obra nasce de um estado de anestesia. De um corpo que quer esquecer, que quer fritar, que quer dançar até não sentir mais o peso das coisas.

Pertencimento

Exclusão

Performance

A pintura traz uma tensão entre toque e recusa, entre a cor e o vazio, entre o prazer e o cansaço. É o retrato de uma subjetividade que vive entre o ruído e o silêncio, entre o gozo e a exaustão.

Influenciada pela cultura clubber, punk e queer, a obra assume o corpo como manifesto. O corpo que dança é o corpo político. O corpo que fritar é o corpo que tenta sobreviver. A estética do exagero, da cor, da maquiagem, do sangue e da performance.

É sobre existir no ruído.

É sobre querer esquecer e, ao mesmo tempo, se afirmar.

14

Corpos em transição **Itandehuy Castañeda Demesa**

A maternidade é um furacão de hormônios e mudanças radicais. A partir destas transformações, iniciei a refletir sobre como os corpos da gente sempre estão em constante transformação e transmutação. Nunca somos as mesmas. Faz pouco mais de um ano que virei mãe. A pressão social pela definição do gênero de uma criança é tão forte que chega antes do nascimento. As práticas sociais dos chás revelação é uma mostra disso. Pessoalmente, optei por tentar continuar dando a possibilidade à minha pequena criatura de ter o poder de escolher quando chegar o momento. Acho importante deixar as crianças viverem sem a pressão do gênero.

15

Salada Light **Maju Desiderio**

De todas as coisas que posso ser, escolho ser eu mesmo — esse ser abstrato que existe no “não”, que recusa todos esses sistemas e resiste por meio do turbilhão de palavras e imagens que habitam minha mente.

Encontrar signos e símbolos de semelhantes, dissidentes de gênero, é para mim uma celebração, um alívio e uma grande inspiração. Existimos todos e resistimos juntos por meio de uma arte que também recusa todos esses sistemas.

Me encontrei e me reconfigurei nos últimos meses. De tantas mortes e renascimentos, surgiu esse novo ser que se diz e se sente artista — e, desse artista, nasce uma obra que tem palavras demais, que expressam demais essa identidade, essa ânsia, essa fome, essa vontade de viver como um ser transgressivo e único.

ANEXO 6 – PLANO DE AULA DA OFICINA

| | |
|---------------------|--|
| Tema: | “O que eu gostaria de transmutar?” |
| Objetivo: | Investigar como a arte pode expressar e até mesmo promover deslocamentos em nós e na sociedade. |
| Metodologia: | <p>A proposta toma inspiração e é uma adaptação da "Oficina de Embaralhamento" proposta por Maria Léo Araruna (2022). Dividida em quatro momentos:</p> <p>1: Escute as músicas “Flua”, de Majur, e “Você não existe”, de Potyguara Bardo, enquanto rabisca uma folha de papel A3. Deixe a mão e o pulso desenharem, de forma dançante, rítmica, junto das músicas.</p> <p>2: Quando a música parar, corra para a folha rabiscada, vire-a do avesso — para a parte toda em branco — e comece a escrever todas as palavras que vierem à sua cabeça. Se vier algo que você considere nada a ver, esquisito, fora do contexto, escreva mesmo assim. Nada precisa ter sentido. Se vierem sentimentos que você considera não válidos, errados, expresse-os da mesma forma. É uma brincadeira, mas também um ato de coragem, pois você deve se permitir se deixar levar por tudo que despontar na sua mente.</p> <p>3: Pense se e como o rabisco e o rascunho se relacionam com as obras que você viu na exposição “Transmutações”. Surgiu alguma mudança que você gostaria de fazer em você ou na sociedade? Qual?</p> <p>4: Vamos desenhar e escrever, coletivamente, no papel 150x50cm, as transmutações que desejamos? Leve suas ideias e negocie com as demais pessoas para decidir, conjuntamente, o que farão, sem perder de vista a individualidade de cada uma. Exercite a escuta. Tracem um plano em grupo. Como você pode contribuir para torná-lo realidade? Tomadas as decisões, é hora de colocar a mão na massa!</p> <p>O resultado será emoldurado e incorporado à exposição.</p> |
| Recursos didáticos: | Papel A3. Papel 150x50cm. Moldura. Lápis. Caneta. Marcadores. Lápis de cor. |
| Avaliação: | Análise posterior das falas e dos artefatos visuais produzidos. Autoavaliação. |
| Referências: | Araruna (2022), Bardo (2018), Majur (2021). |